



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Instituto de Psicologia  
Programa de pós-graduação em Psicanálise

Eliane dos Anjos Nunes Grizotti

A causa secreta da perversão

Rio de Janeiro

2019

Eliane dos Anjos Nunes Grizotti

## A causa secreta da perversão

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao programa de pós-graduação *stricto-senso* em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração em Pesquisa e Clínica em Psicanálise.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Nadiá Paulo Ferreira

Rio de Janeiro

2019

Eliane dos Anjos Nunes Grizotti

A causa secreta da perversão

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao programa de pós-graduação *stricto-senso* em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração em Pesquisa e Clínica em Psicanálise.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Nadiá Paulo Ferreira (Orientadora)  
Instituto de Psicologia da UERJ

---

Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge  
Instituto de Psicologia da UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Claudia Braga de Andrade  
Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
(UNIRIO)

Rio de Janeiro

2019  
**AGRADECIMENTOS**

Ao meu marido, Henrique, por seu incentivo, generosidade e pela presença amorosa e paciente em todos os momentos deste percurso, fato que tornou possível concretizar este desejo.

Aos meus amados filhos, Stephanie e Pedro Henrique, por alimentarem meus sonhos com amor e paciência e compreenderem as horas roubadas em nosso convívio.

Aos meus pais, Adelba e Julio, e aos meus sogros, Benedicta e José, pelo incentivo e carinho.

À minha orientadora, Professora Doutora Nadiá Paulo Ferreira, pelo rigor, pela escuta amiga, pelo incentivo e carinho durante toda jornada.

Aos professores doutores, Claudia Andrade e Marco Antonio Coutinho Jorge, pela contribuição recebida no exame de qualificação, a qual foi fundamental para a reelaboração da minha dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Psicanálise/UERJ, pela significativa contribuição neste percurso.

Aos amigos queridos do grupo de estudos, o qual nos dedicamos à leitura dos seminários de Jacques Lacan, o que em muito contribuiu para a realização desta dissertação: Evair Marques, Flávio Gárgano, Henrique Noronha e Lusia de Fátima Feijó Machado.

Aos funcionários do Programa de Pós-graduação em Psicanálise/UERJ pelo suporte e eficiência, facilitando todas as questões administrativas a serem resolvidas.

Ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Psicanálise/UERJ, pela aprendizagem que incentivou e direcionou minha pesquisa e pela oportunidade de realizar um sonho.

Ao CNPq pelo auxílio concedido que viabilizou a realização do mestrado.

## RESUMO

A perversão, conceito de extrema importância para o estudo do psiquismo, possui múltiplos sentidos nos campos da psicanálise, psiquiatria e psicologia. Em função disso, consideramos importante fazer um levantamento bibliográfico, não só para mostrar a história deste conceito, mas também a diferença de abordagem feita por Sigmund Freud e Jacques Lacan. Por outro lado, no que diz respeito à perversão, deparamo-nos com outras dificuldades: o significante perversão utilizado como ilustração da maldade humana; a confusão entre o conceito freudiano de perversão polimorfa com a perversão como estrutura; e, por último, atos de extrema violência que são praticados por psicóticos que são nomeados de perversos. Por fim, o último capítulo da dissertação é a interpretação de um conto de Machado de Assis, *A Causa Secreta* (1885), em que surpreendentemente descobrimos que Machado, não só sabia o que era a perversão, mas também o gozo perverso.

Palavras-chave: Perversão. Psicanálise. Medicina. Psiquiatria. Gozo. Literatura.

## **ABSTRACT**

Perversion, a concept of extreme importance for the study of the psyche, has multiple meanings in the fields of psychoanalysis, psychiatry and psychology. For this reason, we consider it important to make a bibliographic survey, not only to show the history of this concept, but also the difference in approach made by Sigmund Freud and Jacques Lacan. On the other hand, with regard to perversion, we encounter other difficulties: the significant perversion used as an illustration of human evil; the confusion between Freud's concept of polymorphous perversion with perversion as a structure; and, lastly, acts of extreme violence that are practiced by psychotics who are named perverse. Finally, the last chapter of the dissertation is the interpretation of a tale by Machado de Assis, *The Secret Cause* (1885), in which we surprisingly find that Machado not only knew what perversion was but also perverse enjoyment.

**Key words:** Perversion. Psychoanalysis. Medicine. Psychiatry. Enjoyment. Literature.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>1 A PERVERSÃO</b> .....	7
1.1 <b>A etimologia da palavra</b> .....	8
1.2 <b>Concepções das perversões na cultura antiga</b> .....	10
1.3 <b>A perversão em outros campos de saber</b> .....	12
1.4 <b>As teorias psicológicas da perversão</b> .....	17
1.5 <b>O conceito de estrutura</b> .....	23
1.6 <b>Renegação (<i>Verleugnung</i>), a construção de um conceito para a perversão</b> .....	29
<b>2 A PERVERSÃO EM FREUD</b> .....	35
2.1 <b>O complexo de Édipo</b> .....	47
2.2 <b>Os tipos de perversões</b> .....	52
2.3 <b>O fetichismo</b> .....	57
<b>3 A PERVERSÃO EM LACAN</b> .....	62
3.1 <b>O esquema óptico</b> .....	62
3.2 <b>O estádio do espelho e a gênese do eu</b> .....	66
3.3 <b>O complexo de Édipo em Lacan</b> .....	70
3.4 <b>O desejo e suas vias perversas</b> .....	76
3.4.1 <b><u>A fantasia perversa</u></b> .....	78
3.4.2 <b><u>O caso freudiano da jovem homossexual</u></b> .....	82
3.4.3 <b><u>O fetichismo, a perversão das perversões</u></b> .....	87
<b>4 A VERSÃO LITERÁRIA MACHADIANA DA PERVERSÃO: A CAUSA SECRETA</b> .....	93
4.1 <b>Vida e obra de Machado de Assis</b> .....	93
4.2 <b>O conto <i>A causa secreta</i></b> .....	95
<b>CONCLUSÃO</b> .....	104
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	115

## INTRODUÇÃO

A perversão é um tema que me interessa há muito tempo, mas foi minha recente experiência, como professora bolsista no curso de Letras do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM-UFRRJ), que me instigou a fazer uma pesquisa sobre o tema.

Nessa prática docente, ao ministrar uma aula sobre estudos de gênero, me deparei com inúmeros questionamentos feitos por um grupo de alunos e percebi que seus discursos eram recheados de preconceitos. Esses alunos reproduziam discursos do meio social ao qual estavam inseridos. Mesmo ameaçada de ser denunciada para o *Movimento Escola Sem Partido*<sup>1</sup>, estimulei os alunos a expor suas opiniões sobre o assunto. Alguns deles recorriam à religião, e diziam tratar-se de uma perversão moral. Outros defendiam a tese de se tratar de algum distúrbio ou uma doença psiquiátrica. Ainda havia um grupo que defendia que a diferença entre homens e mulheres não podia ter como única referência a anatomia. Aqueles que reduziam a diferença sexual à anatomia vociferavam: – “Perversão! Perversos! Pervertidos!”.

Para muitos, a perversão representa o distanciamento de uma perspectiva moral, categórica e inflexível, além da ausência de sentimentos e de empatia. As caracterizações populares podem ir da depravação à malignidade.

“O que a psicanálise diz sobre a perversão?” – perguntaram os alunos. E foi a partir daí que resolvi estudar a perversão do ponto de vista do criador da psicanálise e de seu leitor fiel, Jacques Lacan. Colocar em pauta tal questionamento sobre as perversões não objetiva a defesa de qualquer ato tido como criminoso ou hediondo, mas evitar o reducionismo de uma associação direta entre a perversão e o monstruoso. O exercício reflexivo proposto nesse estudo sobre a perversão como estrutura visa apresentar aspectos que veiculam importantes

---

<sup>1</sup> O *Movimento Escola Sem Partido* é uma campanha político-social criada em 2004 e que se divide em duas vertentes: a da associação informal de alunos, seus pais e conselheiros e aquela que trabalha a partir da perspectiva do *Projeto Escola Sem Partido*. Esse movimento defende o ponto de vista de que há abusos na liberdade de ensinar, o que geraria uma larga contaminação político-ideológica que ocorreria do ensino básico ao superior. Há a presunção de que, frente a uma audiência cativa, o professor promova concepções, opiniões e preferências políticas e ideológicas que reflitam seu posicionamento no mundo, interferindo ativamente na educação moral e religiosa eleita pela família dos alunos. O combate ao suposto abuso no ensino vem pela tentativa de aprovação de projetos de lei que lhe deem amparo legal e pela divulgação de filmagens de aulas que abordem temáticas contrárias a aquelas aprovadas pelo movimento em questão. A divulgação desses testemunhos tem, ainda hoje, grandes repercussões, seja pelo alcance midiático que essa exposição atinge, seja pelos prejuízos à carreira profissional do professor exposto.

informações que podem mudar completamente o sentido de um termo tão utilizado em nosso cotidiano para, desta maneira, disseminar sua verdadeira causa secreta para a psicanálise. Portanto, para que o presente estudo alcance seu objetivo, será feita uma revisão bibliográfica e a utilização de uma obra literária que aborda o tema em questão.

O primeiro capítulo destina-se a apresentar um estudo sobre o termo perversão desde sua origem, as possíveis construções sociais e sua presença em outros campos de saber. Iniciaremos com a história primitiva até chegarmos aos dias atuais, passando pelos campos da antropologia, sociologia e a interface direito-medicina. As concepções pré-científicas e o posicionamento de algumas teorias psicológicas sobre a perversão fecham a primeira parte de nosso estudo.

O segundo capítulo traz o tema das perversões segundo Freud e como ele o desvenda com a genialidade que lhe é peculiar, iniciando por seu aspecto germinal e como se presentifica na teoria psicanalítica, de acordo com o avanço de seus estudos.

O terceiro capítulo trata das perversões segundo Jacques Lacan que, com seu retorno a Freud, desvenda importantes aspectos da psicanálise e nos brinda com informações imprescindíveis para a construção da presente pesquisa.

No quarto capítulo, sigo o caminho de Freud e Lacan ao dar um lugar de destaque para a literatura. Será apresentada a obra literária *A Causa Secreta* (1885) de Machado de Assis que aborda a perversão de maneira única e reveladora.

## 1. A PERVERSÃO

A psicanálise, em mais de um século de existência, se dedica mais aos estudos da neurose e da psicose do que da perversão. Entre os supostos motivos que permeiam esta diferença, há a hipótese de que a pouca incidência de produções científicas possa ser diretamente proporcional à quantidade de sujeitos perversos na clínica ou que há um não querer saber sobre a perversão.

No entanto, vários questionamentos sobre a perversão são feitos. Quem é esse sujeito? O sujeito perverso tem como característica uma personalidade perversa, no sentido de malignidade, fora dos padrões socialmente aceitos? Sua característica marcante é uma inclinação nefasta? Qual sua causa secreta?

Mesmo diante dessas incertezas, o material oferecido à sociedade em geral para responder as questões sobre a perversão é vasto, porém, pouco harmônico. São livros, matérias em sites e revistas de grande circulação que, em sua maioria, tendem a definir o perverso como um psicopata e, usualmente, o definem como pessoas que não possuem empatia, são insensíveis e tendem a uma sexualidade aberrante. A revista *A mente é maravilhosa*, de grande circulação, define o perverso como possuidor de “traços de agressividade e egoísmo, com uma escassa ou nula comunicação com seu entorno [...] não adaptados e impulsivos, ao mesmo tempo que buscam perfeição em todos os seus propósitos”<sup>2</sup>. Alguns autores associam tais definições à psicanálise, mas esse é o sujeito com uma estrutura perversa para esse campo de saber?

Os termos perversão e perverso em seus sentidos referenciais, definidos no Dicionário Houaiss são:

- perversão (lat. *perversio*) sf 1 Ato ou efeito de perverter (-se). 2 Corrupção, depravação. 3 Med Desvio ou alteração da normalidade de instinto ou julgamento por causa de um distúrbio psíquico.

---

<sup>2</sup> A mente é maravilhosa. *O castigo de nascer perverso*. Disponível em : <https://amenteemaravilhosa.com.br/o-castigo-de-nascer-perverso/>

- perverso (lat. perversus) adj + sm Que, ou quem tem má índole; malvado; traiçoeiro.

Na psicanálise, Freud forja seus conceitos de acordo com sua língua corrente, mas seu discurso traz “um senso (bastante) incomum” (ELIA, 2004, p. 8) que subverte o uso habitual dos termos para trazer novas perspectivas. Segundo o Dicionário de Psicanálise, as parafilias abrangem “práticas sexuais nas quais o parceiro ora é um sujeito reduzido a um fetiche (pedofilia, sadomasoquismo), ora o próprio corpo de quem se entrega à parafilia (travestismo, exibicionismo), ora um animal ou um objeto (zoofilia, fetichismo)” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 584).

No sentido lato, encontramos esses significantes sendo usados para designar ou parafilias (transtornos voyeurista, exibicionista, frotteurista, do masoquismo sexual, do sadismo sexual, pedofílico, fetichista e transvéstico) ou psicopatias (transtorno de personalidade antissocial), já que além dos aspectos sexuais, por volta dos anos 80, à perversão foi atribuída a conotação de malignidade, passando a ser usado como sinônimo de perversidade.

Sobre os estudos da perversão, temos Freud, já em 1905, se distanciando dos estudos de sua época e desvendando, passo a passo, as peculiaridades de uma terceira instância psíquica. Entretanto, ainda hoje, há controvérsias sobre o tema, o que revela sua complexidade e a conseqüente polêmica que se levanta ao seu redor.

### **1.1. A etimologia da palavra**

A palavra perversão não é inédita ou exclusiva do campo da psicanálise, possui uma variedade de sentidos, dependendo de quem e como a utiliza. Sua etimologia testemunha a variedade de designações que recebe ao longo do tempo. A importância do estudo etimológico é percebida por Lacan que, além de recorrer a ele, insiste que todos os analistas façam o mesmo.

A raiz etimológica de perversão (per+vertere) aponta para o sentido de desvio, designando o sujeito perverso como alguém que perturba a ordem ou o estado natural das coisas, além de adotar condutas contrárias àquelas consideradas como normais. Os exemplos dessa conduta peculiar são os casos de sadismo, masoquismo, exibicionismo, o voyeurismo, o travestismo, a pedofilia, a necrofilia, a zoofilia, entre outros (ZIMERMAN, 2012, p. 203).

Perversion, em francês, pertence à mesma série de *perversité*, *pervers*, *perversi*, e não deixa de ter interesse refletir sobre suas relações recíprocas. Examinemos primeiramente *perversion* e *perversité*: a origem é a mesma, tratando-se de empréstimos dos derivados latinos de *pervertere*, o primeiro deles registrado, (...) por volta de 1444, e o segundo, bem antes disso, por volta de 1190; o primeiro era sobretudo empregado no plural, e o segundo no singular; *perversões* designava comportamentos, enquanto *perversidade* denotava uma disposição permanente de caráter; por fim, as *perversões* eram condutas que se passavam na realidade dos atos de alguém, enquanto *perversidade* era uma falha mais ou menos grave que residia num sujeito. (LANTERI-LAURA, 1994, p. 26).

O *Online Etymological Dictionary*, também relaciona a palavra *perversão* com o desvio, a corrupção, a distorção ou o desvio de crenças religiosas. Também aponta para o sentido de desordem do comportamento sexual aceito e tido como normal (intercurso heterossexual com finalidade reprodutiva), no qual outros caminhos de satisfação sexual são requeridos.

O dicionário de *Émile Littré* (1863-77) define *perversão* como a transformação do bem em mal. Essa noção se amplia aos sentidos (*perversão dos sentidos*) e traz como exemplos os distúrbios de apetite e visão, respectivamente, a síndrome de *pica* e a *diplopia*. Aqui não aparece o sentido sexual da *perversão*.

No dicionário *Nouveau Petit Larousse Illustré* (1955), a *perversão* apresenta esta mesma definição, no entanto, o *perverso* é adjetivado como *depravado* e é equiparado à *corrupção* e ao *vício*.

Roberto Barberena Graña (1998) acrescenta algumas informações interessantes sobre a etimologia do termo *perversão*. Segundo esse autor, o latim *perversus* incluía em sua área semântica significados tais como “posto às avessas”, “contrário à justiça” e “inclinado ao mal”. Já o termo *pervertio* indicava “destruir as leis” ou “profanar as coisas ou cerimoniais sagrados” (p. 83). Na Idade Média, a palavra passou a designar os hereges e todos aqueles que abandonavam uma prática religiosa e a divindade, isto é, os detratores de um nome ou de uma instituição (FERRAZ, 2010, p. 25).

No século XX, prevalece a conotação de desvio sexual, sendo este sentido adotado pelos campos de saber que voltam seus olhares para tal questão.

Zimmerman (2012) aponta que alguns autores consideram como *perversos* os desvios alimentares (*anorexia* e *bulimia*), morais (*exploração da prostituição*), sociais (*psicopatias*) e políticos (*corrupção*).

## 1.2. Concepções das perversões na cultura antiga

Antes do estabelecimento da ciência, e apoiada em mitos e dogmas, muitas explicações teóricas são propostas para uma infinidade de assuntos. Os sujeitos desviantes não escapam à curiosidade humana, que tenta decifrá-los por meio de interpretações místicas e sobrenaturais.

Ao que parece, a crença nos espíritos maléficos ou benévolos como causa do comportamento desviante evidenciou-se desde os primórdios da história escrita. A substituição das explicações sobrenaturais pelas explicações naturalistas do incomum no comportamento e desenvolvimento humanos foi um processo lento, mesmo hoje incompleto. (TELFORD & SAWREY, 1988, p. 18)

Em sua origem, mitos se mostram adequados para oferecer respostas aos misteriosos fenômenos que podem surpreender o homem. Essa narrativa é capaz de explicar, à sua maneira, as possíveis causas dos fenômenos da natureza, dos acontecimentos, dos sentimentos, dos castigos. Assim, possuem a dupla função: explicar e reger. Com o tempo, os mitos passam de verdades absolutas para serem considerados como meras fábulas.

No entanto, por trazer em suas alegorias um impressionante repositório de símbolos, a mitologia possui narrativa adequada, ainda hoje, para ilustrar os mais variados fatos.

Alguns mitos estão presentes nos estudos da psicanálise, tais como: a tragédia grega de Sófocles, *Édipo Rei*, utilizada para ilustrar um importante período para a constituição do psiquismo, o complexo de Édipo; o mito original da horda primitiva que retrata o nascimento da cultura no texto *Totem e tabu* (1913-1914); a decapitação de Medusa, utilizada para representar o horror à castração. A cabeça de Medusa, símbolo mitológico do horror, foi usada por Ferenczi para ilustrar o horror que a criança experimenta ao se deparar com os órgãos genitais femininos, desprovidos de pênis.

Justamente por isso, resgato a versão mitológica das Górgonas, utilizada em sua época para ilustrar a temática das perversões. Trata-se de três irmãs, que simbolizam diferentes faces das perversões: perversão espiritual e evolutiva, perversão sexual e perversão social.

As Gorgónas são descritas como criaturas monstruosas, temidas por homens e deuses. Segundo Junito Brandão, em *Mitologia Grega, v. 1*, Górgona, em grego é Γοργόνα, sua forma mais antiga é Γοργώ (Gorgó), derivada do adjetivo γοργός (gorgós), que significa impetuoso, terrível, apavorante.

Junito Brandão, no mesmo livro, explica que Medusa, uma deslumbrante jovem que, violada por Posídon no templo de Atená, tem seu destino selado. Amaldiçoadas por Atená, Medusa e suas irmãs, Euríale e Estenho, se metamorfoseiam e a monstruosidade de suas novas formas passam a representar inequivocamente o que deve ser combatido. Nesse momento, passam a ser conhecidas, respectivamente, como semi-deusa da perversão espiritual e evolutiva (representando a estagnação), deusa da perversão sexual e deusa da perversão social.

Ainda hoje ousar falar sobre a perversão se assemelha a abrir a caixa de Pandora e expor todo o arsenal de males que a humanidade comete desde o início de sua existência. Ao longo da história outros registros trazem a descrição de uma série de violações do que entendemos atualmente por direitos humanos.

Aos poucos, os mitos caem e surgem os filósofos pré-socráticos com suas tentativas de investigar os fatos, baseados na observação e na racionalidade, sem usar o sobrenatural.

Tanto o aspecto sexual, quanto o moral imprimem sua importância, pois atravessam a sociedade como um todo, impactando as relações e a definição daquilo que é socialmente aceito. A possibilidade de regulação e o controle desses aspectos desperta o interesse de vários grupos, como o jurídico e o político, que utilizam o discurso científico para se apoiarem e assegurarem a conformidade dos aspectos comportamentais, através de mecanismos que podem estabelecer a ordem social por seus padrões e princípios morais. Cada campo de saber traz para a discussão a perspectiva que lhe é própria. Alguns grupos religiosos, por exemplo, também visam o controle destes aspectos, mas se apoiam em seus dogmas.

A sexualidade socialmente aceita no século XVI, grandemente influenciada pelos dogmas da igreja católica, é oficializada com o Concílio de Trento (1545-1563), que define os atos admitidos e os que devem ser denunciados ao santo Ofício. Os atos criminalizados, passíveis de punição, são aqueles que não estão de acordo com os rígidos moldes católicos. Esses moldes definem que o sexo deve existir apenas no casamento monogâmico, ter como único objetivo a procriação e que sua prática deve ser restrita às posições sexuais aceitas. Nessa época, dormir com negras solteiras não é considerado pecado, no entanto, o concubinato é condenado, assim como a bigamia e as relações sexuais realizadas por sujeitos do mesmo sexo.

Diante disso, múltiplas categorias de distúrbios psiquiátricos enquadraram aqueles que não corresponderam à prática legitimada em âmbito social ou sexual. Isso sentenciou grupos à

morte ou à reclusão em asilos ou prisões. Tais práticas são atualmente consideradas como verdadeiros processos de desumanização.

Na Era Vitoriana (XVIII- XIX) a sexualidade humana, alvo de drásticas mudanças em suas regras, sofre uma rígida repressão sexual. Segundo Foucault (1999), sua livre expressão é substituída pelo pudor moral e pelo silêncio em torno do sexo. A norma protagonista é a da família conjugal, cuja atividade sexual deve se limitar à função reprodutora. A partir dessa compreensão, a justiça torna-se atuante para que os comportamentos indesejados possam ser coibidos. Dessa forma, a justiça penal se faz mais presente e ativa em relação ao comportamento sexual da sociedade. As novas possibilidades que a época oferece abrem caminhos para que explicações de outra ordem surjam.

O sujeito passa a ser suposto pela ciência que, apesar de possibilitar sua aparição, o exclui do seu campo de operação. Isso porque, de acordo com o programa positivista, o homem não pode descrever a si mesmo. Somente após a efetivação de uma aliança entre o estudo psicológico e o método positivista essa perspectiva muda. O advento da psicologia, pautada em métodos experimentais, traz para a cena o conhecimento descritivo, obtido a partir de uma observação “imparcial”, para encontrar os aspectos particulares e gerais do homem. Segundo Lacan, no texto *A ciência e a verdade*, "o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência" (LACAN, 1966a, p. 873), ou seja, temos duas perspectivas distintas sobre o sujeito: uma é o sujeito da ciência e a outra é o sujeito da psicanálise.

### **1.3. A perversão em outros campos de saber**

Diante das diferentes e antagônicas concepções de perversão nos diversos campos de saber, faz-se necessário estabelecer a conexão entre o sentido da palavra e o ponto de vista teórico.

Freud recorre ao mito darwiniano para dar conta da origem do homem, sendo assim, parte de um pressuposto mítico para explicar a origem social e suas leis. Esse pressuposto é o parricídio de um pai terrível. Somente a ele é permitido gozar de todas as mulheres, as quais são proibidas a todos os filhos. O assassinato se dá pelas mãos de seus próprios filhos. Esse ato dá origem à Lei e ao gozo, que tem como marca a impossibilidade de gozo pleno e absoluto.

Seguindo os passos de Freud, buscamos vestígios de registros arqueológicos sobre sexualidade e sobre atos violentos. Ambos retratados, na pré-história, nas paredes de cavernas e posteriormente nas telas, versos, mitologias e lendas.

Registros desse período remoto estão presentes em todo o mundo e ilustram cenas do cotidiano, ritos religiosos, caçadas, sexo e atos de violência. No nordeste brasileiro, no Parque nacional da Serra das Capivaras, há pinturas rupestres emblemáticas, que retratam a sexualidade humana e a violência coletiva, no período quaternário, na época do holoceno e datam de 12-10 mil BP<sup>3</sup>. “Os seus vestígios são capazes de nos impressionar devido à riqueza de temas, que vão do trabalho social à luta, da sexualidade à maternidade.” (JUSTAMAND, 2011, p. 241). A autoria da arte ocorre a partir de suas características singulares, dessa forma é possível atribuir componentes de identidade do grupo que a produziu.

As pinturas de corpos antropomorfizados são testemunhos que evidenciam cenas de diversas práticas sexuais, tais como heterossexualidade, homossexualidade e zoofilia. Também eternizam registros de lutas sangrentas entre grupos rivais.

A antropologia, campo de investigação de costumes e práticas culturais, nos lembra de que tais aspectos não são rígidos e imutáveis. São, ao contrário, exclusivos de um meio social e se referem a um momento histórico específico. A diversidade pode ser testemunhada de maneira ampla ao observarmos os aspectos variados existentes entre as culturas e tradições presentes ao redor do mundo.

Essa diversidade é percebida em todos os domínios: na gastronomia, na religiosidade, na organização familiar e política, no vestuário, nas danças típicas, no que é lícito ou fere o bem jurídico, nas práticas sexuais aceitas ou repudiadas. A percepção da transitoriedade com relação aos valores e seu uso por determinado grupo social sempre deve ser levada em conta.

O comportamento humano pode variar amplamente, mas cada comunidade estabelece parênteses simbólicos em volta de um certo segmento dessa amplitude e limita suas próprias atividades dentro dessa zona demarcada. Esses parênteses são, de certa forma, as fronteiras da comunidade. (...) Formas de comportamento desviante, marcando os limites externos da vida do grupo, dão à estrutura interna seu caráter especial e assim fornecem o arcabouço dentro do qual as pessoas desenvolvem um sentido ordenado de sua própria identidade. (VELHO, 1974, p. 24)

---

<sup>3</sup> De acordo com a revista do Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo (1999), BP (*years before present*) é uma sigla usado para indicar o uso do método de datação por idade radiométrica C14. O “presente” foi definido como 1950. Desta forma, BP indica *antes do ano de 1950*.

Todas as vertentes do pensamento antropológico rejeitam a presença de um aspecto generalizável, defendem que as características de um grupo sejam mediadas por fatores históricos e sociais. Apesar de a antropologia considerar que o núcleo da sexualidade seja a reprodução, uma não equivale à outra, pois as demandas reprodutivas não explicam a sexualidade e correspondem a apenas uma pequena parte de um todo.

Dentro da vertente construtivista há uniformidade sobre a ausência de um significado fixo e universal do ato sexual, o ponto de debate está em como se constrói socialmente. Nesse aspecto divergente há desde a aposta de alguma construção singular até a perspectiva de que há apenas a construção cultural e histórica.

Para as abordagens tradicionais, a ideia da universalização é rejeitada, sendo a variabilidade enfatizada. A cultura é responsável pela maneira com que a sexualidade se expressa.

A atribuição de qualidade a algo ou alguém sofre influência direta da cultura e do momento histórico vivido por aquele que deve conferir juízo de valor. O que é lícito e aceito em uma época pode ser veementemente rejeitado e criminalizado em outra. A fixação desses valores traz a possibilidade de criar subsídios para que decisões legais possam ser tomadas dentro de uma determinada época. As violações de direitos, registradas no holocausto ou na escravidão, eram tidas como lícitas em sua época, embora muitos de nós nos envergonhemos por essas marcas na história da humanidade.

A sociologia é uma ciência que estuda os fenômenos sociais, mas sem emitir juízo de valor. Se adequa à transitoriedade, ou seja, fatos e realidade não são fixos. A partir do relativismo cultural, compreende os sistemas de valores como um processo típico de uma cultura. Os usos e costumes só podem ser inteiramente compreendidos por quem os integra, não há espaço para julgamentos inferidos por quem não faz parte da cultura em questão.

Dessa forma, a sociologia, em sua análise, esclarece que as regras e juízos podem ser historicamente considerados arbitrários, pois a concepção de repreensível ou patológico se modifica em relação ao tempo e ao grupo social observado. Os aspectos de organização e funcionamento sociais apontam para o que viola uma norma ou não.

A noção de desvio pressupõe a existência de um universo normativo. Não se pode falar de criminoso, de herético, de louco ou de perverso caso não se tenha antecipadamente ideias bastante claras sobre o que é justo e injusto, verdadeiro e falso, normal e patológico, bem e mal. Um ato de desvio é antes de tudo um ato reprovado, e não pode sê-lo caso não se tenha de saída uma ideia do que é reprovável ou não. (BOUDON, 1995, p. 415)

Boudon, em seu livro *Tratado de sociologia* (1995), ressalta que a concepção mais aceita entre criminólogos e sociólogos do desvio é que não há comportamentos desviantes sem rótulos prévios. Esses rótulos são entendidos como efeito da reconstrução de atos que, a partir da perspectiva de um grupo, são associados a um valor. Surge, dessa forma, o que é reconhecido como desviante, como as perversões e os crimes.

Por consequência, temos a criação de leis, que produzem um sistema generalista, para normatizar e regulamentar o que deve ser imposto à sociedade, em um dado momento histórico e a partir da necessidade social. Assim, para que a caracterização do desvio ou do crime possa ser dada, temos leis que são inéditas e outras que devem ser reelaboradas, na esperança de uma resposta frente à complexidade que se apresenta, em determinado contexto histórico e social.

No artigo 14, inciso I, do atual código penal brasileiro, temos a descrição do conceito de crime para a justiça, em que se define como consumado “quando nele se reúnem todos os elementos de sua definição legal”. De acordo com o *iter criminis*, o crime deve percorrer algumas etapas: cogitação, preparação, início da execução, execução e consumação (ROCHA, 2007, p. 717). A cogitação não caracteriza crime e, por conseguinte, não é punível, já que há meramente uma ideia, sem ofensa ao bem jurídico. Essa primeira etapa caracteriza-se pelo direito à perversão, ou seja, o ato de pensar em cometer o crime, mas sem os atos imprescindíveis para sua execução. A preparação são os atos necessários à execução do crime e normalmente não se caracteriza por uma ofensa ao bem jurídico. Os atos de execução dizem respeito à realização concreta dos elementos que compõe o crime. E a consumação é o alcance de todos os elementos que compreendem o crime em si. A descrição do crime é genérica e pode constituir elementos diversos e variáveis, de acordo com a normatização da sociedade em um determinado momento histórico.

A mutilação genital de meninas e mulheres pode ser citada como exemplo de um ato que, de acordo com o entendimento, pode ser da ordem da ofensa ao bem jurídico ou não, dependendo do contexto histórico, geográfico, social e cultural. A prática é legal e percebida como necessária em diversos países. Ao contrário, há inúmeras outras nações em que essa prática é considerada violenta e, justamente por isso, deve ser combatida. Outro exemplo polêmico está situado na Indonésia, na cultura Marind-Anim e sua peculiar socialização: com a aproximação da puberdade, os meninos devem fortalecer sua estrutura de homem com a transferência do princípio vital presente no sêmen. O menino é confiado a um mentor (tio materno) para que se torne um futuro homem e possa ter essa mesma obrigação no futuro. Em

nossa cultura, essa prática é conhecida como pedofilia, é altamente repudiada e condenada social e criminalmente.

Os exemplos fornecidos são impactantes e mostram o quanto as práticas sociais e o entendimento do que é legal pode mudar de uma sociedade para outra.

O objeto das ciências do comportamento individual talvez não seja um indivíduo dado, natural e universal, que pode variar seus modelos de comportamento de cultura para cultura, mas sim uma construção sócio-cultural, mesmo enquanto noção. (...) Para profissionais como os psiquiatras que se defrontam no seu dia-a-dia com pessoas de diferentes origens em termos de classe, estratos sociais, faixas etárias, regiões do país etc, essa questão se torna fundamental. Observa-se que não se trata de problemas de vocabulário, de palavras que possam não ter sido entendidas ou tenham sentido diferente, mas sim de noções fundamentais, cuja especificidade pode não ser captada numa primeira leitura ou por um esquema predeterminado. (VELHO, 1987, p. 97-98)

Mesmo sendo definido pela sociedade, o campo do direito não dá conta de elucidar alguns processos jurídicos, há de saber se aquele que cometeu o ato desviante é imputável ou não. Como forma de legitimar a normatização social, o campo do Direito recorre ao saber médico em busca de uma compreensão dos aspectos desviantes de sua época. A irregularidade sexual é associada às doenças mentais e, por isso, as classificações nosológicas dos sujeitos desviantes são requeridas. Dessa forma, todo e qualquer comportamento que esteja em discordância com as “leis da natureza”, ou fora da curva modal é definido como desvio e deve ser categorizado.

A denúncia do universo mórbido do crime não pode ter nem por finalidade o ideal de uma adaptação do sujeito a uma realidade sem conflitos. Isso porque a realidade humana não é apenas obra da organização social, mas é uma relação subjetiva que, por estar aberta à dialética patética que tem de submeter o particular ao universal, tem seu ponto de partida numa dolorosa alienação do indivíduo em seu semelhante, e encontra seus encaminhamentos nas represálias da agressividade. (LACAN, 1950 [b], p. 128)

Da interface Direito-Medicina, surge a patologização das condutas em psiquiatria, cujas mensurações possibilitam atribuir a capacidade do sujeito de se responsabilizar ou não por seus atos, de ser imputável ou não. Desta forma, mesmo sendo campos distintos, a psiquiatria forense e o direito penal comungam um objetivo comum. Estão interligados intrinsecamente na tentativa de entender as circunstâncias singulares em que um comportamento se dá para que, assim, o julgamento possa ocorrer de forma individualizada e

não apenas genérica e burocraticamente. A sentença condenatória tem o poder de mudar a vida do sujeito, para que a inquietação a cerca da imputabilidade diminua, o psiquiatra forense tenta iluminar o caso com argumentos científicos para que o magistrado o possa julgar. Para tanto, utiliza métodos e doutrinas que o apoiam a chegar a um diagnóstico capaz de indicar se há responsabilidade penal ou periculosidade.

Lacan em 1950 destaca, no texto *Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia*, que não há como compreender o crime ou o criminoso fora das referências sociológicas e traz a máxima de São Paulo “é a lei que faz o pecado”. Isso porque, não podemos esperar sujeitos adaptados a uma realidade sem nenhum conflito, pois a realidade humana está para além da organização social, é uma relação subjetiva que submete o particular ao universal e aliena o indivíduo em seu semelhante.

#### **1.4. As teorias psicológicas da perversão**

A perversão é um assunto abordado por diferentes modelos psicoterápicos. Cada versão traz aspectos distintos que revelam a perspectiva da sua posição teórico-clínica, o que evidencia o que é privilegiado nos fenômenos que se apresentam.

Esta ambiguidade e ausência de unissonância, entre as abordagens que se ocupam do tema, salientam a relevância de seu estudo e, embora não haja a pretensão de estabelecer uma verdade absoluta, distinguem a posição da psicanálise, para que possamos nos posicionar sobre tais discussões que levantam aspectos ora sexuais, ora morais.

Em ambos os casos de transgressão, temos na psiquiatria um percurso de sistematização do diagnóstico e reconhecimento de transtornos e condições patológicas da personalidade. A perversão, quando privilegiado o aspecto sexual, é designada como parafilia. No aspecto moral/social, temos os transtornos de personalidade perversa ou antissocial.

A perversão, segundo Valas em *Freud e a perversão* (1997), no final do século XIX e início do século XX, é categorizada como síndrome impulsiva ou obsessiva. A partir desse campo, inexplorado e recente, se constitui “uma sexologia com pretensões científicas” (VALAS, 1997, p. 11), pois, nessa época, as perversões sexuais se encontram à margem do campo da psiquiatria.

Assim, o termo perversão passa a ser largamente utilizado pela sexologia e pela psiquiatria para designar as práticas sexuais que se desviam da norma social. Em 1987,

porém, a terminologia psiquiátrica mundial substituiu a palavra perversão pelo termo parafilia, com o objetivo de minimizar a carga pejorativa que o termo anterior impunha. A etimologia de parafilia diz respeito à junção do prefixo grego *para* (em paralelo, ao lado de) e do substantivo *philia* (amor), apontando para as condutas praticadas fora do que é convencionalmente aceito.

Nesse trabalho, a perversão é abordada a partir dos preceitos da psicanálise de Freud e de Lacan, porém, explícito que a apresentação das perspectivas de outras abordagens teóricas não objetiva julgar ou apontar a melhor delas, mas expor as diversas perspectivas que aí estão e nessa distinção, verificar as considerações que se aproximam ou se afastam da perspectiva teórica eleita como norteadora dessa pesquisa. Algumas delas trazem a perversão como sinônimo de perversidade, outras preferem não se ater a classificações.

Nos manuais nosológicos, tais como o CID (Classificação internacional de doenças) e o DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), há a premissa da existência de referências comuns que classifiquem o que é apresentado no comportamento manifesto. Tais manuais de diagnósticos descrevem os sintomas comumente relacionados a determinado distúrbio, pois objetivam apontá-lo a partir dos sintomas descritos e inventariados, utilizando, para isso, a fenomenologia. As causas, porém, não são abordadas.

Essa busca por uma clara classificação que difira o normal e o patológico é antiga e pode ser observada, ao longo da história da humanidade, nas inúmeras tentativas de construção de sistemas que visam atribuir categorias a entidades mórbidas, conforme um critério estabelecido, de forma a compor uma iatrogenia, uma ciência do tratamento das doenças. Um dos sistemas mais difundidos na psiquiatria mundial é o do DSM. Esse manual, atualmente em sua quinta edição, é considerado como a “bíblia da psiquiatria”.

A perspectiva do DSM se difere muito da psicanalítica: a primeira privilegia o diagnóstico psiquiátrico numa abordagem sindrômica, a segunda defende os aspectos estruturais para além da fenomenologia. No entanto, a evolução desse manual, com novas edições, nos oferece um panorama de como o entendimento nosológico se modifica. Hoje é comum confundir uma síndrome clínica (psicopatia/parafilia) com uma estrutura psíquica (perversão).

Em *O lugar da psicanálise na medicina* (1966b), Lacan nos mostra que o saber científico está aí também para definir o que está dentro dos parâmetros aceitos, pois essa categorização sofre alterações com o passar do tempo. Como exemplo, cito o sentido comum, dado a homossexualidade, que se baseia na diferença anatômica dos corpos. Após o início dos movimentos LGBT+ e da reação dos classificados homossexuais nos protestos de

Stonewall, em Nova Iorque (1969), a despatologização da homossexualidade obteve uma grande vitória, quando em 1974 a comunidade médica abole do DSM-II o conceito de patológico.

(...) a medicina entrou em sua fase científica no ponto em que o mundo nasceu, mundo que a partir de então exige os condicionamentos necessários na vida de cada um à medida da parte que cada um desempenha na ciência, presente a todos em seus efeitos. (LACAN, 1966b, p. 9).

Em relação à perversão moral, temos a psicopatia, descrita em uma categoria nosológica do DSM-V como “transtorno de personalidade antissocial”, que se define a partir de uma escala do nível de funcionamento da personalidade, que vai de “pouco a nenhum prejuízo” até o “prejuízo extremo”. Em relação à perversão sexual, temos os transtornos parafilicos, categoria nosológica, que lista oito transtornos (transtornos voyeurista, exibicionista, frotteurista, do masoquismo sexual, do sadismo sexual, pedofílico, fetichista e transvêstico). Os critérios diagnósticos descritos consideram patológicos os atos que se repetem ou que são delituosos, pois, alguns deles, para obter satisfação, são potencialmente lesivos a outrem.

O termo psicopatia, do grego *psykhé* (alma) e *pathós* (doença), foi usado desde o século XIX, mas disseminado no início do século seguinte, a princípio, para designar doenças mentais. Ao longo do tempo, foi designado por comportamentos difíceis de explicar, personalidades fora do comum, funcionamento amoral ou imoral com comportamentos criminosos, personalidade psicopática. Aos poucos uma tipologia é construída e caracteriza a psicopatia como uma perturbação de personalidade, cujo início tem origem precoce e é causa de sofrimento do sujeito e àqueles a sua volta. A periculosidade e as violações das leis, associadas, são comumente conhecidas por sociopatia. A partir do DSM-IV a definição *Perturbação antissocial da personalidade* é adotada para designar psicopatia, sociopatia ou perturbação dissocial da personalidade.

O fato é que, até a década de 1980, era considerado perverso todo ato que parecia ter sido executado sem culpa, enquanto que hoje é assim considerado porque nos parece por demais destrutivo, ou seja, submetido à pulsão de destruição, para nos mantermos nas referências freudianas. Tanto naquela época quanto hoje, o que faz esses clínicos diagnosticarem um ato perverso, uma perversão ou mesmo a presença de um objeto fetiche, nada tem a ver com o que Freud buscou afinar para conceituar a perversão ao longo de sua obra. Como podemos deduzir do texto de Fingermañ e Mendes Dias (2005, p. 85), se o perverso é geralmente moralmente colocado do lado

do mal, é que por definição a sua condição, a condição de seu gozo incomoda. (ALBERTI, 2005, p. 348)

Dessa forma, o perverso passa a concentrar em si possibilidades deletérias e criminais no âmbito moral e/ou sexual, tal como a autoria de atos considerados transgressores, bárbaros, destrutivos, maquiavélicos, impulsivos ou cometidos sem culpa, sem portar a capacidade de amar ou de sentir empatia. A associação entre perversidade e perversão é atual e amplamente utilizada, no entanto, não podemos atribuir a esses termos uma equivalência sem contestar sua validade diante dos preceitos da psicanálise. Essa simetria entre os termos também se faz presente no meio psicanalítico, assim como sua associação com a maldade. No entanto, “um sujeito psicótico pode, perfeitamente, passar a um ato de grande perversidade, sem nem mesmo se dar conta disso, cegado que está para qualquer realidade que não seja a sua, alucinada.” (ALBERTI, 2005, p. 348).

A Terapia cognitivo comportamental, por sua vez, se difere da teoria freudiana por não levar em conta aspectos que são caros à psicanálise, tal como o inconsciente.

Essa abordagem estuda a relação entre os processos cognitivos, os afetos e o comportamento. Baseia suas formulações clínicas a partir das questões trazidas pelo cliente para, desta forma, desenvolver estratégias que o auxiliem em suas dificuldades. No entanto, não leva em conta a origem do sintoma relatado.

O psicoterapeuta faz o levantamento da história de vida e das atuais dificuldades, das situações ativadoras e dos fatores precipitantes, das possíveis crenças centrais e intermediárias. Com o intuito de complementar os dados colhidos em forma de entrevista, são utilizados instrumentos padronizados de registro, avaliação e medida que indicam a presença ou ausência dos transtornos descritos nos manuais nosológicos. De posse desses dados, pode levantar hipóteses diagnósticas e de trabalho. Ou seja, o diagnóstico psicopatológico é uma prática nesta abordagem.

Ao estudar a singularidade humana, são construídos instrumentos com critérios e escalas definidas: os testes psicológicos. Para auxiliar os peritos psicólogos ou psiquiatras no diagnóstico do transtorno de personalidade antissocial, há um instrumento utilizado para avaliar o grau de risco de reincidência criminal e para analisar possíveis traços de personalidade prototípicos de psicopatia: a escala PCL - R (Psychopathy Checklist Revised), de autoria de Robert D. Hare. Além do PCL há inúmeros outros testes, tais como escalas, inventários e testes projetivos, que são utilizados na construção do psicodiagnóstico do transtorno de personalidade antissocial ou do transtorno parafílico.

Outras abordagens psicológicas, assim como a psicanálise, não fazem uso de instrumentos de testagens que “mensurem” em escores a normalidade ou a patologia. Entretanto, esse fator partilhado não as aproxima de forma significativa. Para ilustrar a substancial diferença que marca a teoria freudiana das demais, três outras abordagens são apresentadas: existencialismo, gestalt-terapia e teoria humanista centrada na pessoa.

O pensamento filosófico existencialista surge por sua crítica ao racionalismo e ao espírito sistemático e contou com influências notáveis, tais como Kierkegaard, Sartre, Nietzsche, Husserl e Heidegger.

Embora alguns autores publiquem textos que relacionam o existencialismo às estruturas psíquicas, em que a perversão é apresentada como sinônimo de perversidade, para Sartre não há a possibilidade de pensar em mente, em estrutura mental, em eu interior. A consciência é uma abertura para os fenômenos, é intencional, já que a consciência é consciência de alguma coisa.

As questões de ordem psicológica, que podem surgir, são entendidas como acontecimentos concretos, que se formam a partir do histórico de relações do sujeito e que o fazem vivenciar uma contradição do ser.

O foco não é a cura de uma perturbação mental, é o encontro com a autenticidade de sua existência e a promoção da autonomia. O objeto do existencialismo é a própria existência nessa dimensão histórica, o que propicia, além do acesso ao mundo individual, uma reflexão sobre como se dá o relacionamento com objetos do mundo (ser-em-si), com os outros (ser-para-o-outro) e consigo (ser-para-si).

Para o existencialista, a ênfase é o ser-no-mundo, só nos descobrimos nele, com o ser em movimento, voltado para o futuro, para um constante vir-a-ser que tem aberto diante de si um campo de possibilidades. O sujeito é livre para escolher quem quer ser, assumindo de forma autêntica seu projeto de ser. Entretanto, ele também tem liberdade para trocar o original, já que é livre na escolha de quem quer ser e de como pode atingir seu objetivo. Com o autoconhecimento o sujeito é o autor de sua história, todavia deve assumir sua existência e as responsabilidades que lhe competem. Vale lembrar que a liberdade mencionada deve se adequar no mundo em que o sujeito existe.

Já a gestalt-terapia, criada por Frederick Perls, é uma abordagem que foca no aqui e agora e na fenomenologia. Perls, além de psiquiatra e psicoterapeuta alemão, foi um grande crítico da psicanálise. Abandonou a teoria das pulsões e destituiu a importância das lembranças.

Para ele, a gestalt-terapia é “uma filosofia que tenta estar em harmonia, em acordo com tudo mais, com a medicina, com a ciência, com o universo, com aquilo que é.” (PERLS, 1977, p. 33). Considera o organismo como um sistema que deve funcionar corretamente, caso contrário, a necessidade de que os desequilíbrios sejam corrigidos se revela, tal necessidade é um fenômeno biológico primário. Por haver inúmeros pontos de desequilíbrio em uma única pessoa, Perls traz o conceito de figura e fundo, que se pauta na lei de que uma situação mais urgente prevalece diante das demais para ser resolvida.

Atualmente, no entanto, surgem publicações cujos autores descrevem a perversão como sinônimo de psicopata ou de personalidade antissocial. O perverso é retratado pela “autoestima fortalecida, pela raiva e agressividade, com necessidade de controlar e dominar os outros, para não correr o risco de ser controlado e dominado por eles”. (TENÓRIO, 2012, p. 231)

Os indivíduos com este transtorno não se conformam às normas pertinentes (...) desrespeitam os desejos, direitos ou sentimentos alheios. (...) As decisões são tomadas ao sabor do momento, de maneira impensada, sem considerar as consequências para si mesmos ou para outros. (...) tendem a ser irritáveis ou agressivos e podem repetidamente entrar em lutas corporais ou cometer atos de agressão física (...) tendem a ser consistente e extremamente irresponsáveis. (...) demonstram pouco remorso pela consequência de seus atos. (...) podem acreditar que todo mundo está aí para "ajudar o número um" e que não se deve respeitar nada nem ninguém para não ser dominado. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 1995, p. 656-657).

A autora citada associa a perversão a contextos familiares autoritários, controladores e frustradores, que propiciam o afastamento emocional do perverso em relação aos pares. Há a presença de sentimentos de inferioridade, vulnerabilidade e impotência, no entanto, se utiliza da distorção secundária da autoimagem como defesa. Ou seja, o fundo desse sujeito é inferior, vulnerável e impotente, o que surge como figura é a superioridade, a força e o poder gerados pela identificação com seu "dominador".

Por sua vez, a teoria humanista centrada na pessoa, proposta por Carl Rogers, é uma abordagem não diretiva, o psicoterapeuta é um facilitador e deve tentar não liderar ou dirigir a sessão, além de adotar uma postura de total aceitação e apoio ao cliente. O uso do termo cliente foi adotado para contrapor conceito saúde-doença em que o sujeito doente procura a cura. O sujeito procura ajuda, mas está no controle para superar os obstáculos.

Nessa abordagem, os psicodiagnósticos são evitados, mesmo que com o intuito de direcionar o tratamento, pois há a crença de que isto possa afastar o cliente por colocá-lo em

uma posição de julgamento, que pode provocar a perda da confiança entre o profissional e o cliente.

Nesta proposta há a aposta de que o sujeito traz em si a tendência ao crescimento e a capacidade para alcançar sua maturidade. Mesmo que essa capacidade esteja latente, um clima psicológico adequado propicia a compreensão da causa do sofrimento.

Apesar das reticências acerca dos diagnósticos e enquadres nosológicos, podemos encontrar trabalhos com essa abordagem teórica que abordam a perversão como categoria clínica. Neles, o termo perversão aparece como sinônimo de perversidade e os sujeitos perversos são caracterizados como manipuladores, egocêntricos, agressivos, além de imunes a culpa ou ao remorso. A formação do quadro nosológico é descrito como fruto da falta de condições facilitadoras, em que “a “contaminação” das relações sócio-afetivas pautadas, sob a tutela da incongruência (desacordo interno), é fator da alta contribuição na instalação da variável perversa” (CURY & SALOMON, 2011, p. 157).

A abordagem rogeriana visa propiciar o desenvolvimento de um funcionamento psicológico saudável e, a partir da possibilidade de retomar o processo evolutivo deste sujeito, estabelecer uma compreensão mútua, uma nova percepção de outro.

As características distintas que as abordagens apresentadas possuem, evidenciam a perspectiva adotada para a construção do conhecimento do ser humano.

Isso posto, torna-se claro que a adoção do ponto de vista de uma determinada abordagem psicológica está orientada, fundamentalmente, em seu objeto de estudo que, por sua vez, define quais características são insubstituíveis e o que possui valor intrínseco na teoria.

## **1.5. O conceito de estrutura**

O uso da palavra estrutura está presente desde o início dos estudos de Freud. Porém, mesmo que o fundador da psicanálise não a tenha considerado explicitamente como um conceito, essa noção está intrínseca em seus textos. Nas citações em que tal termo é empregado, há intenção de definir os aspectos invariáveis de cada estrutura psíquica para alcançar a precisão diagnóstica.

Para ilustrar a singularidade, o funcionamento e a influência das estruturas psíquicas, Freud usa a metáfora da clivagem de um cristal: não é o ato isolado que deve ser considerado

determinante para definir o diagnóstico diferencial, mas um tipo de funcionamento próprio, regido por leis específicas.

Por outro lado, estamos familiarizados com a concepção de que a patologia, por seus acréscimos e espessamentos, pode chamar a atenção para as constelações normais que de outra forma nos escaparíamos. Sempre que mostra uma clivagem ou partição, é possível que uma articulação seja normalmente preexistida. Se atirmos um cristal no chão ele se estilhaça, mas não caprichosamente, é fragmentado ao longo de linhas de divisão cuja demarcação, embora invisível, já era comandada pela estrutura do cristal.<sup>4</sup> (FREUD, 1932-1936 [1992], p. 54-55, tradução nossa).

De fato, segundo o Manual de ciências dos minerais (2012), a tendência dos minerais romperem-se ao longo de planos paralelos chama-se clivagem. A maneira com que se rompe depende da direção das ligações atômicas mais fracas. Cada cristal possui uma direção específica e sua ruptura ocorre ao longo dessas direções. Justamente por isso, esse tipo de clivagem é sempre consistente com a simetria da forma cristalina.

De forma análoga, o termo clivagem na psicanálise é utilizado para nomear o fenômeno no qual duas atitudes psíquicas distintas coexistem, “uma tem em conta a realidade, a outra nega a realidade em causa e coloca em seu lugar um produto do desejo. Estas duas atitudes persistem lado a lado sem se influenciarem reciprocamente.” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1990, p. 72). Essa forma de divisão pode ser observada na neurose, na psicose e na perversão, é um processo universal. Contudo, assim como ocorre nas formas cristalinas, cada uma possui sua particularidade.

Outro aspecto que Freud aborda para sinalizar essa distinção, é a perda da realidade. Essa característica não é exclusiva na psicose, dado que, “toda neurose perturba de algum modo a relação do paciente com a realidade servindo-lhe de um meio de se afastar da realidade, e que, em suas formas graves, significa concretamente uma fuga da vida real.”<sup>5</sup> (FREUD, 1924c [1992], p. 193, tradução nossa). Na neurose a realidade está, em algum grau,

---

<sup>4</sup> O trecho correspondente na tradução é: Por otra parte, estamos familiarizados con la concepción de que la patología, mediante sus aumentos y engrosamientos, puede llamarnos la atención sobre constelaciones normales que de otro modo se nos escaparían. Toda vez que nos muestra una ruptura o desgarradura, es posible que normalmente preexistiera una articulación. Si arrojamus un cristal al suelo se hace añicos, pero no caprichosamente, sino que se fragmenta siguiendo líneas de escisión cuyo deslinde, aunque invisible, estaba comandado ya por la estructura del cristal.

<sup>5</sup> O trecho correspondente na tradução é: (...) cada neurosis perturba de algún modo el nexo del enfermo con la realidad, es para él um medio de retirarse de esta y, en sus formas más graves, importa directamente una huida de la vida real.

preservada. Na psicose esta perda é inexorável e na perversão é denegada pelo horror à castração.

Como é possível verificar nos estudos basilares da psicanálise, Freud indica os contrastes existentes entre a neurose, psicose e perversão. As características invariáveis descritas, indicam a possibilidade de construção de um modelo teórico que conceba tais instâncias como estruturas.

Lacan reconhece a indicação freudiana dos traços diferenciais e se aparelha desta bússola para propor o modelo teórico de estruturas clínicas, elevando o status da palavra estrutura para conceito. Para tanto, utiliza como sustentáculo outro campo de saber: a linguística. E apesar de não fazer uso dos conceitos linguísticos tal como são apresentados, se apropria e subverte-os, para neles orientar seu ensino.

Neste encontro de saberes, elabora a máxima de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Lacan acredita ser “difícil não entrar na linguística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto.” (LACAN, 1985, [1973-1974], p. 25).

Isso ocorre em um momento crucial, no qual os pós-freudianos se distanciam dos fundamentos característicos da psicanálise, que “estava sendo transformada em uma prática que tinha como finalidade a adaptação do indivíduo ao meio social, desviando-se, assim, da pedra angular dos fundamentos de Freud: o conceito de inconsciente e a teoria sobre a sexualidade.” (FERREIRA, 2002, p.113).

Em função desta proposta, Jacques Lacan se apropria de uma série de termos linguísticos, com indicações das fontes e com homenagens: Ferdinand de Saussure, o fundador da Linguística, e Roman Jakobson, um dos fundadores do grupo dos Formalistas Russos (1915-1920) e um dos mais importantes participantes do Círculo Linguístico de Praga (1926). (FERREIRA, 2002, p.114)

A partir dos estudos de Saussure e Jakobson, Lacan é capaz de afirmar que os efeitos da criação do sentido são formações do inconsciente. A aproximação saussuriana do inconsciente com os estudos sobre anagramas teve grande importância sobre o ensino de Lacan. Segundo Jorge e Ferreira (2011), Saussure “entrebriu a porta que dava para o inconsciente, mas sem a experiência clínica da psicanálise, foi obrigado a fechá-la” (JORGE; FERREIRA, 2011, p. 49).

Saussure considera que significante e significado são instâncias que se articulam e portam uma reciprocidade entre si, por isso, busca leis que comprovem essa relação. Quando não as encontra, atribui a arbitrariedade como princípio ao signo linguístico.

Lacan, no entanto, desenvolve uma teoria do significante diferente, pois desnivela a articulação saussuriana signifiante-significado, privilegiando apenas uma das funções: a significante. No entanto, é necessário haver um sujeito que opere a cadeia significante para que se produza a significação da mensagem, uma vez que ele pode ou não significar algo. Mas essa significação não ocorre em um ponto específico de sua cadeia, pois há um deslizamento do significado sob o significante (S/s) em razão da atividade do inconsciente. A articulação entre significantes existe pela possibilidade de reduzi-los a elementos diferenciais.

O sujeito é considerado em função do significante: “o significante é o que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1960 [1998], p. 833). Dessa maneira, a noção de estrutura é tida como a manifestação do significante. Significante e sujeito operam juntos, pelo fato de que, ao representar o sujeito, carrega seus traços e sem ele, sua representatividade não existiria.

O inconsciente participa do Outro, enquanto lugar de engendramento do discurso, do sujeito e do desejo. Há, portanto, um discurso que circula e que antecede a constituição de qualquer sujeito. Esse discurso, que o sujeito recebe do Outro, irá fazer parte de sua história. (FERREIRA, 2002, p.120).

Lacan nos ensina que “o inconsciente é o discurso do Outro. (...) Ele é estruturado como uma linguagem – o que é um pleonasma exigido para eu me fazer entender, já que linguagem é a estrutura.” (LACAN, 1966e [2003], p. 228). Com isso, afirma ser a linguagem a condição fundadora do inconsciente, sendo o sujeito efeito desta que, por não ser o resultado de uma construção, preexiste à sua existência.

A concepção de sujeito introduzida por Lacan é absolutamente diferente do campo da linguística. Para Lacan, um sujeito é representado por um significante que é diferente de todos os outros. O significante Um ( $S_1$ ) marca a singularidade do sujeito, o significante Dois ( $S_2$ ) o representa para os demais significantes. “Nesse sentido, o significante é signo de um sujeito. É a inscrição na ordem do significante (campo do Outro) que permite a um sujeito operar com as leis da linguagem e produzir significações que escapam à intenção do dizer.” (FERREIRA, 2002, p.124).

Para a psicanálise, o sujeito integra as operações, justamente porque é impelido a falar a partir do método da associação livre. O discurso não é compreendido como um fato puntiforme, já que a definição do que é transmitido não é dada de maneira instantânea, mas

em uma ação posterior. Este fato evidencia outro aspecto estranho à linguística: a concepção do real.

O real em seu estatuto de impossível marca o inconsciente e expõe o fracasso da linguagem. Algo sempre escapa, nem tudo pode ser simbolizado ou é passível de ser dito. Essa impossibilidade inerente à linguagem “se inscreve na estrutura sob a forma de um buraco, que comparece como furo real no imaginário (ausência de um saber, ou seja, de instinto) e como falta de Um significante no simbólico (campo do Outro).” (FERREIRA, 2002, p.126).

O corte da cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a linguística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso (LACAN, [1960] 1998, p. 815).

Em relação ao estruturalismo linguístico de Jakobson, Lacan incorpora e, novamente, subverte os conceitos. Desta vez em relação à metáfora e à metonímia. As duas operações, estão presentes tanto no inconsciente quanto na estrutura da fala. Os efeitos do conteúdo inconsciente de condensação (*Verdichtung*) e de deslocamento (*Verschiebung*) correspondem, respectivamente, à metáfora e à metonímia. Além disso, para Lacan, essas operações são sobredeterminadas: não há uma sem a outra.

A metáfora se produz pelas relações de similaridade assim como a metonímia pelas relações de contiguidade. Jakobson, quase no final do seu artigo, se refere ao trabalho de Freud sobre os sonhos, identificando as relações de contiguidade com a transferência metonímica e com a condensação sinedóquica e as relações de similaridade com a identificação e o simbolismo. Lacan, interpretando Jakobson, define a metáfora e a metonímia como sentidos figurados, que se originam das operações de substituição (metáfora) e de combinação (metonímia) e estabelece as seguintes correspondências com Freud: a metáfora com a condensação e a metonímia com o deslocamento. Para Lacan, ao contrário de Jakobson, não há metáfora sem metonímia e vice-versa. Toda metonímia é efeito de uma operação metafórica interrompida por ação do recalque, assim como toda metáfora é efeito de uma operação metonímica. Essa sobredeterminação se sustenta na produção de uma metáfora inaugural, que é a base, o suporte, dessas duas técnicas do significante, que são a metáfora e a metonímia. (FERREIRA, 2002, p.119)

A interação dessas duas técnicas se baseia no significante Nome-do-Pai. Esse significante, transmitido a partir do desejo materno, “representa a existência do lugar da cadeia significante como lei” (LACAN, 1999, p. 202).

Essa lei se baseia nos complexos de Castração e de Édipo descritos por Freud que, para Lacan, possuem um caráter estruturante por portarem função organizadora do desenvolvimento psíquico.

Entretanto, os complexos demonstraram desempenhar um papel de "organizadores" no desenvolvimento psíquico; assim e que dominam os fenômenos que, na consciência, parecem os mais integrados na personalidade; assim é que são motivadas, no inconsciente, não apenas justificações passionais, mas racionalizações objetáveis. O peso da família como objeto e circunstância psíquica, por isso mesmo, viu-se aumentado. Esse progresso teórico incitou-nos a dar do complexo uma fórmula generalizada, que permite incluir nele os fenômenos conscientes de estrutura similar. (LACAN, 1938 [2003], p. 35)

A castração como lei, evita que a criança seja reduzida apenas a objeto do desejo da mãe. Justamente por isso, o significante Nome-do-Pai se torna essencial por metaforizar o desejo materno e barrar sua lei arbitrária, viabilizando a operação que assegura a intervenção de outra lei: a metáfora paterna.

Esses elementos operadores são especialmente responsáveis pela definição da estrutura clínica do sujeito em suas possibilidades de posicionamento frente à angústia da castração. A singularidade com que cada sujeito se configura em relação aos significantes que o estruturam, resulta em uma das três estruturas clínicas.

Cada estrutura psíquica possui um mecanismo de defesa específico que representa e caracteriza sua especificidade. No caso da perversão, nosso objeto de estudo, seu mecanismo fundamental tem como atributo marcante, anunciar a renegação da realidade no que diz respeito à diferença sexual.

Além dos aspectos teóricos, o estudo das estruturas nos convida à reflexão por sua importância clínica. Seja no estudo da psicanálise ou na condução do tratamento, a diferenciação do funcionamento dos processos e modos transferenciais, traz à luz o mecanismo da escolha subjetiva e a posição particular que o sujeito ocupa na linguagem.

Consequentemente, ao admitirmos a existência de estruturas psíquicas, cremos que haja um tipo de funcionamento comum, regido por leis específicas. As operações com modos diferentes de defesa frente à angústia da castração resultam em mecanismos diferenciais, designados em neurose, psicose ou perversão, dependendo da escolha subjetiva. Para cada uma dessas estruturas há uma organização invariável e complexa de diferentes elementos combinados, que lhes asseguram a singularidade.

## 1.6. Renegação (*Verleugnung*), a construção de um conceito para a perversão

A psicanálise constrói seu arcabouço teórico a partir de escritos capitais, que apresentam um vocabulário específico, constituído por conceitos fundamentais. *Verleugnung* (recusa, desmentido ou renegação), *Verdrängung* (recalque), *Verwerfung* (foraclusão) e *Verneinung* (negação). Esses são alguns exemplos dos conceitos utilizados por Freud e que representam o amparo teórico para a configuração posterior da perversão, da neurose e da psicose como estruturas clínicas.

A elaboração do conceito *Verleugnung* para a construção teórica da perversão como estrutura não pode ser considerada uma tarefa simples. Contudo, antes de nos determos no conceito *Verleugnung*, nos remetemos os sentidos referenciais encontrados nos dicionários de alemão-português. Nessas compilações, a palavra é usualmente apresentada em sua forma verbal (*Verleugnen*), não na forma substantivada (*Verleugnung*) que foi utilizada por Freud.

No dicionário *Langenscheidt Taschenwörterbuch*, o verbo *verleugnen* é traduzido como renegar ou desmentir (IRMEN & BEAU, 1995, p. 1144). No *Wahrig: dicionário semibilíngue para brasileiros*, por sua vez, a palavra aparece também como (re)negar, além de esconder, desmentir-se, contradizer-se ou ser ampliada com a expressão *sich verleugnen lassen*: fingir não estar (WAHRIG- BURFEIND, 2011, p. 1139).

No *Oxford German-English Dictionary* (2005) estão presentes as formas verbal e substantiva. *Verleugnen* é traduzida como negar, renegar (amigo, relação)<sup>6</sup>. *Verleugnung* por negação e denegação<sup>7</sup>.

De acordo com Luiz Hanns (1996), as formas verbal e substantiva da palavra alemã apresentam três sentidos: renegar ou negar algo, agir contra a própria natureza ou renegar a si mesmo, mandar dizer que não está presente. Em todos os casos, a ambiguidade verdadeira está presente na palavra e o verdadeiro sentido empregado depende do contexto.

A complexidade de uma tradução comprometida com a ideia proposta também é explicitada por Hanns, pois no processo da passagem de uma língua para outra há perdas e acréscimos de sentidos. Mesmo com os esforços empregados para que o sentido freudiano seja garantido, algo escapa, justamente por causa da natureza do significante.

---

<sup>6</sup> deny, disown (friend, relation)

<sup>7</sup> denial, disownment

Ao traduzir-se *verleugnen* por "negar", perde-se a ambiguidade entre a verdade e a mentira (...) bem como o esforço em manter uma "versão" em contradição com a percepção (...). O termo "negar", em português, acrescenta sentidos e conotações não existentes em alemão: os sentidos de recusar-se a algo ou confrontar e discordar (...). "Renegar" tem o sentido de um rompimento e mudança de partido nem sempre existente no termo em alemão. (HANNIS, 1996, p. 306-307).

Nos textos psicanalíticos três traduções são utilizadas para o significante alemão *Verleugnung*: recusa, renegação e desmentido. No presente estudo, renegação será o termo adotado para designar o conceito em questão.

Após conhecer as traduções e sentidos que *Verleugnung* recebe, é possível enveredar pelo instigante caminho da psicanálise e nele, testemunhar os deslocamentos e oscilações aplicadas a essa palavra nos textos freudianos. Ao longo da obra, Freud evidencia que o sentido ambíguo desse tipo de negação culmina por representar o ato de mascarar a diferença sexual.

Contudo, esse significante, que representa o mecanismo fundamental que configura a perversão em psicanálise, é fruto de um importante percurso histórico, alicerçado em vocábulos oriundos da psiquiatria e da própria teoria psicanalítica, que designam fenômenos ligados à ausência da percepção de um objeto presente: alucinação negativa, renegação da realidade e escotomização (BOURGUIGNON, 1991).

Essa dimensão histórica se inicia com a alucinação negativa, conceito introduzido por Hyppolyte Bernheim em 1884, que consiste em um fenômeno provocado por sugestão hipnótica, cuja característica principal é a proibição de uma percepção. Com o decreto do hipnotizador, o hipnotizado torna-se impossibilitado de ver o objeto proibido, mas presente no campo visual.

Apesar de não ter criado este conceito, Freud o utiliza por diversas vezes em sua obra. No texto *Tratamiento psíquico (tratamiento del alma)*<sup>8</sup> (1890), descreve o fenômeno da alucinação negativa, no qual ressalta o profundo poder que se pode exercer sobre alguém por meio da hipnose. Nesse estado singular, é possível investigar a influência anímica sobre o físico, de acordo com a sugestão do hipnotizador.

Freud considerou esse curioso experimento instrutivo e enfatizou sua utilização como modelo por considerar haver, por parte de seus pacientes, o conhecimento sobre o que poderia ter um sentido patogênico. Justamente por isso declara: “(...) meus pacientes sabiam tudo o

---

<sup>8</sup> Título correspondente na tradução da editora Imago: *Tratamento psíquico ou anímico*.

que poderia ter um significado patogênico (...) aos poucos, fiquei tão ousado que os pacientes cuja resposta era ‘não vejo nada’ ou ‘não consigo pensar em nada’, declaro: não é possível.”<sup>9</sup> (FREUD, 1893-1895 [1992], p. 127-128, tradução nossa).

Outras importantes menções a esse fenômeno foram feitas no período de 1875 a 1917, como no texto *Psicopatologia da la vida cotidiana*<sup>10</sup> (1901), no qual Freud apresenta exemplos pessoais oriundos de sua auto-observação que, embora não tenham sido provocados por ação da hipnose, se assemelham a alucinação negativa pela supressão da percepção.

A última referência a este fenômeno ocorre no texto *Suplemento metapsicológico a La doctrina de los sueños*<sup>11</sup> (1917 [1915]), no qual Freud afirma, em uma nota de rodapé, que “qualquer tentativa de explicação da alucinação deveria atacar, primeiramente, não a alucinação positiva, mas sim a negativa.”<sup>12</sup> (FREUD, 1917-1915 [1992], p. 231, tradução nossa).

Essa afirmação, segundo Bouguignon (1991), é esclarecida no mesmo texto por tornar evidente que para a alucinação positiva se manifestar, é necessário haver, primeiramente, uma alucinação negativa. A princípio, essa negação da realidade é relacionada à psicose, por ser considerada um rompimento da realidade.

A amênciã é a reação frente a uma perda que a realidade afirma, mas que deve ser desmentida (*Verleugnung*) pelo Eu por ser insuportável. Como resultado, o Eu rompe o vínculo com a realidade e subtrai o investimento das percepções do sistema Cs (ou talvez retire uma investidura cuja natureza particular ainda pode ser investigada). Com isso, o exame da realidade é eliminado, as fantasias do desejo - não reprimido, completamente consciente - pode penetrar no sistema e ser admitido como uma realidade melhor. Uma subtração como essa pode ser colocada no mesmo intervalo que os processos da repressão; a amênciã nos oferece o interessante espetáculo de um desacordo do Eu com um de seus órgãos, talvez aquele que o serviu com maior fidelidade e aquele que estava mais intimamente ligado a ele.<sup>13</sup> (FREUD, 1917 - 1915 [1992], p. 232, tradução nossa)

<sup>9</sup> O trecho correspondente na tradução é: Ese experimento asombroso e instructivo me sirvió de modelo. Me resolví a partir de la premisa de que también mis pacientes sabían todo aquello que pudiera tener una significatividad patógena, y que sólo era cuestión de constreñirlos a comunicarlo. Poco a poco me volví tan osado que a los pacientes cuya respuesta era: «No veo nada» o «No se me ha ocurrido nada», les declaraba: «No es posible».

<sup>10</sup> Título correspondente na tradução da editora Imago: *Psicopatología da vida cotidiana*.

<sup>11</sup> Título correspondente na tradução da editora Imago: *Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos*.

<sup>12</sup> O trecho correspondente na tradução é: A manera de complemento agrego que un ensayo de explicar La alucinación no debería partir de la alucinación positiva, sino más bien de la negativa.

<sup>13</sup> O trecho correspondente na tradução é: La *amentia* es la reacción frente a una pérdida que la realidad asevera pero que debe ser desmentida {*Verleugnung*} por el yo como algo insoportable. A raíz de ello el yo rompe el

Segundo Bouguignon (1991), nesse mesmo texto Freud vai além das supressões perceptivas e nos torna testemunhas da construção de um novo conceito. Justamente por sua nova elaboração, Freud não retorna ao fenômeno da alucinação negativa, uma vez que esse tipo de negação da realidade assume outra especificidade: passa a representar a ambiguidade de uma realidade que, por ser intolerável, precisa ser renegada. Justamente por isso, outro termo precisou ser utilizado.

É em relação à castração que Freud começa a descrever a *Verleugnung*. Perante a ausência de pênis na menina, as crianças recusam ou negam (*leugnen*) esta falta, creem ver, apesar de tudo, um membro. Só progressivamente irão considerar a ausência do pênis como um resultado da castração. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1990, p. 371)

De acordo com Hanns (1996, p. 310), as conotações linguísticas de *Verleugnung* são apropriadas para caracterizar a contradição presente na perversão. No entanto, por esse mecanismo se configurar pela recusa da realidade exterior, a princípio, Freud o associa ao primeiro momento da psicose: “enquanto o neurótico começa por recalcar as exigências do id, o psicótico começa por recusar a realidade” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1990, p. 372). De acordo com essa perspectiva, a recusa da existência da diferença sexual, frequente no universo infantil, pode configurar um indício patológico no adulto. Contudo, *Verleugnung* ou renegação, é a defesa específica da organização perversa, frente ao horror da castração.

Renegação, lei, desafio: tais são os três marcos a que me referi tantas vezes para dar conta, numa perspectiva estrutural, do sentido que assume a resposta que o perverso forja frente ao que Freud designa com o termo "horror". Horror que surge no momento em que se depara com a realidade da diferença de sexos, que antes de seu olhar fascinado é apresentado como a confirmação de estar condenado a perder tanto o objeto do desejo (a mãe) quanto o instrumento de prazer (o pênis), por não ter sido capaz de reconhecer a Lei, a única coisa que poderia ter garantido seu status

---

vínculo con la realidad, sustrae la investidura al sistema *Ce* de las percepciones (o quizá le sustrae una investidura cuya particular naturaleza puede ser todavía objeto de indagación). Con este extrañamiento de la realidad queda eliminado el examen de realidad, las fantasías de deseo —no reprimidas, por entero concientes— pueden penetrar en el sistema y ser admitidas desde ahí como una realidad mejor. Una sustracción así puede ponerse en el mismo rango que los procesos de *La represión*; la *amentia* nos ofrece el interesante espectáculo de una desavenencia del yo con uno de sus órganos, quizás el que le servía con mayor fidelidad y el que estaba más íntimamente ligado a él.

de sujeito desejante.<sup>14</sup> (CASTORIADIS-AULLAGNIER, 1978, p. 25, tradução nossa)

Apenas a partir de 1927, com o estudo destinado ao fetichismo, ocorre a definição desse tipo de recusa como conceito, justamente por estar intrinsecamente associada a esta perversão.

O objeto fetiche retrata a contradição mantida pelo fetichista, que mantém preservada a posição infantil de renegação da ausência do pênis na mulher, e convive com a ambiguidade entre a recusa e o reconhecimento da castração que a diferença sexual revela.

Embora o fetiche oculte essa diferença, “essa coexistência invocando os processos de recalçamento e da formação de um compromisso entre as duas forças em conflito; mas mostra também como esta coexistência constitui uma verdadeira clivagem em dois (...) do indivíduo.” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1990, p. 372). A noção de clivagem do eu, dessa maneira, deixa de ser um mecanismo exclusivo da psicose, sendo ampliada para a neurose e para a perversão.

É também no mesmo texto de 1927 que Freud rejeita o termo escotomização, proposto por Laforgue, por crer que o sentido que o termo evoca se distancia do mecanismo da perversão. O significante escotomização, não apresenta o sentido de ambiguidade necessário, mas o de eliminação da percepção. Na perversão a percepção existe, mas é submetida a uma ação energética para renegar seu caráter insuportável, no entanto, sem apagá-la do campo da consciência ou da memória.

Se não me engano, Laforgue diria, neste caso, que o menino "escotomiza" a percepção da falta de pênis da mulher. "Um novo termo é justificado quando descreve ou destaca uma nova relação entre as coisas, o que não é o caso aqui; a parte mais antiga de nossa terminologia psicanalítica, a palavra "recalque" ("Verdringung", "despejo"), já se refere a esse processo patológico. Se quisermos separar mais claramente o destino da representação do destino do afeto, e reservar o termo "recalque" para o afeto, "renegação" ("Verleugnung") seria a designação alemã correta para o destino da representação. "Escotomização" parece particularmente inapropriada, porque evoca a ideia de que a percepção seria completamente apagada, de modo que o resultado seria o mesmo de uma impressão

---

<sup>14</sup> O trecho correspondente na tradução é: Renegación, Ley, Desafío: tales son los tres hitos a los que tan a menudo me referí para dar cuenta, en una perspectiva estructural del sentido que asume la respuesta que el perverso forja frente a lo que Freud designa con el término "horror". Horror que surge para él en el momento en que es enfrentado con la realidad de la diferencia de sexos, la que ante su mirada fascmada se presenta como la confirmación de hallarse condenado a perder tanto el objeto del deseo (la madre) como el instrumento del placer (el pene), por no haber podido reconocer la Ley, única cosa que hubiera podido garantizarle su estatuto de sujeto deseante.

visual que caiu no ponto cego da retina.<sup>15</sup> (FREUD, 1927 [1992], p. 148, tradução nossa)

Desta maneira, segundo Bourguignon, o conceito de escotomização se aproxima mais da alucinação negativa do que de *Verleugnung*. Isso porque no mecanismo proposto por Freud, não há a falta de percepção ou uma espécie de alucinação que está presente na psicose, mas uma crença produzida pelo conflito entre a percepção e o horror à castração. Precisamente por nessa crença a diferença sexual inexistir, a mulher porta um substituto do pênis de outrora, que é tão relevante quanto seu antecessor.

Justamente por isso, Freud se opõe à proposta de Laforgue de elevar o termo escotomização ao nível de conceito psicanalítico. E acredita que essa sugestão ocorre pelo desconhecimento de sua metapsicologia, fato que resulta na incompreensão dos aspectos dinâmico, tópico e econômico que caracterizam o acontecimento psíquico. Freud não associa o processo patológico da escotomização à perversão, mas à peça mais antiga da terminologia psicanalítica: o recalque (*Verdrängung*).

Além disso, segundo Bourguignon (1991, p. 32), o grupo parisiense, no qual Laforgue fez parte, mostrou certa inclinação para modificar os conceitos propostos por Freud, entretanto, sem alcançar o êxito esperado nesse caso.

*Verleugnung* é o significante que, por fim, representa o mecanismo específico das perversões em razão da escolha subjetiva frente à angústia causada pela castração. É a defesa específica deste tipo de organização que se ergue no momento em que a diferença sexual deve ser admitida.

---

<sup>15</sup> O trecho correspondente na tradução é: Si no me equivoco, Laforgue diría en este caso que el muchacho «escotomiza» la percepción de la falta de pene en la mujer."Un término nuevo se justifica cuando describe o destaca una nueva relación entre las cosas. No es el caso aquí; La pieza más antigua de nuestra terminología psicoanalítica, La palabra «represión» [*Verdringung*, «desalojo»], se refiere ya a ese proceso patológico. Si en este se quiere separar de manera más nítida el destino de la representación del destino del afecto,<sup>16</sup> y reservar el término «represión» para el afecto, «desmentida» [*Verleugnung*] sería la designación alemana correcta para el destino de la representación. «Escotomización» me parece particularmente inapropiado porque evoca la idea de que la percepción se borraría de plano, de modo que el resultado sería el mismo que si una impresión visual cayera sobre el punto ciego de la retina.

## 2. A PERVERSÃO EM FREUD

O tema da perversão surge desde a fase da descoberta do inconsciente, no entanto, sem obter um grande destaque teórico no primeiro momento de construção da psicanálise. Freud, inicialmente, adota a posição comumente aceita pela comunidade científica de sua época que era classificar as perversões como aberrações e, portanto, torná-las passíveis de um tratamento que levaria à “cura”.

Durante esse período, Freud se interessa pelo trabalho do psiquiatra alemão Richard Von Krafft-Ebing, autor de *Psychopathia Sexualis*, com a primeira edição publicada em 1886, uma obra cuja importância é revelada por sua repercussão, rigor e influência frente à comunidade científica da época.

*Psychopathia Sexualis* é considerado o primeiro tratado sobre os comportamentos sexuais tidos como anormais ou doentios, considerados como transtornos psicopatológicos. Essa pioneira empreitada técnica apresenta a descrição de diversos casos, descritos como reais, que servem para ilustrar, segundo Krafft-Ebing, uma série de psicopatias sexuais, posteriormente conhecidas como perversões. A classificação de algumas práticas sexuais como psicopatias conduziu este autor a dividir a sexualidade em normal e patológica.

No período inicial de seus estudos, Freud adota algumas das noções apresentadas na obra de Krafft-Ebing, pois esse tratado é uma referência obrigatória da época. Na carta que escreveu para Fliess, em dezembro de 1896, Freud afirma que as perversões catalogadas e descritas por Krafft-Ebing trazem “uma valorosa confirmação da realidade” (FREUD *apud* MASSON, 1996, p. 220).

Contudo, o espírito questionador e crítico de Freud não lhe permite comungar dessa mesma perspectiva por muito tempo. Ele se dá conta de que algumas práticas sexuais, até então ligadas às perversões, fazem parte da própria sexualidade e devem ser consideradas práticas sexuais comuns.

Justamente por isso, passa a abordar as perversões de forma diferente da medicina de sua época: as perversões são retiradas do *status* de aberração e animalidade e designadas como um “colorido subjetivo, o que é absolutamente novo com relação às teorias contemporâneas” (VALAS, 1990, p. 19).

Freud, antes de deixar de acreditar em suas neuróticas, descreve a histeria como decorrente da perversão de um pai sedutor. Na referida carta a Fliess, afirma que “a histeria

não é a sexualidade repudiada, e sim a perversão repudiada.” (FREUD *apud* MASSON, 1986, p. 213). A perversão também pode ser compreendida como uma consequência possível diante das experiências sexuais prematuras. Nessa mesma carta, Freud destaca alguns aspectos degenerescentes da perversão, os quais, inclusive, são classificados como de ordem animalesca.

As perversões conduzem regularmente à zoofilia e têm uma característica animalesca. Não são explicadas pelo funcionamento de zonas erógenas posteriormente abandonadas, e sim pelo efeito de sensações erógenas que, mais tarde, perdem sua força. A esse respeito, cabe lembrar que o sentido principal dos animais (também no tocante à sexualidade) é o olfato, que se reduziu nos seres humanos. Enquanto predomina o olfato (ou o paladar), a urina, as fezes e toda a superfície do corpo, inclusive o sangue, têm um efeito sexualmente excitante. Presumivelmente, o sentido aguçado do olfato na histeria está ligado a isso. Pode-se supor que o fato de os grupos de sensações terem muita relação com a estratificação psicológica decorra da distribuição nos sonhos e tenha, presumivelmente, uma ligação direta com o mecanismo das anestésias históricas. (FREUD *apud* MASSON, 1986, p. 224)

No rascunho N de 31 de maio de 1897 de sua correspondência com Fliess, Freud contrapõe o desejável espírito de sacrifício pela comunidade à liberdade perversa, compartilhando da corrente visão dicotômica que aponta para a oposição entre saúde e doença, normal e perverso. Em *Estudios sobre la histeria*<sup>16</sup> (1893-1895), Freud opõe o cérebro anormal de degenerados e desequilibrados à normalidade cerebral das históricas:

É claro que, nesse trabalho, é necessário livrar-se do preconceito teórico de que se lida com cérebros anormais de “*dégénérés*” {degenerados} e “*déséquilibrés*” {desequilibrados}, que eles teriam como estigma a licença para descartar as leis psicológicas comuns da conexão de representações, e em quem qualquer representação poderia se tornar hiperintensa sem razão, e em outra pode permanecer indestrutível sem razão. Para a histeria, a experiência mostra o oposto. Ao descobrir os motivos ocultos, que muitas vezes permanecem inconscientes, e levados em conta, nada permanece enigmático ou contrário à regra no elo histórico dos pensamentos. (FREUD, 1893-95 [1992], p. 298-299, tradução nossa)<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Título correspondente na tradução da editora Imago: *Estudos sobre a histeria*.

<sup>17</sup> O trecho correspondente na tradução é: Desde luego, en ese trabajo es preciso librarse del prejuicio teórico de que uno trataría con cerebros anormales de degeneres {degenerados} y desequilibres {desequilibrados}, que poseerían como un estigma la licencia para desechar las leyes psicológicas ordinarias de la conexión de representaciones, y en quienes una representación cualquiera podría devenir hiperintensa sin motivo alguno, y otra permanecer indestructible sin razón. Para la histeria, la experiencia muestra lo contrario; desovillados los motivos escondidos —que a menudo han permanecido inconcientes—, y tomados ellos en cuenta, nada resta de enigmático ni de contrario a La regla en el enlace histórico de los pensamientos.

Com olhar crítico e perspicaz, somados à sua genialidade, Freud é capaz de construir todo um campo de conhecimento e, dessa forma, apresentar questões inovadoras em relação aos estudos em destaque da época.

Ao acompanhar as transformações teóricas de Freud, em sua jornada pela busca da verdade, tornamo-nos testemunhas do seu afinco e obstinação na procura de respostas. Na medida em que seus estudos avançam, ele se afasta da posição normalmente sustentada pelos psicopatologistas franceses, seus contemporâneos. Em diversos textos, encontramos pistas da construção do estatuto da perversão. Aos poucos, a ideia das perversões, relacionada à atitude animalesca e à degenerescência, cai por terra, dando lugar a um funcionamento do psiquismo que se opõe à neurose e à psicose.

Em *La interpretación de los sueños*<sup>18</sup> (1900), Freud sinaliza uma aproximação entre os neuróticos em sua mais tenra infância e o sintoma perverso do exibicionismo.

Na história infantil de certos neuróticos, despir-se na frente dos filhos do outro sexo desempenha um importante papel; na paranóia, a obsessão de que está sendo observado quando se veste ou se despe, deve reconduzir-nos a essas experiências; entre os perversos há uma classe, a dos exibicionistas, em que esse impulso infantil elevou-se à condição de sintoma. (FREUD, 1900 [1992], p. 255, tradução nossa)<sup>19</sup>

No caso Dora (1901-1905), as perversões são descritas como “transgressões da função sexual tanto no âmbito do corpo quanto na do objeto sexual”<sup>20</sup> (FREUD, 1905 [1992], p. 45, tradução nossa). Mas é preciso assinalar que essas “transgressões da função sexual” nem sempre podem ser consideradas “bestialidades” e “degenerações”, já que elas fazem parte da sexualidade. Por isso, Freud se diferencia da medicina de sua época, que considerava a homossexualidade uma degenerescência e reduzia a sexualidade à função de reprodução da espécie.

Freud, no mesmo texto, ressalta ainda que as perversões são exemplos de “um estágio de inibição do desenvolvimento” e que “todos os psiconeuróticos são pessoas de inclinações

---

<sup>18</sup> Título correspondente na tradução da editora Imago: *A interpretação dos sonhos*

<sup>19</sup> O trecho correspondente na tradução é: En la historia infantil de ciertos neuróticos el desnudarse frente a niños del otro sexo cumple importante papel; en la paranoia, la obsesión de que a uno lo observan cuando se viste o se desviste ha de reconducirse a esas vivencias; entre los perversos existe una clase, la de los exhibicionistas, en que este impulso infantil se ha elevado a la condición de síntoma.

<sup>20</sup> O trecho correspondente na tradução é: (...) trasgresiones de la función sexual tanto en el ámbito del cuerpo cuanto en el del objeto sexual.

perversas fortemente acentuadas, mas recalcadas e tornadas inconscientes no curso de seu desenvolvimento” (ibid., p. 45, tradução nossa)<sup>21</sup>. Isso esclarece que os conteúdos manifestos dos perversos também estão presentes nas fantasias inconscientes dos psiconeuróticos. Nesse momento, traz a célebre afirmação de que “as psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões” (ibid., p. 45, tradução nossa)<sup>22</sup>. É possível verificar que a perversão começa a ser esboçada como uma posição subjetiva, pois a fenomenologia por si só não garante sua distinção. As tendências perversas estão presentes não apenas no sujeito perverso, mas também em todo psiconeurótico.

A perspectiva da ciência médica, a partir da universalização promovida pelo saber científico, precisa definir o normal e o patológico, o que resulta na patologização das subjetividades e sua decorrente segregação. Contrariando essa corrente dominante, a posição que a psicanálise tem ocupado como campo de saber, propicia ainda hoje, um novo olhar, em especial em relação ao que tange a estrutura perversa. Freud, por exemplo, faz questão de sublinhar que o gozo perverso nada mais é do que uma disposição universal.

Deparando-se com o fato inenarrável da universalidade das chamadas perversões sexuais em seus pacientes, Freud conclui que a sexualidade humana apresenta uma verdadeira “constituição sexual” que assume o lugar de uma “disposição neuropática geral”, formulação através da qual ele torna inexistente a fronteira entre o normal e o patológico, tão nitidamente demarcada pelos discursos médico e psicológico. (JORGE, 2005, p. 21)

Na psicanálise, três textos se destacam por apresentarem uma mudança radical em relação ao saber de sua época sobre a perversão: *Tres ensayos de teoria sexual* (1905), *Pegan a um niño. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales* (1919) e *Fetichismo* (1927)<sup>23</sup>. Esses textos são fundamentais, na medida em que revelam que a perversão vai muito além da descrição dos fenômenos da maldade.

O texto *Três ensaios* (1905) surge como uma pedra angular na teoria psicanalítica, sendo essencial para conhecer o psiquismo e a sexualidade humana. Entretanto, nesse último

<sup>21</sup> O trecho correspondente na tradução é: (...) un estadio de una *inhibición del desarrollo*. Todos los psiconeuróticos son personas con inclinaciones perversas muy marcadas, pero reprimidas y devenidas inconscientes em el curso del desarrollo.

<sup>22</sup> O trecho correspondente na tradução é: Las psiconeurosis son, por así decir, el *negativo* de las perversiones.

<sup>23</sup> Títulos correspondentes na tradução da editora Imago: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919) e *Fetichismo* (1927).

aspecto, Freud deixa claro não ser sua pretensão construir uma teoria sexual com o texto, apresentando, apenas, o que a psicanálise permite supor ou confirmar.

Para obter a versão do texto que hoje temos acesso, Freud efetua diversas e importantes modificações que refletem o avanço de seu percurso teórico e, a partir de uma perspectiva inédita até então, enriquece nosso conhecimento sobre a sexualidade humana.

Despido de pré-conceitos, Freud aborda três pontos cruciais para o entendimento dessa sexualidade. Ele trabalha os seguintes aspectos: as aberrações sexuais, a sexualidade infantil e as transformações da puberdade.

Ao discorrer sobre as aberrações sexuais, Freud apresenta temas polêmicos que, nas teorias científicas contemporâneas, são categorizadas como perversões. Inicia sua explanação pelas aberrações da pulsão sexual no que se refere ao objeto e ao alvo para, paulatinamente, refutar cada uma dessas concepções. No texto *Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis*<sup>24</sup> (1905-1906) revela, para escândalo da sociedade da época, a disposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil,:

Aí assinalei que a disposição sexual constitucional da criança é muito mais variada do que se poderia crer; merece ser chamado de "perverso polimorfa", e o comportamento da função sexual chamada normal surge dessa disposição, pela repressão de certos componentes. (FREUD, 1905-1906 [1992], p. 268-269, tradução nossa)<sup>25</sup>

A partir da teoria das pulsões, Freud abandona, definitivamente, o modelo normativo de comportamento sexual, pois descobre o caráter indomável das pulsões. Lacan, no *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, afirma inclusive que Freud situou a sexualidade “como essencialmente polimorfa, aberrante” e eliminou “o encanto de uma pretensa inocência infantil” (LACAN, 1988, p. 167).

A pulsão, considerada por Lacan um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, é definida como um representante psíquico dos estímulos internos que se situa entre o psíquico e o somático. A descarga desse estímulo não é da ordem reflexa de causa-efeito, em que uma ação externa única tenha o poder de eliminar a excitação. A pulsão é uma

---

<sup>24</sup> Título correspondente na tradução da editora Imago: *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses*.

<sup>25</sup> O trecho correspondente na tradução é: Allí puntualicé que la disposición sexual constitucional del niño es enormemente más variada de lo que podría creerse; merece ser llamada «perversa polimorfa», y el comportamiento de la función sexual llamada normal surge de esa disposición, por represión de ciertos componentes.

força constante não passível de fuga, pois é gerada em fontes internas do organismo. A respeito da pulsão, temos: pressão (quantidade variável de energia, que nunca é zerada, porque é uma força constante), finalidade (satisfação sexual), objeto (o que há de mais variável) e fonte (zonas corporais erogenizadas). Os aspectos inalteráveis da pulsão são: a variabilidade do objeto e seu caráter parcial.

No entanto, as pulsões sexuais, por enfrentarem um embate constante com a moral, o asco e a vergonha, sofrem a ação do recalque e, justamente por isto, se tornam a fonte do mal-estar-psíquico. E como a lei do recalque é o retorno do recalçado, surge em toda sua magnitude: a majestade, o Sintoma.

Diante do polimorfismo desnudado das pulsões — principalmente, parcialidade da finalidade e não existência de um objeto específico — Freud destaca, como perversão, a fixação de novas intenções nos pares opostos: exibicionismo-voyerismo e sadismo-masochismo. Tais intenções possuem aspectos passivos e ativos e podem ser mais importantes que o ato sexual.

Outro aspecto da sexualidade na perversão é o fetichismo, que se caracteriza pela fixação de um fetiche em um conjunto de traços do objeto sexual. Quando um fetiche se cristaliza em um único objeto sexual, isto implica um desligamento da pessoa. Ou seja: o que entra em cena é um sapato, uma peça íntima feminina, um brilho no nariz, etc.

Da disposição perversa nas pulsões sexuais, Freud revela ao mundo a existência da sexualidade infantil. Segundo Nadiá Paulo Ferreira, “a descoberta da sexualidade infantil leva Freud à ruptura com o mito milenar de que a sexualidade na espécie humana se reduz aos órgãos genitais e está a serviço da reprodução da espécie.” (FERREIRA, 2013, p. 15).

A novidade trazida por Freud é a de que mesmo o recém-nascido traz consigo a sexualidade não genitalizada, presenciada na erotização das necessidades. Por exemplo, a criança não apenas sacia sua fome ao mamar, também há nesse ato a fruição de um prazer, ou seja, uma satisfação sexual. É importante ressaltar que isso não é sinal de patologia.

A sexualidade infantil apresenta duas peculiaridades. Em primeiro lugar, apresenta-se estreitamente ligada às necessidades fisiológicas. Em segundo lugar, a satisfação é auto-erótica. Nesse período, a evolução da sexualidade se faz a partir dos questionamentos, investigações, especulações, descobertas e vivências. A pulsão sexual não surge apenas na puberdade e nem está ausente na infância, como nos mostra o pequeno e célebre Hans,

protagonista do caso clínico *Análisis de la fobia de un niño de cinco años*<sup>26</sup> (1909). Esse texto torna-se um marco por confirmar as hipóteses da sexualidade infantil, tais como sua efervescente curiosidade exposta tão naturalmente, as especulações, as teorias sobre os “pipis”, o autoerotismo, e outras...

Os *Três ensaios* se completam com o texto sobre as transformações na puberdade que esclarecem as transformações do ciclo evolutivo da sexualidade infantil para a sexualidade adulta. Com as modificações corporais, resultantes de sua maturação fisiológica, irrompem mudanças que vão muito além do seu aspecto físico, numa evolução caracterizada por aspectos que a tornam única.

De acordo com Freud, é nesse período que a segunda escolha objetal se dá e pode definir os parâmetros da vida sexual. Abandona-se a ternura, a veneração e o respeito que ocultam antigos anseios sexuais e segue a partir de uma “corrente sensual”.

Em relação ao alvo, também ocorrem mudanças significativas, posto que para atingi-lo, “todas as pulsões parciais cooperam, enquanto as zonas erógenas são subordinadas à primazia da zona genital” (FREUD, 1905 [1992], p. 189, tradução nossa)<sup>27</sup>. Aqui Freud alerta sobre o risco de que as investidas sexuais preliminares sejam privilegiadas em detrimento do alvo sexual, pois esse seria o mecanismo de muitas perversões.

Após ser minucioso ao explicar que a disposição perverso-polimorfa não é uma sintomatologia exclusiva de degenerados e doentes, mas um traço presente em cada um de nós, Freud, com a intenção de complementar os *Três ensaios*, aborda outro aspecto que diz respeito à gênese das perversões: as fantasias perversas.

É importante notar que Freud caminha do inconsciente, chega até a pulsão e, muito rapidamente, trabalhará a fantasia. Essa percepção traz algo bastante novo que desenvolvo a seguir: a concepção da fantasia como sendo a articulação entre o inconsciente e a pulsão. Essa parece ser uma nova forma de definir a fantasia, que nos faz ver fatos novos. A fantasia é a articulação entre inconsciente e pulsão, ou, nos termos de Lacan, a fantasia é a articulação entre o simbólico e o real. (JORGE, 2006, p. 30)

<sup>26</sup> Título correspondente na tradução da editora Imago: *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*.

<sup>27</sup> O trecho correspondente na tradução é: (...) todas las pulsiones parciales cooperan, al par que las zonas erógenas se subordinan al primado de la zona genital.

No texto, *Pegan a un niño. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales*<sup>28</sup> (1919), Freud apresenta uma análise cuidadosa de um conjunto de oito pacientes (seis mulheres e dois homens) que revela na fantasia de espancamento um elemento recorrente nos neuróticos em análise. Esse fato torna ainda mais evidente que a fantasia perversa não é exclusiva dos sujeitos perversos. O princípio do prazer já não pode ser considerado como o único a gerir a fantasia, pois também pode estar atrelada ao mais além desse princípio.

Essas fantasias surgem muito precocemente e sua revelação não ocorre sem a presença da vergonha e da culpa, que “são maiores em relação a essa fantasia do que em relação às próprias lembranças do início da vida sexual.” (JORGE, 2010, p. 98).

Nesse ensaio sobre o masoquismo, “pode-se perceber (...) uma articulação sobre amor e gozo inerente a toda *fantasia de desejo* (...) como fantasia de completude amorosa na neurose e de completude de gozo na perversão.” (JORGE, 2010, p. 97).

Essa fantasia perversa, quando revelada por meninas, está dividida em três fases e se articula ao discurso, sendo expressa pelos dizeres “meu pai bate em uma criança que odeio”, “eu sou espancada pelo meu pai” e “bate-se numa criança”.

Somente com o trabalho analítico podemos ter acesso integral às cenas que compõe a fantasia e, dessa maneira, observar as transformações sofridas, no que concerne ao autor, ao objeto, ao conteúdo e ao significado. A primeira e a terceira fases são fantasias conscientes e ambas apontam para a presença do sadismo. A segunda fase é inconsciente e possui o masoquismo como seu atributo.

A primeira fase refere-se aos primórdios da infância, surge como uma lembrança e está relacionada com a frase “uma criança é espancada”. Nesse momento, pouca informação é oferecida e a descrição dos atores é nebulosa: não é o analisando quem apanha ou bate e, quanto ao agressor, só se sabe tratar-se de um adulto especial. Dessa maneira, não há, ainda, componentes masoquistas ou sádicos.

O sujeito encontra-se assim obsceno em sua própria perversão. Trocando em miúdos, o sujeito está fora da cena em sua própria montagem fantasística. A fantasia foi criada numa tentativa de tamponar o vazio conduzindo a uma ficção elaborada pelo sujeito que traz, como consequência, uma fixação e, portanto, uma constante repetição da fantasia que ali opera. Diante disso, pensamos a fantasia como um enquadramento no qual o sujeito está aprisionado de maneira fixa e repetitiva a se relacionar com a causa do desejo. (Shimabukuro & Caldas, 2014, p. 1-2)

---

<sup>28</sup> Título correspondente na tradução da editora Imago: *Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais.*

Aos poucos, o agressor é apontado: “O meu pai está batendo na criança que eu odeio”. Essa fase mostra a realização incestuosa do amor paterno, direcionado para quem produz a fantasia, a criança odiosa espancada é a prova cabal disso. Há demanda pela exclusividade do amor do pai e a criança espancada está destituída desse amor, numa espécie de triunfo histórico ligado ao amor incestuoso (JORGE, 2010, p. 101).

Assim, a menina no primeiro tempo da fantasia analisada por Freud está na posição de quem é amada com exclusividade pelo pai (“Ele só ama a mim e não a outra criança, pois está batendo nela”). Freud chama a isso amor genital. Tal amor suscita a culpa da criança e uma regressão, na segunda fase, à organização pré-genital, anal-sádica, da vida sexual, transformando com facilidade o apanhar nas nádegas em algo prazeroso e de cunho sexual. (JORGE, 2010, p. 107)

A segunda fase traz uma construção de análise, já que nunca é lembrada. Freud lhe atribui grande importância pelos componentes revelados. Aqui o agressor continua o mesmo. Entretanto, há uma diferença significativa, pois a fantasia se modifica de “o meu pai está batendo na criança que eu odeio” para “estou sendo espancada por meu pai”.

A criança que apanha é aquela que produz a fantasia, há uma inversão no júbilo da fase da fantasia de outrora. Essa mudança ocorre pela presença do sentimento de culpa, fator que possibilita a conversão do sadismo em masoquismo. Um dado importante é que o prazer que essa fantasia evoca traz em si o caráter masoquista.

A transmutação do sadismo no masoquismo parece acontecer pela influência da culpa que participa no ato de repressão. Então, a repressão é exteriorizada aqui em três tipos de efeitos: retorno inconsciente das consequências da organização genital, restringe o último à regressão até o estágio sádico-anal e muda seu sadismo no masoquismo passivo, em um sentido novamente narcisista. Destes três resultados, o segundo é possível pela fraqueza da organização genital, fraqueza que nós supomos nestes casos; o terceiro é produzido de uma maneira necessária porque a culpa se escandaliza com o sadismo, como a escolha objetual incestuosa. De onde vem a consciência da culpa? Aqui também as análises não nos dão nenhuma resposta. Parece que a nova fase em que a criança ingressa, a levará consigo e, enquanto persistir naquele momento, ela corresponderia para uma formação de cicatriz, pois é o sentimento da inferioridade. (FREUD, 1919 [1992], p. 191, tradução nossa)<sup>29</sup>

<sup>29</sup> O trecho correspondente na tradução é: La transmutación del sadismo en masoquismo parece acontecer por el influjo de la conciencia de culpa que participa en el acto de represión. Entonces, la represión se exterioriza aquí en tres clases de efectos: vuelve inconciente el resultado de la organización genital, constriñe a esta última a la regresión hasta el estadio sádico-anal y muda su sadismo en el masoquismo pasivo, en cierto sentido de nuevo narcisista. De estos tres resultados, el intermedio es posibilitado por la endeblez de la organización genital,

A partir do mecanismo do recalque, a terceira fase traz à cena outros atores: o pai é substituído por equivalentes, passa a ser descrito por outra figura, como um professor. A criança que apanha não é mais quem produziu a fantasia, esta é uma mera espectadora da agressão que várias crianças sofrem. Um aspecto que chama a atenção é a inegável excitação sexual que se torna meio para a satisfação masturbatória, essa característica também está presente na fase anterior.

O desenrolar da cena perversa, com suas torções e recalques, apresenta uma fantasia cuja forma é sádica, mas que revela a presença de um crescente sentimento de culpa e o inegável masoquismo da terceira fase, pois “as muitas crianças indeterminadas não especificadas, a quem o professor espanca, são apenas substitutos da própria pessoa.”<sup>30</sup> (FREUD, 1919 [1992], p. 188, tradução nossa).

O que acredito que deva ser assinalado nessa estrutura de três tempos que Freud esboça quanto à fantasia de desejo é a dialética entre amor e gozo que opera nela. Retomando a nossa concepção, introduzida anteriormente, segundo a qual há dois polos distintos na fantasia, o polo do amor, dominante na perversão, e sendo ambos os polos situáveis no matema da fantasia  $\$ \hat{a}$ , respectivamente em  $\$$  (amor) e em a (gozo), veremos que a evolução das três fases e o surgimento da fantasia propriamente perversa implicam, no fundo, uma passagem do polo do amor ao polo do gozo. (JORGE, 2010, p. 103)

Quando são meninos a descrever sua fantasia perversa, Freud não encontra uma analogia completa ao relato das meninas. Nesse caso, a segunda fase se difere por ser consciente e ter o autor da fantasia como a pessoa a ser espancada. Além disso, sua figura não é substituída pela de outras crianças, como ocorre na terceira fase da fantasia das meninas.

Cumprir notar que, no menino, a fase “sou espancado pelo pai” significa diretamente “sou amado pelo pai”. Além disso, Freud observa que, no menino, a fantasia não apresenta a primeira fase em que trata mais essencialmente de uma posição amorosa

---

endeblez que damos por supuesta en estos casos; el tercero se produce de manera necesaria porque a la conciencia de culpa le escandaliza tanto el sadismo como la elección incestuosa de objeto entendida en sentido genital. ¿De dónde viene la conciencia de culpa misma? Tampoco aquí los análisis nos dan respuesta alguna. Pareciera que la nueva fase en que ingresa el niño la llevara consigo y, toda vez que perdura a partir de ese momento, correspondiera a una formación cicatricial como lo es el sentimiento de inferioridad.

<sup>30</sup> O trecho correspondente na tradução é: (...) los muchos niños indeterminados a quienes el maestro azota son sólo sustituciones de la persona propia.

que é representada pela fantasia em que a criança vê seu rival ser espancado. A primeira fase não aparece e o menino desloca, portanto, com facilidade, o “ser amado” para “ser espancado”. Freud assinala que a fantasia de espancamento no menino é passiva desde o começo e deriva de uma atitude feminina em relação ao pai, cabendo perguntar se isso não se dá porque o amor pelo pai, no menino, parece significar diretamente estar numa posição passiva e masoquista diante dele. (JORGE, 2010, p. 107-108)

Apesar da pouca incidência de pacientes homens com fantasias infantis de espancamento, algumas peculiaridades devem ser ressaltadas por seu caráter esclarecedor, pois em sua maioria podem ser qualificados como autênticos masoquistas, no que diz respeito à perversão sexual.

Meu material masculino incluía apenas poucos casos em que a fantasia infantil de espancamento não era acompanhada por séria deterioração da atividade sexual; no entanto, um grande número de pessoas que deveriam ser classificadas como masoquistas genuínas no sentido de perversão sexual. Deles, alguns falaram de sua satisfação sexual exclusivamente na masturbação após as fantasias masoquistas; outros tinham conseguido desenvolver de tal maneira o masoquismo com a atividade genital que por meio de encenações masoquistas e em condições de mesma natureza conseguiam alcançar a ereção e a ejaculação ou se tornavam habilitados para executar uma relação sexual normal. A isso se soma o caso, mais raro, do masoquista perturbado em sua ação perversa por representações obsessivas que emergem com intensidade insuportável. É difícil que os perversos satisfeitos tenham motivos para ir à análise; mas nos três grupos mencionados de masoquistas podem ser apresentados motivos fortes que os conduzem ao analista. (FREUD, 1919 [1992], p. 193, tradução nossa)<sup>31</sup>

A comparação entre a fantasia dos dois sexos indica uma diferença: ser espancado para o menino é ser amado, para a menina é não ser amada. Segundo JORGE (2010), os três tempos dessa fantasia infantil se direcionam ao amor e ao gozo, justamente porque na primeira fase não há indícios de excitação genital ou pela busca da satisfação no onanismo. “Por isso mesmo Lacan fala do primeiro tempo como sendo uma verdadeira ‘comunicação de amor’” (JORGE, 2010, p. 108).

---

<sup>31</sup> O trecho correspondente na tradução é: Mi material masculino incluía sólo pocos casos que la fantasía infantil de paliza no se presentara acompañada de serios deterioros de la actividad sexual; sí, en cambio, un gran número de personas que debían calificarse de masoquistas genuinos en el sentido de la perversión sexual. De ellos, algunos hallaban su satisfacción sexual exclusivamente en el onanismo tras fantasías masoquistas; otros habían logrado acoplar de tal suerte masoquismo y que hacer genital que por medio de escenificaciones masoquistas y bajo condiciones de esa misma índole conseguían la meta de la erección y eyaculación o se habilitaban para ejecutar un coito normal. A esto se suma el caso, más raro, del masoquista perturbado en su obrar perverso por unas representaciones obsesivas que emergen con intensidad insoportable. Es difícil que lós perversos satisfechos tengan razones para acudir al análisis; pero en los tres grupos mencionados de masoquistas pueden presentarse fuertes motivos que los conduzcan ai analista.

Jorge recorre ao texto *Fantasia de espancamento e devaneios* (1922) de Anna Freud, e nele encontra a mesma dialética amor-gozo, corroborando sua tese. A demanda de amor observada nessa fantasia aproxima a perversão da neurose, justamente porque na neurose, o que concerne à realização do amor, surge indiretamente, já na perversão é encoberta pelas fantasias em que o gozo é dominante (JORGE, 2010, p. 113).

Vê-se que Anna Freud traz á baila essa dialética inerente às diferentes fases da fantasia de espancamento. Para ela, a situação de amor é mais arcaica e significativa, e a fantasia de espancamento em sua fase final é, no fundo, uma transformação, produzida pela dessubjetivação da situação amorosa triangular e edipiana. Considerando a transformação das fantasias de espancamento nas histórias agradáveis um retorno ao sentimento amoroso anterior, Anna Freud comprova – pela via oposta – minha hipótese de que a dialética entre amor e gozo é o núcleo incandescente que nutre as fantasias de espancamento. Mais do que isso, sugere que a fantasia se organiza sempre em torno de uma falta – que sustenta o desejo – a ser preenchida pelo amor ou pelo gozo. (JORGE, 2010, p. 112)

A fantasia em questão é considerada como um traço primário da perversão, originada no complexo edípico e retida com fins auto-eróticos. Nesse texto, o traço é revelado por conta do crescimento de um único componente sexual, que se desenvolveu por motivos constitucionais, prematura e isoladamente. Ou seja, caso a criança que tenha uma fixação da pulsão sexual não sofra a ação do recalque, de uma reação formativa ou da sublimação, a perversão persiste até a fase adulta. No entanto, a mera presença dessa cena perversa não é um indicativo de que o sujeito que a fantasie seja necessariamente um perverso.

Assim posto, Freud reafirma, em sua obra, a importância do complexo de Édipo como gênese das neuroses e desvenda que as fixações perversas análogas à fantasia de espancamento correspondem a cicatrizes das “agitações de seu complexo parental”<sup>32</sup> (FREUD, 1919 [1992], p. 184, tradução nossa).

Por estar presente de forma intrincada à questão das perversões, faz-se necessário abordar brevemente o complexo de Édipo. É a partir dele que as perversões sexuais infantis e adultas se ramificam.

---

<sup>32</sup> O trecho correspondente na tradução é: en las excitaciones de su complejo parental.

## 2.1. O complexo de Édipo

O mito que conta a história de Édipo foi utilizado como fonte de inspiração para muitas criações artísticas. A partir desse mito, a emblemática tragédia grega *Édipo Rei* é escrita por Sófocles por volta de 427 a.C.. Freud percebe nessa tragédia a descrição única de acontecimentos que fazem parte da história infantil de cada um de nós: o complexo de Édipo. Essa descoberta é considerada como o principal acontecimento da vida sexual infantil.

O mito de Édipo relata diversas maldições que marcam a família dos Labdácias, família de origem de Édipo, que reina em Tebas, na Grécia, por um longo período. Segundo JORGE & FERREIRA, no livro *Freud: o criador da psicanálise* (2010), Laio atraiu a ira de Apolo, o oráculo de Delfos. Apolo se revoltou com o fato de Laio, hóspede do rei Pélops, ter se apaixonado pelo jovem príncipe Crisipo, o que resultada no suicídio do rapaz. Desde então, Laio foi amaldiçoado: caso tenha um filho, este o matará e trará ruína ao Labdácias.

Mesmo carregando tal maldição, Laio desposa Jocasta e dela tem um filho. Com o intuito de livrar-se do destino fatídico, Laio ordena que a criança seja abandonada para morrer. No entanto, a sina de Laio não se encerra: a criança sobrevive e é adotada pelos reis de Corinto, possibilitando, desta maneira, que a maldição se concretize.

Segundo JORGE & FERREIRA, no livro *Freud: o criador da psicanálise* (2010), não há, na tragédia de Édipo, escrita por Sófocles, menção sobre a causa de seu infortúnio.

Em síntese, na versão de Sófocles, Édipo também é criado pelos reis de Corinto. Depois de adulto, num banquete, um dos convidados já bêbado se refere a ele como filho adotivo. Édipo, inconformado, decide ir a Delfos consultar a sacerdotisa de Apolo para saber a verdade sobre sua origem. A Pítia, em vez de responder, expulsa Édipo do templo, dizendo que seu destino é matar o pai e se unir com a mãe. Aterrorizado, resolve fugir para algum outro lugar, evitando assim a realização da terrível profecia. Na encruzilhada entre Delfos e Dáulis, encontra uma carruagem que conduzia Laio e sua comitiva. O cocheiro e o próprio rei exigem que Édipo saia do caminho. Édipo, enfurecido, mata Laio e sua comitiva, salvando-se apenas um escravo que consegue fugir. (JORGE & FERREIRA, 2010, p. 44)

Assim, a profecia começa a ser cumprida: Laio é morto por seu filho. Ainda em fuga, Édipo se depara com um monstro na entrada de Tebas, uma Esfinge que devora todos os que não conseguem decifrar seu enigma. Édipo, no entanto, decifra e derrota o monstro, o que faz com que os cidadãos de Tebas o saúdem como a um salvador.

A partir das exigências dos tebanos, Creonte, irmão de Jocasta, que assumiu o trono após a morte de Laio, torna Édipo o novo governante de Tebas e lhe concede a mão de Jocasta em casamento. Édipo e Jocasta se casam e têm quatro filhos (Eteócles, Polinice, Antígona e Ismene).

Os acontecimentos narrados na tragédia de Sófocles parecem guiar Édipo, mesmo em fuga, a selar seu sinistro destino.

Mais uma vez, a cidade dos Labdácidas é assolada pelo flagelo. Agora é a peste. Édipo, resolvido a salvar Tebas, manda chamar Tirésias, o cego que tinha o poder da adivinhação. Depois de muita relutância, Tirésias revela toda a verdade. Mas Édipo não se convence e manda buscar o escravo que tinha se salvado do massacre da encruzilhada. Ainda assim continua resistindo a reconhecer que é filho de Laio. Então Tirésias menciona a deformação dos pés, convencendo não só Édipo, mas também Jocasta. Esta se enforca. Édipo, desesperado, corre para dentro do palácio e arranca das vestes do corpo morto de sua mãe e esposa alfinetes de ouro com os quais fura os próprios olhos. (JORGE & FERREIRA, 2010, p. 45)

Freud, diante da encenação dessa tragédia grega, pode afirmar que “cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, como carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual.” (FREUD *apud* MASSON, 1986, p. 273). O valor desses eventos encenados está em seu caráter universal, cujo fenômeno principal é o de apaixonar-se pela mãe e nutrir ciúmes pelo pai.

Freud, em uma carta a Fliess, datada de 15 de outubro de 1897, revela que certos acontecimentos ligados à sua sexualidade, em um momento de sua infância, também são vividos por todas as crianças: o complexo de Édipo, um conceito fundamental, cujo processo atua na organização psíquica.

As diferentes possibilidades de constituição sinalizam a incontestável singularidade humana, presente mesmo no que é universal. O Édipo não ocorre exclusivamente para alguns, os conflitos que se originam dele, atingem a todos de forma indistinta, mas essa experiência é vivida de maneira particular.

Pelo que sabemos, o complexo de Édipo está presente na infância de todos os seres humanos, experimenta grandes alterações nos anos de desenvolvimento e em muitos indivíduos é também encontrad , com intensidade variada, em sua idade madura. Suas características essenciais, sua universalidade, seu conteúdo, seu destino, foram discernidos muito antes da psicanálise por um pensador afiado como foi Diderot, segundo mostra uma passagem de seu famoso diálogo, *Le Neveu de Rameau*: ‘Si le petit sauvage était abandoné à lui-même, qu’il conservât tout son imbécilité, et qu’il reunît au peu de raison de l’enfant au berceau la violence des passions de l’homme

de trente ans, il tordrait le cou à son père et coucherait avec sa mère<sup>33</sup>.<sup>34</sup> (FREUD, 1929-1931[1991], p. 248, tradução nossa)

O complexo de Édipo também é um período de grandes decepções. A menina crê ser alvo do amor incondicional de seu pai, o menino considera a mãe como sua propriedade, no entanto, ambos veem suas convicções ruírem, seja pela via de um duro castigo, seja pela chegada de um novo membro ao núcleo familiar. Ninguém deixa de ser afetado pelo complexo de Édipo, a maneira com que é vivenciado deixa seus efeitos.

Nesse período, entre investigações e descobertas, surge uma questão que se coloca, tanto para os meninos quanto para as meninas: a diferença sexual. Ambos se deparam com a diferença anatômica dos corpos.

É notória sua reação diante das primeiras impressões da falta do pênis. Desconsideram essa falta; creem ver um membro apesar de tudo; encobrem a contradição entre observação e pré-concepção mediante o subterfúgio de que ainda é pequeno, depois, pouco a pouco, chegam a conclusão afetivamente significativa de que esteve presente e foi removido. A falta do pênis é entendida como resultado de uma castração, e agora se coloca à criança a tarefa de lidar com a castração referida a ela. (...) Me parece, que somente se pode apreciar corretamente o significado do complexo de castração se uma vez se toma em conta sua origem na fase da primazia do falo.<sup>35</sup> (FREUD, 1923 [1992], p. 147, tradução nossa).

Tanto para os meninos quanto para as meninas ocorre a descoberta da presença e ausência do pênis. Essa diferença é negada pela crença do crescimento do clitóris, o qual é tomado como um pênis menor. Essa convicção apazigua tanto os meninos, quanto as meninas

---

<sup>33</sup> Tradução da nota de rodapé no texto citado de Freud: Se o pequeno selvagem fosse abandonado a si próprio, ainda que conservasse toda sua imbecilidade e que reunisse ao pouco da razão da criança de berço a violência das paixões do homem de trinta anos, estrangularia o pai e se deitaria com a mãe.

<sup>34</sup> O trecho correspondente na tradução é: Por lo que sabemos, el complejo de Edipo ha estado presente en la infancia de todos los seres humanos, experimenta grandes alteraciones en los años del desarrollo y en muchos individuos se lo halla también, con variable intensidad, en su edad madura. Sus caracteres esenciales, su universalidad, su contenido, su destino, fueron discernidos mucho antes del psicoanálisis por un agudo pensador como lo fue Diderot, según lo prueba un pasaje de su famoso diálogo *Le neveu de Rameau*: «Si le petit sauvage était abandonné a lui-même, qu'il conservât toute son imbecillité et qu'il réunit au peu de raison de l'enfant au herceau la violence des passions de l'homme de trente ans, il tordrait le col a son père et coucherait avec sa mere»

<sup>35</sup> O trecho correspondente na tradução é: Es notoria su reacción frente a las primeras impresiones de la falta del pene. Desconocen\* esa falta; creen ver un miembro a pesar de todo; cohonestan la contradicción entre observación y prejuicio mediante el subterfugio de que aún sería pequeño y ya va a crecer," y después, poço a poco, llegan a la conclusión, afectivamente sustantiva, de que sin duda estuvo presente y luego fue removido. La falta de pene es entendida como resultado de una castración, y ahora se le plantea al niño la tarea de habérselas con la referencia de la castración a su propia persona. (...) Me parece, eso sí, que *sólo puede apreciarse rectamente la significatividad del complejo de castración si a la vez se toma en cuenta su génesis en la fase del primado del falo.*

do medo da castração. Mas essa fantasia não se sustenta por muito tempo, fazendo com que a ausência do pênis seja a prova cabal de que elas não só não os têm, mas que nunca virão a tê-los: “visto isso, sabe que não o tem e quer tê-lo.”<sup>36</sup> (FREUD, 1925 [1992], p. 271, tradução nossa).

No que diz respeito aos meninos, eles percebem que as meninas não têm o pênis. Se elas não têm, eles, que têm, podem perdê-lo. Daí as ameaças feitas pelos pais, com o intuito de impedir a masturbação, se tornam ameaças de castração.

O complexo de Castração, que integra o complexo edípico, inaugura a interdição do desejo infantil: a mãe é proibida. Para os meninos, a castração aparece sempre sob a forma de ameaça de punição (a perda do pênis). Já para as meninas comparece como promessa não cumprida de ter um filho do pai. Em ambos, Freud faz questão de ressaltar que o desejo é inconsciente. Justamente por sua falta de sucesso, as impossibilidades internas conduzem o complexo de Édipo para a sua destruição.

As repercussões do complexo de castração o precedem e o preparam. Quanto a ligação entre o complexo de Édipo e o complexo de castração, se estabelece uma oposição fundamental entre os sexos. Enquanto o complexo de Édipo do menino é destruído devido ao complexo de castração, o da menina é possível e introduzido por esse último. Esta contradição se esclarece ao se refletir sobre os efeitos produzidos pelo complexo de castração em cada caso no sentido de seu conteúdo: inibidores e limitadores da masculinidade e promotores da feminilidade. A diferença entre homem e mulher nessa parte do desenvolvimento sexual é uma consequência compreensível da diversidade anatômica dos genitais e da situação psíquica a ela ligada; corresponde à distinção entre castração consumada e uma mera ameaça de castração.<sup>37</sup> (FREUD, 1925 [1992], p. 275, tradução nossa)

Como vimos, seja pela via da punição, para os meninos, seja pela via do não ter, para as meninas, a castração é condição para todos. Para a menina a castração está consumada, para o menino a castração é uma possibilidade.

---

<sup>36</sup> O trecho correspondente na tradução é: Ha visto eso, sabe que no lo tiene, y quiere tenerlo.

<sup>37</sup> O trecho correspondente na tradução é: Las repercusiones del complejo de castración le preceden y lo preparan. En cuanto al nexo entre complejo de Edipo y complejo de castración, se establece una oposición fundamental entre los dos sexos. *Mientras que el complejo de Edipo del varón se va al jundamento debido al complejo de castración, el de la niña es posibilitado e introducido por este último.* Esta contradicción se esclarece si se reflexiona en que el complejo de castración produce en cada caso efectos en el sentido de su contenido: inhibidores y limitadores de la masculinidad, y promotores de la feminidad. La diferencia entre varón y mujer en cuanto a esta pieza del desarrollo sexual es una comprensible consecuencia de la diversidad anatómica de los genitales y de la situación psíquica enlazada con ella; corresponde al distingo entre castración consumada y mera amenaza de castración.

No impasse resultante do conflito de interesses entre o investimento libidinal aos objetos parentais e narcisismo, o triunfo do narcisismo provoca a dissolução do complexo de Édipo e a preservação do órgão genital. No entanto, o afastamento do perigo da castração não ocorre sem consequências: seu órgão genital tem sua função removida, o que introduz o período de latência e a interrupção do desenvolvimento sexual infantil. Porém, o investimento objetal de outrora não é de todo perdido, ele dá lugar as identificações: a introjeção da autoridade paterna forma o núcleo do Supereu.

Sua investidura libidinosas são resignadas, dessexualizadas e sublimada; seus objetos são incorporados ao eu, onde eles formam o núcleo do supereu e emprestar para esta neoformação suas propriedades características. No caso normal – digo melhor: no caso ideal -, ele não subsiste tanto no inconsciente nenhum complexo de Édipo, o supereu se tornou seu herdeiro.<sup>38</sup> (FREUD, 1925 [1992], p. 276, tradução nossa)

O complexo de Édipo, além de ser considerado como o núcleo das neuroses, pode também resultar nas perversões. Para Freud, caso um recalque do complexo de Édipo não ocorra, permanece inconsciente no Isso para, um dia, revelar seu efeito patogênico.

No texto *A divisão do Eu no processo de defesa*<sup>39</sup> (1940 [1938]), Freud exemplifica magistralmente o desencadeamento da perversão a partir do complexo de Édipo. Essa narrativa descreve a história clínica de um paciente, quando contava com cerca de 3 a 4 anos de idade, que seduzido por uma menina mais velha, conhece a genitália feminina.

Todavia, mesmo após a interrupção dessa relação, o menino prossegue com a prática da masturbação manual. Para seu infortúnio, o ato é flagrado por sua rigorosa babá, que o adverte sobre uma possível castração, caso não parasse de se masturbar. A punição seria executada pelo pai. Tal ameaça não causa efeito imediato à criança, que não acredita na possibilidade de perder uma parte tão importante de seu corpo. Mesmo conhecendo a anatomia feminina, ele crê no crescimento futuro de um pênis, o que torna a ameaça inócua. No entanto, as ameaças, somadas à sua familiaridade com a anatomia feminina, confirmam a possibilidade de sua castração.

---

<sup>38</sup> O trecho correspondente na tradução é: Sus investiduras libidinosas son resignadas, dessexualizadas y en parte sublimadas; sus objetos son incorporados al yo, donde forman el núcleo del superyó y prestan a esta neoformación sus propiedades características. En el caso normal —mejor dicho: en el caso ideal—, ya no subsiste tampoco en lo inconsciente ningún complejo de Edipo, el superyó ha devenido su heredero.

<sup>39</sup> *La escisión del yo en el proceso defensivo.*

Freud deixa claro que, comumente, o menino rende-se à censura de seu ato, obedece e abandona sua prática, em maior ou menor grau. No entanto, o menino em questão cria uma suplência (fetiche) para o pênis que falta nas mulheres, assim, rejeita a realidade anatômica feminina para não temer sua própria castração.

A partir do mecanismo da regressão, o menino pode deslocar o valor do pênis para outra parte do corpo da mulher. Esse deslocamento não atinge o corpo masculino, apenas o feminino. Assim, não precisa abandonar seu gozo e mantém sua prática masturbatória. Contudo, paralelamente à criação do fetiche, surge um medo desmedido de ser comido por seu pai, sintoma que revela que ele não está inteiramente a salvo do perigo da castração.

Essa notável narrativa mostra a importância do complexo de Édipo na perversão, pois apresenta um mecanismo diferente dos que são descritos para outras estruturas psíquicas.

O complexo de Édipo em Lacan, apresentado adiante, recupera a função do pai e a coloca no cerne da questão edípica, freando a lei onipotente do Outro materno e possibilitando à criança sua saída da posição de objeto da fantasia materna.

## 2.2. Os tipos de perversão

Retomando o que já dissemos sobre a perversão antes de Freud, recorreremos a excelente síntese de Laplanche e Pontalis sobre a abordagem da perversão antes da descoberta da psicanálise:

Desvio em relação ao ato sexual “normal”, definido este como coito que visa a obtenção do orgasmo por penetração genital, com uma pessoa do sexo oposto. Diz-se que existe perversão quando o orgasmo é obtido com outros objetos sexuais (homossexualidade, pedofilia, bestialidade, etc), ou por outras zonas corporais (coito anal, por exemplo) e quando o orgasmo é subordinado de forma imperiosa a certas condições extrínsecas (fetichismo, transvestismos, escotofilia e exibicionismo, sado-masiquismo); estas podem mesmo proporcionar, por si sós, o prazer sexual. (LAPLANCHE e PONTALIS, s/d, p. 432)

Laplanche e Pontalis também nos advertem sobre a inexistência da natureza de uma sexualidade normal, pois em sua busca pela satisfação, pode portar traços perversos. Justamente porque “não se desliga nunca inteiramente de suas origens, que lhe fazem procurar

a sua satisfação, não uma atividade específica, mas no ‘lucro de prazer’ ligado a funções ou atividades que dependem de outras pulsões.” (LAPLANCHE e PONTALIS, s/d, p. 433-434).

O uso do toque e do olhar, como práticas imprescindíveis para que o alvo sexual seja alcançado, é o que Freud denomina de preliminares. Esse uso também está presente na infância, no prazer de ser tocado e de ser olhado. Freud exemplifica isto, no texto que aborda a fobia do pequeno Hans, 1909, quando se refere ao fato de que a criança sentia prazer ao ser observado fazendo “pipi”.

Para Freud, as perversões se ligam às vicissitudes pulsionais. A reversão a seu oposto se caracteriza por dois processos distintos: mudança da finalidade (atividade – passividade) e reversão de seu conteúdo (transformação do amor em ódio). Em relação à mudança de finalidade, Freud afirma que a ativa (torturar, olhar) é substituída pela passiva (ser torturado, ser olhado). Na reversão do conteúdo, a pulsão, que é direcionada aos objetos, retorna ao eu. O objeto muda, mas a finalidade é a mesma.

De modo preciso, Freud, no texto dos *Três ensaios* (1905), afirma que algumas inclinações à perversão podem se apresentar por meio de uma dupla polaridade, trazendo em si a concomitância de características, aparentemente, contraditórias. Os pares de opostos exibicionismo-voyerismo e sadismo-masiquismo são os que mais comumente podem servir como exemplo de ambivalência. Logo, o masiquismo é o retorno do sadismo e o exibicionismo se transforma no voyerismo.

No texto *Pulsiones y destinos de pulsión*<sup>40</sup> (1915), Freud explica que a pulsão escopofílica possui uma fase preliminar, na qual “o prazer de ver tem como objeto o próprio corpo - pertence ao narcisismo, é uma formação narcísica. Dela se desenvolve a pulsão ativa de ver, deixando para trás o narcisismo, porém a pulsão passiva de ver retém o objeto narcísico.”<sup>41</sup> (FREUD, 1915 [1992], p. 127, tradução nossa). O oposto acontece com a pulsão escopofílica passiva, a qual se prende ao objeto narcísico. Essa pulsão remete às relações mais ancestrais da criança com a mãe, ou seja, ao auto-erotismo.

A partir daí, as características da pulsão escopofílica (voyerismo-exibicionismo), no que diz respeito à reversão da finalidade ao seu oposto, passam pelas seguintes etapas: 1) a

---

<sup>40</sup> Título correspondente na tradução da editora Imago: *As pulsões e suas vicissitudes*.

<sup>41</sup> O trecho correspondente na tradução é: Deberíamos entonces decir que la etapa previa de la pulsión de ver — en que el placer de ver tiene por objeto al cuerpo propio— pertenece al narcisismo, es una formación narcisista. Desde ella se desarrolla la pulsión activa de ver, dejando atrás al narcisismo; pero la pulsión pasiva de ver retiene el objeto narcisista.

finalidade do olhar é ativa (Eu olho); 2) uma nova finalidade, passiva, é estabelecida, a pulsão se volta para o corpo do sujeito (Sou olhado); 3) o sujeito se exhibe para um outro (Sou olhado por alguém).

Outro par de opostos é o sadismo-masochismo, que são termos criados por Krafft-Ebing. A inspiração do termo sadismo nasce “a partir do nome do escritor francês Donatien Alphonse François, marquês de Sade (1740-1814), para designar uma perversão sexual (...) baseada num modo de satisfação ligado ao sofrimento infligido ao outro.” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 681). Já o termo masochismo nasce “a partir do nome do escritor austríaco Leopold von Sacher-Masoch (1835-1895), para designar uma perversão sexual (...) em que a satisfação provém do sofrimento vivido e expresso pelo sujeito em estado de humilhação.” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 501).

O sadismo-masochismo é um par de opostos que, assim como o anterior, sofre a reversão da finalidade da pulsão. Embora não possua uma fase preliminar, suas características são semelhantes às que foram descritas para o par voyeurismo-exibicionismo. Justamente por isso, apresenta-se da seguinte maneira: 1) o sadismo (posição ativa) se caracteriza pelo uso da violência, exercendo um poder sobre outra pessoa como objeto; 2) esta pessoa, no lugar do objeto, é substituída pelo próprio eu; 3) o eu como objeto é substituído por outra pessoa que, em função da mudança de finalidade, passa a ocupar o papel de sujeito (masochismo). Nesse terceiro caso, a satisfação se realiza pela via do sadismo originário.

Em relação à escopofilia passiva e ao masochismo, Freud afirma que, em ambos os casos, o sujeito narcisista é substituído por outro eu por meio de uma identificação. Outro aspecto, que ocorre de maneira semelhante nos pares de opostos aqui apresentados, é o retorno ao objeto narcisista, que também ocorre na transformação do sadismo em masochismo.

Se na primeira tópica, Freud aborda o masochismo como derivação do sadismo, logo, nesse momento de sua trajetória, não vamos encontrar a noção de masochismo primário. Esta só aparece quando ele, em 1920, no texto *Más allá del principio de placer*<sup>42</sup>, descobre a pulsão de morte. A partir daí, temos dois tipos de masochismo: o primário e o secundário. Laplanche e Pontalis compreendem por masochismo primário o momento em que a agressividade está endereçada apenas ao eu e não ao objeto externo.

---

<sup>42</sup> Título correspondente na tradução da editora Imago: *Mas além do princípio do prazer*.

O masoquismo, por sua marcante busca pelo desprazer e pelo sofrimento, apresenta para a psicanálise um verdadeiro enigma, porque põe em cheque a primazia do princípio do prazer. Diante disso, no texto *El problema económico del masoquismo*<sup>43</sup> (1924), Freud afirma que este princípio se paralisa, pois o “guardião de nossa vida psíquica fica, por assim dizer, sob efeito de uma droga.”<sup>44</sup> (FREUD, [1992], p. 165, tradução nossa).

Para melhor entendermos esse enigma, Freud classifica três tipos de masoquismo: erógeno, feminino e moral. Essas formas de masoquismo não se referem a etapas de seu desenvolvimento, mas ao seu modo de comparecimento, seja em sua relação com o objeto, seja em sua relação com a fantasia.

O masoquismo erógeno, do qual se deriva os outros dois masoquismos, é também denominado como primário ou primordial e consiste no prazer na dor como requisito imperioso para a obtenção da excitação sexual.

Esse tipo de masoquismo antecede o sadismo e corresponde a parcela da pulsão de destruição, que não é desviada para fora do eu. Então, a maior parcela da pulsão de destruição, que se desloca para os objetos do mundo externo, é posta a serviço da função sexual pela via do sadismo.

Para abordarmos os outros tipos de masoquismo, é necessário grifar alguns aspectos teóricos que englobam a metapsicologia e o ponto de vista econômico.

Quando se refere ao conceito metapsicológico de pulsão, Freud afirma haver três grandes polaridades que atuam no psiquismo de maneira dinâmica: real (eu-mundo externo), econômica (prazer-desprazer) e biológica (atividade-passividade).

Em relação à antítese eu-mundo externo, Freud se refere à possibilidade de um organismo vivo encontrar um suporte que, a partir da eficiência da atividade muscular, propicie a distinção entre o que está dentro ou fora do sujeito. Na antítese prazer-desprazer o que está em jogo é a primazia do princípio do prazer que possui um valor decisivo em nossas ações. Na polaridade atividade-passividade, Freud adota a diferença estabelecida pela biologia de sua época: atividade = masculino e passividade = feminino.

É importante ressaltar que essa polaridade não se apoia na concepção social de homem e mulher, já que, por exemplo, a função materna é essencialmente masculina, pois está polarizada na atividade.

---

<sup>43</sup> Título correspondente na tradução da editora Imago: *O problema econômico do masoquismo*.

<sup>44</sup> O trecho correspondente na tradução é: (...) el guardián de nuestra vida anímica, por así decir, narcotizado.

Assim, do ponto de vista econômico, o masoquismo é um fenômeno feminino por sua polarização passiva. Seu par, o sadismo, é um fenômeno masculino por ser ativo.

É justamente por isso que o masoquismo feminino, apesar da nomeação, é também encontrado nos homens. Esse tipo de masoquismo é o mais acessível e pode ser observado em suas relações: o conteúdo manifesto das fantasias evidencia que o sujeito masoquista se oferece como objeto de humilhações. Suas fantasias têm como conteúdo ser amordaçado, amarrado, espancado, forçado à obediência incondicional, sujado, entre outros maus-tratos. O que pode ser observado é que ele anseia ser tratado como uma criança pequena, desamparada e travessa.

A denominação de masoquismo feminino pode provocar polêmica, caso o feminino se confunda com feminilidade. A equivalência errônea evoca a fantasia do masoquismo como atributo da mulher. Segundo Lacan no *Seminário — livro 10: a angústia* (1962-1963), o masoquismo da mulher é uma fantasia do homem. Essa fantasia do homem pode ser confirmada em certas justificativas sobre a violência doméstica, de que as mulheres apanham porque gostam.

Se no masoquismo feminino o que está em jogo são as relações interpessoais, no masoquismo moral o que importa é o sofrimento em si, não sua causa. Caracteriza-se por uma conduta social, na qual esse masoquista “oferece sua face toda vez em que há uma oportunidade de receber uma bofetada”<sup>45</sup> (FREUD, 1924 [1992], p. 171, tradução nossa). A busca pelo sofrimento traz em si uma “necessidade de punição”, que não cessa com o sofrer, mas que torna qualquer tipo de tentação passível de ser sadicamente censurada ou castigada pelo destino, seu representante do poder parental. Por isso, o masoquista provoca sua punição ao “fazer coisas inapropriadas, a trabalhar contra seu interesse, destruir as perspectivas que se abrem no mundo real e, eventualmente, aniquilar sua existência real.”<sup>46</sup> (FREUD, 1924 [1992], p. 175, tradução nossa).

O masoquismo moral está intimamente ligado ao sentimento inconsciente de culpa. Esse sentimento, por ser um afeto, é consciente. O desejo de punição, por sua vez, encontra-se

---

<sup>45</sup> O trecho correspondente na tradução é: (...)el verdadero masoquista ofrece su mejilla toda vez que se presenta la oportunidad de recibir una bofetada.

<sup>46</sup> O trecho correspondente na tradução é: (...) hacer cosas inapropiadas, a trabajar en contra de su propio beneficio, destruir las perspectivas que se le abren en el mundo real y, eventualmente, aniquilar su propia existencia real.

no inconsciente. A culpa é a manifestação da tensão entre o eu e o Supereu. Isso ocorre pela reação do eu frente às exigências não correspondidas do Supereu.

Ao considerar o Supereu como um substituto do complexo de Édipo, é possível traduzir esse tipo de masoquismo “(...) como uma necessidade de ser punido pelo poder parental.”<sup>47</sup> (FREUD, 1924 [1992], p. 175, tradução nossa).

### 2.3. O fetichismo

O fetichismo, termo derivado de fetiche ou feitiço, é originalmente descrito por Charles De Brosses (1709-1777) como uma manifestação da religiosidade. O fetichismo religioso tem origem no encontro do europeu com a crença em objetos religiosos dotados de poderes sobrenaturais das sociedades primitivas africanas. Esses objetos se opunham à ideia de ídolos, pois não representam uma divindade, mas possibilitam sua presentificação. Segundo Roudinesco & Plon (1998), a importância do estudo do fetiche como religião está ancorada na tese darwiniana.

O significante fetiche também foi utilizado por campos de conhecimento cujo interesse não está na religiosidade primitiva. Tais campos partem da metáfora religiosa para desenvolverem teorias utilizando novos sentidos para esse termo, com a finalidade de explicar outros tipos de relações, como podemos observar na teoria da sexualidade.

O sentido antropológico do fetiche é apresentado por Freud nos *Três ensaios* (1905) ao expor a comparação possível entre o fetiche sexual e “o fetiche em que o selvagem vê seu deus encarnado.”<sup>48</sup> (FREUD, 1905 [1992], p. 139, tradução nossa): o substituto do objeto sexual é, de forma análoga, o fetiche religioso das sociedades primitivas.

Embora o texto exclusivo sobre o fetichismo tenha sido publicado somente em 1927, ele está presente em muitos momentos de sua obra. Para a psicanálise, a relevância de seu estudo se torna evidente em 1905, por ser considerada a variante que mais se aproxima do patológico. Freud considera o fetichismo como uma perversão caso haja inalterabilidade e se converta num objeto sexual único.

---

<sup>47</sup> O trecho correspondente na tradução é: (...) necesidad de ser castigado por un poder parental.

<sup>48</sup> O trecho correspondente na tradução é: (...) el fetiche en que el salvaje ve encarnado a su dios.

Entretanto, não cabe a Freud o título de criador do conceito de fetichismo sexual. Segundo Roudinesco & Plon (1998), o psicólogo francês Alfred Binet (1857-1911) retoma o conceito de fetiche para designar o aspecto da vida sexual, no qual ou uma parte do corpo ou um objeto relacionado a ele é privilegiado como finalidade ou para alcançar a excitação sexual. Justamente por isso, o fetichista atribui ao objeto fetiche grande importância, pois esse objeto deve preencher condições específicas para ocupar esse lugar de desejo. O requisito só é conhecido pelo fetichista, já que para os demais o objeto fetiche não é uma exigência imperiosa para a excitação sexual ou para atingir o orgasmo.

Dessa maneira, o fetichismo sexual já possuía status de categoria nosológica, com seus conteúdos manifestos descritos. A psicanálise, por sua vez, lança um novo olhar e verifica a presença de componentes capazes de ligar o fetichismo ao complexo de Édipo e às questões relativas à diferença sexual.

Freud, no texto *Sobre las teorías sexuales infantiles*<sup>49</sup> (1908), traz um denominador comum às perversões: as dificuldades encontradas pela criança em admitir a castração da mãe. Isso ocorre porque, de acordo com as teorias infantis, mulheres e homens possuem pênis. O horror provocado pela possibilidade da castração está diretamente relacionado ao valor que o pênis possui.

Essa informação também aparece no texto *Um recuerdo infantil de Leonardo da Vinci*<sup>50</sup> (1910), quando a atração erótica da criança por sua mãe se converte no desejo pelo suposto pênis desta. A descoberta da diferença sexual pode resultar tanto na transformação no seu oposto (repulsa, misoginia e homossexualidade) como no fetichismo. “O culto fetichista do pé e do sapato femininos parece os adotar como símbolo substituto do membro da mulher outrora venerado e depois perdido.”<sup>51</sup> (FREUD, 1910 [1992], p. 90, tradução nossa).

Nesse mesmo texto, Freud descreve a teoria de Leonardo da Vinci de que sua mãe possui um pênis, fato que desencadeia a produção de uma fantasia na qual um abutre vai ao seu berço e fustiga os lábios com a cauda. Segundo Freud, cauda (*coda*) é uma expressão que se refere ao pênis, o que sugere a descrição da fantasia de um ato sexual. Tal fantasia é

---

<sup>49</sup> Título correspondente na tradução da editora Imago: *Sobre as teorias sexuais das crianças*.

<sup>50</sup> Título correspondente na tradução da editora Imago: *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*.

<sup>51</sup> O trecho correspondente na tradução é: La veneración fetichista del pie y el zapato femeninos parece tomar a aquel sólo como un símbolo sustitutivo del miembro de La mujer otrora venerado, y echado de menos desde entonces.

uma reminiscência do ato de sugar o seio materno e de ter sido beijado por sua mãe apaixonadamente na boca.

Nesse texto não há indícios de que Leonardo possua características fetichistas, mas diante de sua inibição em relação à sexualidade, Freud afirma haver substitutos da atividade sexual: suas pesquisas e sua arte. Por ter tido sua curiosidade infantil instigada a cerca da sexualidade humana precocemente, Leonardo sublima grande parte de sua libido. A sublimação é definida pela capacidade da substituição de seu objeto sexual por outros, que sejam valorizados socialmente e desprovidos do caráter sexual. O fetichismo, no entanto, trata-se de uma conciliação que é propiciada a partir do deslocamento. Há uma substituição, mas de outra ordem.

Para a psicanálise, a estrutura clínica perversa se caracteriza por se constituir a partir da posição que o sujeito toma frente à castração e ao horror que esta lhe causa. Deparar-se com essa realidade é insuportável e uma solução torna-se necessária. Assim, no texto *Fetichismo* (1927), Freud afirma que a percepção da castração é negada e sustentada por um mecanismo denominado de renegação (*Verleugnung*). Mesmo quando a castração é confrontada, a renegação do que é indesejavelmente percebido ocorre.

Justamente por isso, o fetiche surge como um substituto do pênis da mãe, um verdadeiro triunfo por ser capaz de tamponar a falta e proteger o sujeito da castração. No entanto, não possibilita seu esquecimento. Esse ocultamento faz das mulheres objetos sexuais aceitáveis, já que passam a configurar como dotadas de características essenciais.

Eis aqui o processo: o menino recusou se conscientizar de uma percepção, a saber, que a mulher não possui um pênis. Não, isso não pode ser verdade, pois se a mulher está castrada, sua própria posse corre perigo, e contra isso se revolta e ergue a parte do narcisismo que a natureza, prudentemente, ligou a esse órgão. O adulto experimenta um pânico semelhante se, por acaso, for anunciado que seu trono e seu altar correm perigo, o que o levará a consequências ilógicas parecidas. (...) Porém na situação que consideramos, pelo contrário, parece que a percepção permanece e se empreendeu uma ação muito energética para sustentar sua renegaç. Não é verdade que após sua observação da mulher, o menino tenha mantido para si inalterada a crença no falo feminino. Ele manteve, porém, renunciou.<sup>52</sup> (FREUD, 1927 [1992], p. 148-149, tradução nossa)

---

<sup>52</sup> O trecho correspondente na tradução é: He aquí, pues, el proceso: el varoncito rehusó dar se por enterado de un hecho de su percepción, a saber, que la mujer no posee pene. No, eso no puede ser cierto, pues si la mujer está castrada, su propia posesión de pene corre peligro, y en contra de ello se revuelve la porción de narcisismo con que la naturaleza, providente, ha dotado justamente a ese órgano. Acaso el adulto vivenciará luego un pánico semejante si se proclama que el trono y el altar peligran, y lo llevará a parecidas consecuencias ilógicas. (...) Pero en la situación que consideramos, por el contrario parece que la percepción permanece y se emprendió un acción muy enérgica para sustentar su desmentida. No es correcto que tras su observación de la mujer el niño

Devido a essa recusa, para o fetichista, a mãe teve um pênis. Entretanto, esse pênis não é o mesmo: um substituto tomou seu lugar. Por ter triunfado sobre a ameaça de castração e proteger o sujeito contra ela, o substituto que adquiriu de seu antecessor o valor, tem seu interesse exponencialmente aumentado. O objeto fetiche tampona a castração da mãe e, conseqüentemente, das mulheres. Desta forma, uma saída é encontrada: não há necessidade de temer a castração, todos têm pênis.

É diante da diferença sexual e da sua conseqüente renegação, que Freud observa o advento da divisão do eu, uma fenda entre realidade e satisfação pulsional. Em razão do conflito deflagrado frente ao horror da castração, a divisão do eu ocorre e, com isto, dois caminhos são possíveis: se render diante do perigo da perda do seu pênis e se abster à satisfação pulsional ou desmentir os riscos que a realidade insiste em afirmar e, desta maneira, salvaguardar a satisfação. Entretanto, o perverso adota ambas e, desta forma, a divisão não pode se restaurar: “as duas reações contrapostas frente ao conflito subsistirão como núcleo da divisão do eu”<sup>53</sup> (FREUD, 1938-1940 [1992], p. 276, tradução nossa).

O fetichismo, contudo, nem sempre é sinônimo de um estado a ser considerado patológico. No texto dos *Três ensaios* (1905), Freud declara que o “fetichismo normal” também pode ser observado, em certa medida, nos estados de enamoramento, cuja meta sexual é procrastinada ou não pode ser atingida. Já no caso do “fetiche patológico”, este se fixa e substitui a meta sexual normal, por se desprender da pessoa determinada e se elevar à categoria de objeto sexual.

No texto *Fetichismo* (1927), também há a apresentação de outra variante em um caso exemplificador, considerado um paralelo ao fetichismo na psicologia social. Nesse exemplo, Freud apresenta o ritual Pés de lótus, antigo costume no qual as meninas chinesas eram submetidas. As meninas eram submetidas a um processo no qual os pés eram enfaixados durante a infância para que tivessem, na idade adulta, pés com o tamanho de 7 a 10 centímetros para, desta maneira, atingir os padrões de beleza exigidos na época.

Segundo Coelho e Jorge (1988), além da deformidade óssea, as mulheres com pés de lótus enfrentavam sérias dificuldades com a conseqüente atrofia dos músculos e tendões dos

---

haya salvado para sí, incólume, su creencia en el falo de aquella. La ha conservado, pero también la ha resignado (...)

<sup>53</sup> O trecho correspondente na tradução é: Las dos reacciones contrapuestas frente al conflicto subsistirán como núcleo de una escisión del yo.

membros inferiores, que, conseqüentemente, inutilizava a articulação dos joelhos. Ademais, o ato de caminhar se alterava de maneira relevante e caracterizava-se pelos passos curtos, hesitantes e por sua instabilidade. “Cada par de lótus de oiro custa uma tonelada de lágrimas.” (COELHO & JORGE, 1988, p. 21).

Abandonado há algumas décadas, a prática desse padrão considerado como sinônimo do belo teve grande impacto na vida das chinesas: a menina que não houvesse sido submetida a tal procedimento estava condenada a permanecer à margem da sociedade. Por outro lado, as dolorosas práticas sociais e estéticas, subordinadas por tão rígido padrão de beleza, definiam sua posição social. O belo era a exigência para o sucesso social. Nesse ritual, os pés miniaturizados e deformados eram reverenciados e garantiam o casamento com um homem abastado.

Para Freud, “os lótus de oiro representavam um símbolo da castração da mulher, que apenas a civilização chinesa foi capaz de confessar” (ibid., p. 24). A veneração aos pés femininos mutilados soa como um agradecimento à mulher por sua submissão à castração.

### 3. A PERVERSÃO EM LACAN

Fundamentado na rigorosa leitura dos textos freudianos, Lacan se destaca dos psicanalistas pós-freudianos de sua época e exerce um papel de extraordinária importância para a psicanálise.

Além do pioneirismo no movimento de retorno à Freud, forja conceitos fundamentais tanto para o campo clínico quanto para a investigação teórica. Dessa maneira, a abordagem lacaniana possibilita ser fiel às bases freudianas fundamentais e ir além de suas noções de modo original.

No que tange ao estudo da perversão, Lacan expõem as características multifacetadas e, entre outras noções, reforça a distinção entre estrutura clínica e o comportamento observável, investiga e explica pormenorizadamente o sujeito desde sua origem, o mecanismo específico desta estrutura clínica, forja o matema do desejo perverso que explicita a relação entre desejo, objeto *a* e o sujeito barrado.

Justamente pela importância do legado lacaniano, esta pesquisa se debruça no estudo do sujeito perverso desde sua origem, nas vias perversas do desejo e no paradigma da perversão, o fetichismo.

#### 3.1. O esquema óptico

Em seu processo investigativo, Lacan apoia-se nas elaborações sobre o estádio do espelho e utiliza um experimento oriundo da física óptica, conhecido como *Ilusão do buquê invertido* de Henri Bouasse para apresentar um modelo teórico que possibilita demonstrar a importância das relações do sujeito à sua imagem e ao olhar do Outro. Segundo Eidsztein, “o modelo óptico é um *apólogo* das relações recíprocas do simbólico, do imaginário e do real.”<sup>54</sup> (EIDELSZTEIN, 1992, p. 35, tradução nossa).

Tomar emprestado modelos originários de outros campos de saber possibilita, por analogia, a construção de um conjunto de hipóteses capazes de explicar como os elementos

---

<sup>54</sup> O trecho correspondente na tradução é: El modelo óptico es un apólogo de las relaciones de lo simbólico, lo imaginario y lo real.

investigados se correlacionam. Para Lacan, é comum “ciências em gestação”, como a psicanálise, tomarem emprestado modelos de outras ciências. (LACAN, 1953-1954 [2009], p. 103)

A utilização desse artifício é respaldada no texto freudiano sobre a interpretação dos sonhos (1900). Nele, Freud nos recomenda estar atentos ao terreno psicológico: o verdadeiro lugar psíquico. Para tanto, utiliza o microscópio, o telescópio e a máquina fotográfica para ilustrar que a imagem que neles se forma não se localiza em nenhum lugar concreto. Da mesma forma, o lugar psíquico não seria encontrado em um ponto anatômico.

Apesar de Lacan utilizar os recursos de outras ciências, ressalta em *O seminário, livro I, Os escritos técnicos de Freud* a advertência do fundador da psicanálise a respeito da necessidade de utilização de representações que possam nos auxiliar na aproximação de um fato desconhecido, sendo melhores as que forem mais simples e mais tangíveis. Para tanto, o julgamento crítico deve estar preservado.

O esquema óptico utilizado por Lacan não visa afetar de maneira direta o que é manejado na prática clínica, mas possibilita apresentar o resultado da “intrincação estreita do mundo imaginário e do mundo real na economia psíquica” (LACAN, 1953-1954, p. 108).

Ademais, a utilização desse modelo óptico generaliza o princípio da formação do eu nas hipóteses lacanianas do estágio do espelho. Justamente por vincular a estrutura com a assunção da imagem especular. Essa assunção é observada em um momento jubilatório, percebido em crianças entre o sexto e o décimo oitavo mês de vida.

O mencionado experimento é composto por um espelho côncavo e uma caixa oca de um lado, cuja abertura deve estar voltada para o espelho. Na parte interna da dita caixa, um objeto com a forma de um vaso de cabeça para baixo e, acima dele, um buquê de flores.

O espelho côncavo é capaz de refletir uma imagem real, produzindo a ilusão de que as flores estão perfeitamente dispostas no vaso. Isso ocorre pelo fato de que todos os raios emanados de um ponto se projetam para outro ponto simétrico, o que gera a forma de uma imagem invertida, em virtude da propriedade óptica.

As imagens produzidas a partir de um espelho côncavo podem ser virtuais ou reais. De outra maneira, o espelho plano produz apenas as virtuais. Essa classificação das imagens indica o lugar onde elas se formam: diante do espelho (real) ou atrás do espelho (virtual).

Para que a ilusão aconteça no espelho côncavo e a imagem real seja revelada, os elementos devem ser corretamente posicionados. É fundamental que o observador esteja a uma distância específica para que a paralaxe ocorra, permitindo a ilusão ao olho: uma imagem inserida, no mundo dos objetos reais, simultaneamente acomodada, trazendo a tais objetos

reais uma “organização imaginária, a saber, incluí-los, excluí-los, situá-los, completá-los.” (LACAN, 1953-1954, p. 184), o imaginário e o real estão no mesmo plano, em uma relação de imagens projetadas e imagens da realidade.

Para que a ilusão se produza, para que se constitua, diante do olho que olha, um mundo em que o imaginário pode incluir o real e, ao mesmo tempo, formá-lo, em que o real também pode incluir e, ao mesmo tempo, situar o imaginário, é preciso que uma condição seja realizada – eu o disse a vocês, o olho deve estar numa certa posição, deve estar no interior do cone. (LACAN, 1953-1954 [2009], p. 110)

Em nossos estudos, a relação entre as imagens reais e virtuais devem ser compreendidas em sua subordinação imaginária, sendo apenas análoga à óptica. Desta maneira podemos perceber um real que não é acessível de outra forma. A anterioridade da ilusão que, como efeito do reflexo do espelho esférico, resulta na imagem real  $i(a)$  é consequência de uma subjetivação que ocorre pelas vias da autocondução, como se a imagem fosse representante de uma função cortical geral. “Observem, para seu propósito, que lembro nesta oportunidade a diferença entre a imagem e o ilusório (a “ilusão de óptica” só começa no juízo; antes disso, ela é olhar objetivado no espelho).” (LACAN, 1966d [2003], p. 213). O experimento também é capaz de demonstrar nosso acesso limitado à realidade do corpo que se apresenta incógnita, perdida no interior do sujeito, tal qual o vaso na caixa.

Para prosseguir com essa preciosa experimentação, uma montagem deve ser feita para ser possível utilizá-la como um modelo teórico: um espelho plano é adicionado. O observador se posiciona a borda do espelho côncavo, de modo que o sujeito fique entre esses dois espelhos. A imagem especular, refletida no espelho plano é virtual e equivale à imagem do objeto real.

Nesse esquema de dois espelhos, o espelho plano corresponde ao Outro e por meio da imagem virtual ( $i'(a)$ ) nele refletida, o sujeito pode se reconhecer. O que torna explícito o fato do sujeito se fundar a partir do Outro, pelo reconhecimento de sua imagem projetada e que, justamente por isso, apresenta as devidas distorções por se tratar de um reflexo que surge onde não está.

A nitidez da imagem dependerá da inclinação do espelho plano, o que pode dificultar sua clareza, “digamos que isso representa a difícil acomodação do imaginário no homem.” (LACAN, 1954-1955, p. 187). Essa inclinação, que não existe ao nível do estádio do espelho, é conduzida pela palavra do Outro em sua função simbólica e define o grau de nitidez e de aproximação do imaginário.

Em outros termos, é a relação simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação do imaginário. A distinção é feita nessa representação entre o *Ideal-Ich* e o *Ich-Ideal*, entre o eu-ideal e o ideal do eu. O ideal do eu comanda o jogo de relações de que depende toda a relação a outrem. E dessa relação a outrem depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária (LACAN, 1954-1955, p. 187).

Apesar de ser uma experiência que garante uma impressão de realidade, a imagem projetada não é de todo perfeita, surge um tanto borrada. Lacan faz uso da relação vaso com as flores desse experimento como metáfora de que a criança se constitui a partir do olhar do Outro e o eu que se constitui é sempre esse engano, pois não há um eu total.

As relações imaginárias que são articuladas por Lacan no comportamento frente ao espelho, consiste “(...) que o sujeito se identifica em seu sentimento de si com a imagem do outro, e a imagem do outro vem a cativar nele esse sentimento” e: “no outro o sujeito se identifica, e até se experimenta a princípio...”. isto determina um efeito de alienação fundamental. Alienação no duplo sentido de “ser outro” (na perspectiva de Hegel e Marx, alienação, como perda de identidade) e de “estar louco” (alienação mental). Isto permite concluir junto a Arthur Rimnaud: “o Eu é o Outro”.<sup>55</sup> (EIDELSZTEIN, 1992, p.37, tradução nossa)

No corpo fragmentado da criança que está para se constituir, há uma discrepância entre a impotência biológica e a capacidade de percepção visual. É graças à relação especular que a imagem do Outro serve para os dois, por esse motivo é possível afirmar que o Eu é o Outro. Esse reconhecimento ocorre de maneira alienada pela distância da realidade, “uma forma do outro que sua pregnância, não menos do que o jogo das relações de imponência que aí se iniciam, introduz como um princípio de falso domínio e de alienação intrínseca, numa síntese que requer uma adequação bem diferente.” (LACAN, 1960 [1998], p. 682). Isso ocorre porque em  $i'(a)$  não há apenas o que sujeito do modelo espera, mas também há nessa sobreposição entre imagens e real, uma forte impressão da imagem do Outro.

---

<sup>55</sup> O trecho correspondente na tradução é: Las relaciones imaginarias que son articuladas por Lacan a la conducta frente al espejo, consisten en “[...] que el sujeto se identifica en su sentimiento de Sí con la imagen del otro, y la imagen del otro viene a cautivar en él este sentimiento” y: “En el otro se identifica el sujeto, y hasta se experimenta en primer término...”. Esto determina un efecto de alienación fundamental. Alienación en el doble sentido de “ser otro” (en La perspectiva en la que se lo entiende en Hegel y Marx, Entfremdung, em tanto pérdida de identidad) y de “estar loco” (alienación mental). Esto permite concluir junto a Arthur Rimbaud: “Yo es otro”.

### 3.2. Estádio do espelho e a gênese do eu

O estudo sobre o estágio do espelho de Lacan investiga a constituição do eu em importante momento do ser humano, no qual identificações especulares são estabelecidas e possibilitam a assunção da imagem de seu corpo.

No início de sua comunicação no XVI Congresso Internacional de Psicanálise em Zurique, intitulada *O estágio do espelho como formador da função do eu* (1949), Lacan anuncia que a função do eu é uma “experiência sobre a qual convém dizer que nos opõe a qualquer filosofia diretamente oriunda do Cogito.” (LACAN, 1949 [1988], p. 96) e, dessa maneira, marca a existência da diferença fundamental entre a formação do eu para a psicanálise e para a filosofia cartesiana.

No Cogito de Descartes “penso, logo existo”, há uma estreita relação entre a fundação do psiquismo e a consciência. A psicanálise, no entanto, diverge de toda filosofia que se baseia nesta proposição como explicação para formação do eu. Justamente porque, neste *eu* da teoria psicanalítica há uma peculiaridade: sua constituição ocorre a partir da identificação da criança com a imagem captada do espelho.

Lacan inicia sua narrativa por um aspecto comportamental da psicologia comparada que atesta que a prematuridade de uma criança ao nascer é uma realidade factual, pois em comparação com a maior parte dos animais, nasce em condições de maior desamparo e dependência. Mesmo se considerarmos a inteligência instrumental, o bebê humano é superado por algum tempo. Nos experimentos da psicologia comparada, é possível atestar esse fato a partir da observação de primatas. O chimpanzé, por exemplo, reconhece sua imagem no espelho antes do bebê humano ser capaz de fazê-lo, no entanto, após ver seu reflexo, o animal não parece exprimir alguma atração pela sua imagem refletida no espelho, ao contrário do júbilo da criança diante da visão de sua imagem. Esse momento psíquico específico está situado entre os primeiros seis e dezoito meses de vida da criança, período denominado por Lacan como estágio do espelho. Essa concepção lacaniana nos brinda com importantes esclarecimentos teóricos sobre a formação da função do eu na experiência psicanalítica, pois antes dessa possibilidade, encontramos um corpo prematuro, fragmentado e jubiloso diante da imagem no espelho que pode ofertar-lhe esse momento de desenvolvimento psíquico.

Justamente por isso, Lacan associa a importância deste momento ao estado de prematuridade da criança ao nascer, pela incompletude no desenvolvimento do neuroeixo do bebê humano e sua consequente impossibilidade em executar certos tipos de movimentos.

Essas características são conhecidas pelo termo fetalização, que pode ser descrito pela descoordenação motora e equilibratória que a criança apresenta até seis meses de idade.

Em contraponto com o inacabamento anatômico piramidal do bebê humano, há o inegável amadurecimento da percepção visual que é responsável por antecipar, em uma miragem, a gestalt de uma forma em construção que simboliza a permanência mental do eu e sua destinação alienante.

Que essa dependência possa surgir como significante no indivíduo, num estágio incrivelmente precoce de seu desenvolvimento, não é um fato diante do qual o psicanalista deva recuar. Se nossa experiência com os psicopatas levou-nos à articulação da natureza com a cultura, nela descobrimos essa instância obscura, cega e tirânica que parece ser a antinomia, no polo biológico do indivíduo, do ideal do Dever puro que o pensamento kantiano coloca como contraparte da ordem incorruptível do céu estrelado. Sempre pronta a emergir da desordem das categorias sociais, para recriar, segundo a bela expressão de Hesnard, o Universo mórbido da falta [faute], essa instância só é apreensível, contudo, no estado psicopático, isto é, no indivíduo. Nenhuma forma do supereu, portanto, é passível de ser inferida do indivíduo para uma dada sociedade. E o único supereu coletivo que se pode conceber exigiria uma desagregação molecular integral da sociedade. É verdade que o entusiasmo em que vimos toda uma juventude sacrificar-se por ideais de nada faz-nos entrever sua realização possível no horizonte de fenômenos sociais de massa que assim suportam uma escala universal. (LACAN, 1950a [1998], p.138)

Neste momento, a criança antecipa a apropriação de sua unidade corporal a partir da percepção de sua imagem especular e da identificação com a imagem do semelhante. É a conquista de algo que existe e ao mesmo tempo não existe onde “o privilégio dessa experiência está em oferecer ao sujeito uma realidade virtual, irrealizada, captada como tal, a ser conquistada. Qualquer possibilidade de que a realidade humana se construa passa literalmente por aí.” (LACAN, 1957-58, p. 234). Isso porque estabelece uma relação entre organismo e realidade.

Não obstante, para que a unidade corporal possa ser outorgada é necessário, além da imagem no espelho, um Outro que fale do bebê, que lhe atribua valores, que nomeie suas sensações e seus desejos. O triunfo da unicidade da imagem “é o mais evanescente dos objetos (...): a troca dos olhares, manifesta na medida em que a criança se volta para aquele que de algum modo a assiste, nem que seja apenas por assistir a sua brincadeira.” (LACAN, 1966e [1998], p. 74).

O investimento libidinal que ocorre neste momento, que se refere às elaborações freudianas sobre o narcisismo, no qual a criança é investida de amor e nela são projetados os desejos parentais e, por isso, é considerada dotada de perfeição, é a Sua Majestade, o bebê.

Com o investimento externo recebido, a criança parte do estado pulsional não unificado e anárquico característico do autoerotismo para a possibilidade de formação de um eu integrado. O olhar do Outro e seu investimento antecipa o advir de um sujeito a partir da identificação com uma imagem criada: o Eu-Ideal.

O Eu-Ideal, que corresponde à primeira identificação, a imagem de um ideal de si, referido à aquisição da imagem corporal obtida na relação especular. A conquista desta gestalt corporal marca a relação libidinal com a imagem refletida e o desenvolvimento psíquico da criança. A percepção de unidade, alcançada a partir da identificação especular, é estruturante e se antecipa ao domínio fisiológico e motor do corpo pela criança. É uma prematuridade em relação à identificação do eu imagem em relação ao domínio do corpo. Segundo Lacan, o estágio do espelho é um momento de insight configurador que não deve ser reduzido a um evento puramente biológico, este é um período cuja regra de partilha entre o simbólico e o imaginário é fornecida. Diante da fantasia das imagens parciais, do corpo despedaçado, há também a fantasia da unicidade, a parte pelo todo. É o reconhecimento de sua imagem como continente de si.

O que acontece no nível do estágio do espelho? O estágio do espelho é o encontro do sujeito com aquilo que é propriamente uma realidade, ao mesmo tempo, não o é, ou seja, com uma imagem virtual, que desempenha um papel decisivo numa certa cristalização do sujeito à qual dou o nome de sua *Urbild*. (...) A *Urbild* do eu é essa primeira conquista ou domínio do eu que a criança realiza em sua experiência, a partir do momento em que desdobra o polo real em relação ao qual tem de se situar. (LACAN, 1957-1958 [1999], p.233, 234).

Pode-se considerar que o estágio do espelho é o fundador da formação da função do eu através do olhar e da fala do outro. Desta maneira, o eu não pode ser considerado inato, mas uma unidade a ser construída, justamente por não existir desde o momento do nascimento do filhote de homem.

Consequentemente, não deve ser compreendido apenas como um período de desenvolvimento, mas um período crucial cuja conquista é alcançada a partir da captura da imagem especular que possibilita e esclarece as identificações ulteriores. O estágio do espelho deve ser compreendido como uma identificação, ou seja, pela mudança observada quando a criança assume uma imagem.

Além disto, é considerada uma unidade que se liga a situações socialmente elaboradas graças à identificação pela imagem do Outro e ao fenômeno do transativismo infantil, pois o que mais importa nesse momento, segundo Lacan, não é tanto sua aparição aos seis meses,

mas seu declínio aos dezoito meses, quando ocorre essa identificação e podemos constatar tal fenômeno.

O transitivismo infantil, que se manifesta de maneira significativa entre seis meses e dois anos e meio, não deve ser compreendido como uma forma de empatia (*Einfühlung*), mas como uma forma de apreender a imago humana. Nesse espaço de tempo, reações emocionais são testemunhadas, na medida em que a ação de uma criança equivale a do outro: uma criança que agride afirma ter sido agredida ou chora ao ver outra criança cair.

“Antes que o desejo aprenda a se reconhecer – digamos agora a palavra – pelo símbolo, ele só é visto no outro.” (LACAN, 1953-1954, p. 225). Esse desejo que se confirma pela rivalidade com o outro, através do ciúme desenfreado, por exemplo, do objeto do desejo que é para ela fundamental. E de modo antagônico, “cada vez que o sujeito é cativado por um dos seus semelhantes, bem, o desejo volta no sujeito. Mas volta verbalizado.” (op.cit., p. 226). Tal qual uma cebola, o eu é constituído pela sucessão das identificações com os objetos amados e toda vez que uma identificação objetual é produzida, aparece o fenômeno da paixão.

É esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediatização pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem, e que faz do [eu] esse aparelho para o qual qualquer impulso dos instintos será um perigo, ainda que corresponda a uma maturação natural - passando desde então a própria normalização dessa maturação a depender, no homem, de uma intermediação cultural, tal como se vê, no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo. (LACAN, 1949 [1998], p.101).

Apesar de estruturante, o estágio do espelho não é suficiente para que a inscrição no registro simbólico se faça. Tal inscrição se funda no complexo de Édipo em sua intermediação cultural, que será abordado adiante.

A partir da elaboração da noção do estágio do espelho, Lacan, encontra um experimento da física óptica, anteriormente explicado, que pode ser utilizado como uma metáfora deste conceito. Partindo das analogias entre o modelo da óptica e o analítico, é possível identificar os elementos que podem ser articulados entre si para tornar esse experimento um modelo de teorização psicanalítica.

### 3.3. O complexo de Édipo em Lacan

A descoberta do complexo de Édipo feita por Freud é fundamental para a compreensão da realidade psíquica humana. No entanto, Lacan critica a vertente sociológica anteriormente proposta, por não associar este complexo à origem do homem, mas à estrutura formal de uma determinada configuração familiar, a patriarcal.

Este ponto de vista se apoia na existência de culturas que não participem do tipo de estrutura familiar descrito por Freud, por serem organizações que apresentam variabilidade nos arranjos de seus elementos de parentesco. A substancial diferença entre culturas está no fato de que outros componentes substituam a função do pai na transmissão de interditos. Isso é, mesmo que haja diferenças fundamentais, a função edípica pode ser executada a partir de experiências de iniciação, que marcam o recorte biológico e social, de acordo com as representações culturais do grupo social.

O complexo de Édipo, sob a ótica de Lacan, evidencia importância da função do pai na questão edípica, pois sua lei possibilita frear a lei onipotente do Outro materno e possibilitar a saída da posição de objeto da fantasia materna, na qual a criança se encontra. “É no *nome do pai* que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei.” (LACAN, 1953 [1998], p. 279-280).

A lei da filiação. Para o sujeito se trata de poder se reconhecer como filho, testemunha e consequência do desejo parental e não causa desse desejo, mas também de se assumir como prometido, por sua vez, ao rol de futuro genitor, elo de uma cadeia simbólica que transcende sua temporalidade subjetiva e que depende de um outro, diferentemente sexuado para ter acesso a tal identificação. Ora, esta lei tem como única referência o Nome do Pai: o único que pode garantir que se é um “filho diante da lei”, o único doador de um Nome que faz do sujeito outra coisa que um ser puramente biológico, o simples produto do ventre materno. Por esse caminho, se instaura uma diferenciação essencial entre o pênis em sua função de órgão de reprodução e o falo enquanto emblema da potência paterna e da lei. Por isso, muitas outras coisas acontecem se a mãe apresenta o pai como puro instrumento necessário para sua fecundação ou como o único que tem o direito e o poder de lhe dar um filho e dela receber um.<sup>56</sup> (CASTORIADIS-AULLAGNIER, 1978, p.32-33, tradução nossa)

<sup>56</sup> O trecho correspondente na tradução é: La ley de la filiación. Para el sujeto se trata de poder reconocerse como hijo, testigo y consecuencia del deseo parental y no causa de ese deseo, pero también de asumirse como prometido a su vez al rol futuro de genitor, eslabón de una cadena simbólica que trasciende su temporalidad subjetiva y que depende de un otro diferentemente sexuado para tener acceso a tal identificación. Ahora bien, esa ley tiene como única referencia el Nombre del Padre: el único que pueda garantizar que se es un “hijo ante la ley”, el único donador de un Nombre que hace del sujeto otra cosa que puro ser biológico o simple producto del

O texto sobre o caso Hans (1909) torna-se um marco por confirmar hipóteses sobre a sexualidade infantil, descritas anteriormente por Freud, a partir da análise em adultos, em seu texto de 1905, *Três ensaios*. Em meio ao complexo de Édipo, num quadro de ambivalência vivido por Hans, podemos verificar fortes pinceladas de amor por sua mãe e ciúmes por seu pai, de amor por este e um misto de anseio e culpa por desejar sua morte, além do medo da castração.

Integrado ao complexo de Édipo encontramos o que inaugura a impossibilidade de realizar os desejos: é a interdição aos desejos incestuosos. Em seu encontro com Hans, Freud interpreta para o menino a castração pela sanção paterna ao afirmar já saber, antes mesmo de seu nascimento, do grande amor que sentiria por sua mãe e seu conseqüente medo do pai. A partir dessa intervenção, o papel do pai se ajusta, deixa de ser cúmplice e assume a figura de interdito. A necessidade da interdição é sinalizada nas fantasias infantis, nas quais aparecem representantes de autoridade: bombeiro e policial. Hans, na resolução de seu complexo, estende seu desejo de felicidade ao pai, “fez dele avô, e também o casa com a própria mãe”<sup>57</sup> (FREUD, 1909 [1992], p. 80, tradução nossa).

Para a psicanálise, o complexo de Édipo vai além de uma crise de amor ou desejo, é um conceito fundamental cujo processo atua na estruturação da organização psíquica, logo, nos diferentes tipos de estrutura (neurose, psicose e perversão). Segundo LACAN, “Freud marca claramente que o problema da constituição de toda perversão deve ser abordado a partir do Édipo, através dos avatares, da aventura, da revolução do Édipo.” (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 122).

É de se ficar estupefato que não se tenha podido nem mesmo sonhar compreender a fórmula de Freud – a perversão é o negativo da neurose – como quer sua tradução, de certo modo popular. A perversão seria uma pulsão não elaborada pelo mecanismo edípiano e neurótico, uma pura e simples sobrevivência, a persistência de uma pulsão parcial irredutível. Freud, ao contrário, nesse artigo primordial, e em muitos outros ainda, indica de modo suficiente que nenhuma estruturação perversa, por mais primitiva que a supusermos – ao menos dentre aquelas que chegam ao nosso conhecimento de analistas – é articulável senão como meio, cavilha, elemento de alguma coisa que, afinal de contas, não se concebe, não se compreende, não se

---

vientre materno. Por este camino se instaura una diferenciación esencial entre el pene en su función de órgano de reproducción y el falo como emblema de La potencia paterna y de la ley. Por ello es que muy otra cosa sucede si la madre presenta al padre como puro instrumento necesario para su fecundación, o como el único que tiene derecho y poder de darle un hijo y de recibir uno de ella.

<sup>57</sup> O trecho correspondente na tradução é: (...) lo designa abuelo, y también a él lo casa con su propia madre.

articula senão no, pelo e para o processo, a organização, a articulação do complexo de Édipo. (LACAN, 1956-1957 [1995], p.122).

A oposição entre neurose e perversão é conceituada, segundo Patrick Valas (1997, p. 20), de acordo com a posição subjetiva do sujeito em relação à fantasia. Justamente por ser possível observar a fantasia perversa tanto na neurose como na perversão, são diferenciadas em, respectivamente, inconsciente e consciente.

Segundo Lacan, a verdadeira oposição entre estas duas estruturas está no fato de que na neurose há ênfase no sujeito barrado e na perversão, uma fixação nos elementos imaginários em uma forma essencialmente localizada.

Segundo Jorge (2016), a fantasia nos permite lidar de uma forma diferente com o alvo da pulsão de morte, o gozo. Seu advir está relacionado com a operação do recalque originário.

Ela surge a partir de uma operação chamada recalque originário, operação agenciada por um significante, o significante Nome-do-Pai. O recalque originário resulta sobre o psiquismo da criança a imediata instauração dessa matriz psíquica: a fantasia. Esta, por sua vez, fará com que aquilo que era empuxo-ao-gozo, como diz Lacan – pulsão de morte, empuxo na direção da morte –, seja freado e passe a ser uma região na qual a pulsão de morte é sexualizada. Nessa região, a fantasia passa a dominar pelo menos um trajeto dessa pulsão de morte. É o que Freud chama de pulsão de vida e que, para nós, é a pulsão sexual. (JORGE, 2016, p.32)

Tanto na neurose quanto na psicose há a presença e a ação destes elementos. Assim como o recalque originário, o significante Nome-do-Pai e a instauração da matriz psíquica: a fantasia inconsciente fundamental. Apenas na psicose, com a forclusão do Nome-do-Pai, este recalque falha e a fantasia não pode se instaurar.

De acordo com Jorge, na fórmula da fantasia  $\$ \langle a \rangle$ , é possível localizar dois polos distintos:  $\$$ , caracterizando o inconsciente e  $a$  como o polo pulsional. Na neurose e na perversão, a entrada no mundo simbólico se diferencia de acordo com que polo se fixa. Na neurose, a fantasia de completude é amorosa. “Ele se fixa no amor. Ele se fixa no polo inconsciente da fantasia e elide o polo do gozo da fantasia.” (JORGE, 2016, p. 33). A perversão, de um modo particular, se fixa no polo pulsional, a fantasia de completude é de gozo.

A estruturação psíquica decorrente do complexo edípico se dá a partir da particular relação entre a angústia frente à castração e às identificações ao falo.

Com respeito ao tema histórico do complexo de Édipo, tudo gira em torno de três polos – o Édipo em relação a realidade e em relação ao Ideal do eu. Ideal do eu na

medida em que a genitalização, ao ser assumida, torna-se um elemento do Ideal do eu. E realidade na medida em que se trata das relações do Édipo com as afecções que comportam uma subversão da realidade – a perversão e a psicose. (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 171)

Lacan retoma e aprofunda o conceito do Édipo freudiano, justamente por marcar a função paterna como ponto axial deste complexo. O complexo de Édipo lacaniano é apresentado em três tempos e, apesar de não se tratar de uma cronologia, uma sequência é necessária para sua resolução. Um momento após outro, o sujeito se constitui em uma relação ternária cujos atores se articulam para além da rivalidade dos sexos, diante da instauração da lei e do lugar dado ao Nome-do-Pai na promoção de sua lei.

Em 1953, Jacques Lacan tornou a centrar a questão edipiana na triangulação, mas levando em conta as contribuições da escola kleiniana. No âmbito de sua teoria do significante e de sua tópica (imaginário, real e simbólico), ele definiu o complexo de Édipo como uma função simbólica: o pai intervém sob a forma da lei, para privar a criança da fusão com a mãe. Segundo essa perspectiva, o mito edipiano atribui ao pai, por conseguinte, a exigência da castração: “A lei primordial”, escreveu Lacan em 1953, “é, pois, aquela que, regulando a aliança, superpõe o reino da cultura ao reino da natureza, entregue à lei do acasalamento. Essa lei, portanto, faz-se conhecer suficientemente como idêntica a uma ordem de linguagem. (Roudinesco & Plon, 1998, p.168)

O primeiro tempo de estrutura de falta de objeto, é nomeado por Lacan, no *Seminário 4: a relação de objeto* (1956-1957), de Frustração. Nele, a criança pode ser colocada no lugar de falo pelo imaginário da mãe, ou seja: ser colocada no lugar de objeto de desejo da mãe. “Para agradar à mãe (...) é necessário e suficiente ser o falo.” (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 198). A criança, de modo especular, se identifica com o objeto do desejo da mãe. É nesse sentido que a mãe exerce a função de primeiro representante do Outro.

Nesse momento, a criança está submetida à lei onipotente da mãe, assujeitada aos caprichos de quem depende. Esses caprichos podem se configurar em atos de cuidado ou não.

O segundo tempo é nomeado por Lacan, no referido *Seminário 4*, de Castração. Esse tempo é marcado pela entrada de um novo elemento: o pai como proibidor. É o pai, exercendo a função de pai real, ou seja, privador do falo da mãe. Ele intervém proibindo a mãe como objeto do desejo do filho e endereçando a ela uma mensagem proibitiva de reintegração de seu produto. Esse pai é o que Lacan chama de pai imaginário, terrível e castrador.

Dessa maneira, o desejo da mãe submete-se a uma outra lei: a lei do pai que a priva. Contudo, é o Desejo-da-Mãe que poderá inscrever o significante Nome-do-Pai, inaugurando o desejo. Por isso é que, para Lacan, desejo e lei se equivalem: um não existe sem o outro.

Nesse tempo, a mãe deveria passar de o Outro onipotente para o Outro castrado. Mas essa passagem só ocorre se ela se colocar submetida à lei do pai. Justamente por isso, no *Seminário 5: as formações do inconsciente*, Lacan explica que é o seu discurso que irá intermediar a relação da criação com o pai real.

No plano imaginário, o pai, pura e simplesmente, intervém como privador da mãe, ou seja, o que é aqui endereçado ao outro como demanda, é remetido a um tribunal superior, é substituído, como convém, pois sempre, sob certos aspectos, aquilo sobre o que interrogamos o 'outro', à medida que ele o percorre em toda a sua extensão, encontra no outro esse 'outro' do outro, isto é, sua própria lei. E é a esse nível que se produz alguma coisa que faz com que o que retorne à criança seja pura e simplesmente a lei do pai, enquanto imaginariamente concebida pelo sujeito como privando à mãe. (LACAN, 1957-1958 [1999], p.198-199)

A mãe, então, é desapossada de seu falo substituto e a criança é introduzida no registro da castração e questionada em seu assujeitamento. Graças à proibição paterna, a criança não se torna apenas um objeto do desejo da mãe. A criança é desalojada de uma posição ideal em que, junto com a mãe, poderia satisfazer-se.

A experiência analítica nos prova que o pai, como aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo, a saber, o objeto fálico, desempenha um papel absolutamente essencial, não direi nas perversões, mas em qualquer neurose e em todo o desenrolar, por mais fácil e mais normal que seja, do complexo de Édipo. (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 190-191)

O pai não castra a mãe de algo que ela não tem, mas do que está projetado no plano simbólico. Toda privação real exige uma simbolização. Nessa, a mãe revela-se como objeto e coloca para o sujeito infantil a questão de aceitar, registrar, simbolizar e dar valor de significação. Lacan, nesse momento no qual a privação pode ser aceita ou recusada, aponta para o que ele chama de um ponto nodal.

Quando a criança não ultrapassa esse ponto, recusando-se a aceitar a privação do falo efetuada pelo pai, ela mantém certa identificação com o objeto da mãe. O posicionamento do sujeito frente à angústia da castração determina sua estruturação psíquica. E é justamente nesse momento que se estrutura a perversão.

A criança confronta-se com a lei do pai e conseqüentemente com a castração, possibilitando seu acesso à simbolização dessa lei em sua passagem ao tempo edipiano seguinte.

Aqui entramos no terceiro tempo, que é a Privação. Neste momento, o pai, antes castrador, opera para dar o que está em causa na privação fálica e aparece no ato de doação. Ele “possui” o que a mãe deseja e pode “dar” isto a ela.

Na medida em que a etapa do segundo tempo é atravessada, é preciso então, no terceiro tempo, que aquilo que o pai prometeu seja mantido. Ele pode dar ou recusar, posto que o tem, mas o fato de que ele, o pai, tem o falo, disso ele tem que dar provas. É por intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo, e não o que é, que se pode produzir a báscula que reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe, e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privar. (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 200).

Por certo, ninguém possui o falo. A simbolização dessa falta irá transformar o falo em signo do dom. Em torno dessa simbolização fálica, os falantes se dividem em dois grupos: aqueles que têm o dom, isto é, homens, e aqueles que não têm o dom, as mulheres. Nesse sentido, diz Lacan, as mulheres sabem muito bem onde devem procurar o que não têm.

“É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, e que a partir daí, não esqueçamos, o complexo de Édipo declina.” (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 201). A saída favorável do complexo de Édipo, neste terceiro tempo, se dá com a identificação com o pai, no qual o menino renuncia ser o falo da mãe para ter seu título de posse no bolso. A criança, por desalojar-se de sua posição anterior, “torna-se outra coisa, pois essa etapa comporta a identificação com o pai (...) e o título de propriedade virtual que o pai tem.” (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 210). A menina, entretanto, sabe onde encontrá-lo.

Assim, no declínio do Édipo, ou seja, na Privação, o menino se identifica com o pai, a menina com a mãe, o objeto de amor do menino permanece sendo a mãe e a menina troca de objeto, colocando agora o pai no lugar de objeto de amor.

O pai acha-se numa posição metafórica, na medida e unicamente na medida em que a mãe faz dele aquele que sanciona, por sua presença, a existência como tal do lugar da lei. Uma imensa amplitude, portanto, é deixada aos meios e modos como isso pode se realizar, razão por que é compatível com diversas configurações concretas. É nessa medida que o terceiro tempo do complexo de Édipo pode ser transposto, isto é, a etapa da identificação, na qual se trata de o menino se identificar com o pai como possuidor do pênis, e de a menina reconhecer o homem como aquele que o possui. (LACAN, 1957-58 [1999], p. 202-203).

Jorge e Ferreira (2011) assinalam que “é preciso renunciar ao que nunca se foi e ao que nunca teve, mas que um dia se acreditou ser (frustração) e ter (castração) para que seja possível a simbolização do falo como objeto de dom (privação)”.

Justamente por isso, é possível afirmar que o valor do falo é diferente para meninas e meninos, pois, enquanto o menino, em sua saída do Édipo, deve fazer de dom aquilo que tem, a menina por não possuir o falo, entra no Édipo em sua busca. “No interior dessa simbólica do dom, todas as espécies de coisas podem ser dadas em troca, tantas coisas, com certeza, que e por isso mesmo que vemos tantos equivalentes do falo nos sintomas.” (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 125).

Há na perversão alguma coisa que o sujeito não quer reconhecer, com o que esse *quer* comporta em nossa linguagem – o que o sujeito não quer reconhecer só é concebível como estando articulado nela, mas apesar disso, não somente desconhecido por ele, como também recalcado, por razões essenciais de articulação. (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 242).

Ser ou não o falo? Diante desta inevitável questão, a posição de “escolha” não é exclusiva do sujeito, justamente por que sua história começa a ser contada por seus pais, mesmo antes de seu nascimento. O sujeito é ativo e passivo sobre isso. Diante dessa ambivalência, podem-se criar estratégias para se defender da castração.

No recalque (*Verdrangung*), estrutura neurótica, o sujeito reconhece as diferenças sexuais entre homens e mulheres e a falta característica do ser humano é introduzida. Na forclusão (*Verwerfung*), estrutura psicótica, o sujeito não percebe a castração e a lei do pai não se inscreve. Na renegação (*Verleugnung*), a falta é captada, mas esse impacto é solucionado ao não reconhecer a falta no corpo da mãe, essa contradição é solucionada com o auxílio do fetiche, que serve para tamponar o que foi captado.

### **3.4. O desejo e suas vias perversas**

Ao percorrer os caminhos que possam nos auxiliar na delimitação do que é a perversão e os paradoxos de seu desejo, passamos por discursos que, se não estivermos atentos, nos conduzem a um “pseudoretorno” à Freud. Dentre eles, há o que se ata à noção da fixação pulsional, na qual uma pulsão parcial assume papel central por não estar submetida às

mudanças unificadoras ao percorrer o complexo de Édipo. Nesta perspectiva, a perversão pode ser compreendida como uma espécie de acidente da evolução pulsional, que por não ter sido elaborada, não se unifica na pulsão ideal unificadora, a pulsão genital.

No entanto, segundo Lacan (1956-1957), a prática clínica apresenta uma inegável particularidade sobre a perversão: sua riqueza dimensional. Assim como a neurose, a perversão está intimamente integrada ao resultado das crises, dramas e etapas existentes no desenvolvimento da sexualidade, fato que refuta a teoria de que a gênese da perversão se refere a um elemento que se mantém intacto, uma espécie de acidente na travessia do complexo edípico.

Com isso, outra explicação é apresentada e pretende desvendar tal enigma a partir da declaração de Freud de que a perversão é o negativo da neurose. O resultado dessa busca é a presença da erotização da defesa. Contudo, Lacan também contesta a pertinência desta posição ao questionar o motivo e a origem dessa erotização que projeta uma satisfação libidinal. Para ele, a ideia generalista da economia instintiva não é suficiente para explicar a presença imperiosa das formas assumidas pela perversão sob a aparência de fantasias que contém em si a satisfação imaginária. A perversão, segundo Jorge (2010), deve ser considerada como uma “saída” contra a psicose, pois possibilita o estabelecimento da fantasia fundamental, que deve sustentar as estruturas perversas ou neuróticas.

Convém, com efeito, partirmos do concreto, e não de uma certa ideia geral que podemos ter da chamada economia instintiva de uma tensão, agressiva ou não, de seus reflexos, retornos e refrações. Pelo menos, não é ela que nos explicará a prevalência, a insistência, a predominância de elementos cujo caráter é não apenas emergente, mas isolado na forma assumida pelas perversões sob a aparência de fantasias, isto é, naquilo que faz com que elas comportem uma satisfação imaginária. (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 243).

O sentido do axioma freudiano também não deve ser considerado apenas como uma diferença dual entre o que está oculto (neurose) ou livre (perversão) no inconsciente. Esta oposição categórica não é justa, pois há na neurose e na perversão os mesmos mecanismos que driblam os termos fundamentais, edipianos. Justo porque “em toda formação dita perversa, seja ela qual for, há exatamente a mesma estrutura de compromisso, de elusão, de dialética do recalado e de retorno do recalado que há na neurose” (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 242). É a partir da operação do recalque originário que a matriz psíquica da fantasia pode se fundar e possibilitar que o empuxo ao gozo (pulsão de morte) seja contido. Dominada pela fantasia, uma fração deste empuxo pode ser sexualizada (pulsão de vida ou sexual).

Posto isto, para decifrarmos as vias perversas do desejo, há a necessidade de abordar alguns aspectos paradoxais do desejo, como as fantasias perversas, o caso enigmático da jovem homossexual e o fetichismo em sua fundamental dinâmica com o desejo. E, dessa maneira, verificar as estratégias que o sujeito pode empregar para lidar com o desejo e o gozo do Outro, para além do bem-estar.

### 3.4.1. A fantasia perversa

O desejo possibilita a extrapolação da dimensão do bem-estar e é característica intrínseca do sujeito na psicanálise: o sujeito do desejo, circunscrito pela falta e movido por ela. Este sujeito acha-se inserido na ordem simbólica, marcado que está por sua entrada no campo da linguagem. Esse tema, de extrema importância para a psicanálise está presente na prática clínica e sua investigação se inicia a partir do desejo perverso, com base nas contradições que tem em si. Por este motivo, sua abordagem torna-se imprescindível no estudo sobre a perversão.

A perversão é uma demonstração – é a nobreza dela – de que há coisas que alguém pode querer mais do que bem-estar, que o bem-estar não é o valor supremo. É também através de meu pequeno comentário que vocês talvez possam já entender a vinculação que há entre o cume da moralidade e a perversão. É uma característica comum nas duas – perversão e moralidade – haver algo mais do que bem-estar. A moralidade implica, por exemplo, o sacrifício; quando alguém se sacrifica por um valor, é um testemunho moral que há na vida humana, mas que continua a viver, que se pode aceitar morrer por uma causa. Uma causa vemos, também, na perversão. Nesta, há uma causa – a causa do desejo – que, precisamente, pode permitir abrir uma dimensão mais além do bem-estar. (MILLER, 1997, p. 177).

Para Lacan, o desejo é um elemento privilegiado que deve ser considerado em sua relação com a instância do Outro, pois "o desejo do homem é o desejo do Outro" (LACAN, 1962-1963 [2005], p. 31).

Além disso, o desejo do Outro também não nos é dado a saber, pois guarda uma opacidade. O desejo traça uma relação intrínseca entre a necessidade e a demanda. Por que, na tentativa de significá-lo, dirige o apelo pela satisfação das necessidades ao Outro, o que o transforma em uma demanda de amor.

Aquele sobre o qual se abate a experiência de que alguma coisa falta, mesmo não sabendo o que é, ocupa o lugar de amante. Aquele que, mesmo não sabendo o que

tem, sabe que tem alguma coisa que o torna especial, ocupa o lugar de amado. O paradoxo do amor reside no fato de que o que falta ao amante é precisamente o que o amado também não tem. O que falta? O objeto do desejo. Se ele existisse, aqueles que tivessem a sorte de achá-lo teriam encontrado o verdadeiro amor. (FERREIRA, 2004, p. 10)

Não há liberdade no ato de desejar, já que o desejo sempre está referido para além de si. O aforismo lacaniano aponta a inegável ignorância do sujeito frente ao seu desejo, pois este só pode se figurar a partir do desejo do Outro.

O Outro concerne a meu desejo na medida do que lhe falta e de que ele não sabe. E no nível do que lhe falta e do qual ele não sabe que sou implicado da maneira mais pregnante, porque, para mim, não há outro desvio para descobrir o que me falta como objeto de meu desejo. É por isso que, para mim, não só não há acesso a meu desejo, como sequer há uma sustentação possível de meu desejo que tenha referência a um objeto qualquer, a não ser acoplando-o, atando-o a isto, o \$, que expressa a dependência necessária do sujeito em relação ao Outro como tal. (LACAN, 1962-1963 [2005], p. 33)

Apesar da alienação, o sujeito pode perceber estar arrebatado pelo desejo daquilo que não quer. O desejo, tal qual um engenhoso enigma, desnuda sua impossibilidade de um claro acesso, este somente pode ocorrer “como um reflexo num véu.” (LACAN, 1954-1955 [1995], p. 281). Não há o que possa nomear o desejo, sua manifestação ocorre de forma intervalar, “cavado pela demanda aquém dela mesma, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia significante, traz à luz a falta a ser com o apelo de receber seu complemento do Outro, se o Outro, lugar da fala, é também o lugar dessa falta.” (LACAN, 1958 [1998], p. 633). Justamente por também ser falta, cabe ao Outro preencher com o que não tem, a isso chamamos amor, mas também de ódio e de ignorância.

A idealização do outro ou de si mesmo exige provas que ratifiquem a imagem fixada pelo olhar. Ingressamos então no regime da tirania governado pelo recalque: reino da paixão, império da dor, inferno das frustrações. Assim o amor se declina em demandas que se multiplicam e que nunca se satisfazem, transformando-se em ódio num piscar de olhos. (FERREIRA, 2004, p. 30).

Tal fato evidencia que o desejo não se reduz à demanda ou à necessidade e está fadado a nunca se satisfazer. O objeto do desejo tem como alvo o objeto relativizado em uma relação com o sujeito da fantasia, que não busca a satisfação da pura necessidade. E, na tentativa de dar forma ao seu desejo, o sujeito precisa endereçar ao Outro a pergunta que exprime em si

sua falta de saber, a inexistência do objeto do desejo e sua inegável incompletude: *Che vuoi?*. A partir da fantasia ( $\$ \diamond a$ ), situada no final desta interrogação subjetiva, o sujeito tenta reencontrar, para além da demanda, o que foi perdido em sua entrada no discurso do Outro.

O objeto do desejo, termo da fantasia, tem como alvo o objeto relativizado em relação com o sujeito da fantasia. Assim, o “objeto toma o lugar daquilo de que o sujeito está privado, qual seja, do falo. É disso que o objeto tira a função que tem na fantasia, e que o desejo, com a fantasia como suporte, se constitui.” (LACAN, 1958-1959 [2016], p. 336). Por não haver a indicação de um objeto elevado ao patamar de objeto de desejo, capaz de suprir a falta fundamental, resta ao sujeito seguir como desejante.

Que queres? Esta é a indagação que retorna do Outro: de onde o sujeito espera um oráculo, recebe o retorno de sua pergunta. No entanto, o “‘Che vuoi? - que quer você?’, é o melhor caminho para seu próprio desejo.” (LACAN, 1960 [1998], p. 829). E diante deste questionamento, uma diferença entre neurose e perversão pode ser sinalizada: “se na neurose há pergunta pelo desejo, na perversão há resposta antecipada pela certeza do gozo do outro” (HELSINGER, 1996, p. 153).

Neurose e perversão também se diferem em relação à  $\$ \diamond a$ , fórmula da fantasia: o neurótico põe em evidência o sujeito barrado, sobretudo, com a fantasia da completude amorosa; o perverso, por sua vez, permanece fixado no polo do objeto e, com sua fantasia, almeja atingir a completude a partir do gozo.

Apesar de sua ênfase no polo oposto ao do neurótico, o perverso continua referido ao Outro, contudo, com a peculiaridade de se oferecer ao gozo do Outro.

(...) digamos que o perverso imagina ser o Outro para garantir seu gozo, e que é isso que o neurótico revela, ao se imaginar perverso: ele, para se assegurar do Outro. Eis o que fornece o sentido da pretensa perversão situada no princípio da neurose. Ela existe no inconsciente do neurótico como fantasia do Outro. Mas isso não quer dizer que, no perverso, o inconsciente esteja plenamente a céu aberto. Também ele se defende, à sua maneira, em seu desejo. Pois o desejo é uma defesa, proibição de ultrapassar um limite no gozo. (LACAN, 1998, p. 839).

A fantasia do perverso possui um aspecto essencialmente performativo, cuja encenação deve possuir uma sequência própria, tal qual uma peça teatral, ou, segundo Lacan, como o trailer de um filme cinematográfico.

Não se trata, necessariamente, do conteúdo da fantasia, que pode ser definida como perversa, pois a fantasia perversa não define a perversão. O que reveste este tipo de fantasia

em ambos os casos é o inconfessável, uma espécie de constrangimento que os impede de relatá-las livremente, por seu caráter burlesco.

Entretanto, ela não tem a mesma natureza para o neurótico e para o perverso, suas estruturas são opostas em relação ao desejo. Neste contexto, é possível apreender a importância da fantasia como suporte do desejo.

Para ilustrar essa característica, faz-se necessário reconduzir este estudo às fantasias perversas do caso clínico de Freud, “*Bate-se em uma criança*”, cuja origem floresce na análise.

A situação dramática se refere a um período remoto, que se destaca no discurso do sujeito quando este avança em sua análise. É apresentada por esta fantasia tripartida que possui atores cujos papéis são determinados de acordo com o cenário de cada “ato”.

No primeiro ato, há o punidor, a criança odiosa e preterida que apanha e o sujeito, privilegiado por sua precedência e, por isto, preferido: o pai bate numa criança que eu odeio. Não há necessidade de o privilégio ser expresso verbalmente, mas a introdução da criança odiosa faz a fantasia ser vivenciada.

Com efeito, a outra criança está representada aqui como submetida, pela violência, pelo capricho do pai, ao máximo da degradação, da desvalorização simbólica, como absolutamente frustrada, privada de amor. O ódio a visa no seu ser, visa nela o que é demandado para além de toda demanda, a saber, o amor. A chamada ferida narcísica cometida aqui contra o sujeito odiado é total. (LACAN, 1958-1959 [2016], p. 140)

Com a outra criança despojada de sua posição de rival, o segundo ato da fantasia entra em cena e define a lógica do masoquismo primordial.

Neste momento dual, o próprio sujeito se torna alvo de maus tratos e assume o papel de coisa, passível de ser anulado. A partir desta anulação subjetiva, o sujeito constata sua possibilidade de continuar a existir como desejante. “Só num segundo tempo, como Freud nos indica nesse texto, é que o desejo sádico é possível em relação a uma fantasia. O desejo sádico existe numa multidão de configurações, tão bem como nas neuroses, mas não é ainda o sadismo propriamente falando.” (LACAN, 1964 [2008], p. 182).

A seguir, o terceiro ato: bate-se numa criança. Nele, a fantasia é expressa a partir de uma dessubjetivação, os atores não estão identificados, o que possibilita sua multiplicação. Embora aja uma frequente falta de identificação dos atores, o sujeito sempre está presente: “O sujeito se situa a si mesmo como determinado pela fantasia.” (LACAN, 1964 [2008], p. 181).

Na estrutura da perversão, há um efeito inverso da fantasia, no qual o sujeito se determina como objeto.

É graças ao suporte dado pela fantasia que há possibilidade de desejar, de acordo com o funcionamento libidinal do sujeito: a histeria se configura pelo desejo insatisfeito, o obsessivo por sua procrastinação e a perversão pela fixação nos elementos imaginários.

### **3.4.2. O caso freudiano da jovem homossexual**

Nessas vias perversas, outro caso clínico freudiano merece destaque: *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*<sup>58</sup> (1920a). Nele é possível verificar a formação da fixação libidinal, na medida em que o desejo se engaja nos trilhos imaginários. Lacan, com sua leitura esclarecedora dos textos do pai da psicanálise, distingue cinco tempos fundamentais para a instauração da perversão tardia da jovem homossexual em questão.

É oportuno enfatizar que o alvo sexual não é um dado capaz de definir a estrutura clínica do sujeito ou assegurar a presença de algum tipo de patologia. O fato desse caso ser apresentado em um estudo sobre as perversões não caracteriza a homossexualidade como um aspecto a ser generalizado e que possa decretar o tipo de estrutura de um sujeito unicamente por esta informação. Especificamente, nesse caso, a homossexualidade feminina está presente e pode nos apresentar mais uma perspectiva das vias perversas do desejo.

Segundo Freud, “a jovem nunca havia sido neurótica, nem apresentou durante a análise um sintoma histérico, de sorte que as ocasiões para explorar a história de sua infância não eram frequentes como de costume.”<sup>59</sup> (FREUD, 1920a [1992], p. 149, tradução nossa). Lacan enfatiza essa afirmação e acrescenta que “por isso mesmo que é clinicamente espantoso ver eclodir, deslanchar, assim tardiamente, uma atitude que parece a todos francamente anormal, a saber, a posição singular que ela ocupa diante dessa mulher um tanto denegrida.” (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 104).

---

<sup>58</sup> *Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina.*

<sup>59</sup> O trecho correspondente na tradução é: La muchacha nunca había sido neurótica, no aportó al análisis un síntoma histérico, de suerte que las ocasiones para explorar su historia infantil no podían presentarse tan pronto.

Esse instigante texto, descreve o drama de uma jovem de cerca de dezoito anos, levada ao consultório de Freud por seu pai, devido a sua devoção por uma dama da sociedade, dez anos mais velha.

Dotada de grande beleza e inteligência, essa jovem, apesar das proibições e vigilância familiar, não se furta das oportunidades de encontrar tal dama, sua amada. Nada mais desperta seu interesse. De acordo com a família, a jovem já havia demonstrado interesse por outras mulheres e indiferença pelos rapazes e seus cortejos.

Para seus pais, a falta de interesse pelo sexo oposto é um enigma, por ser uma conduta que se antagoniza com a vocação para a maternidade que a moça demonstra na puberdade, quando conta com seus treze ou quatorze anos de idade. Contudo, desejar um filho não configura, imperiosamente, em uma necessidade de tornar-se mãe.

Neste momento, que se configura como o primeiro tempo deste caso, a jovem cuida de um menino de três anos e por ele nutre um grande carinho, esta criança torna-se substituto do falo simbólico, a promessa edípica. Entretanto, a chegada de mais um irmão em seu seio familiar, a terceira gravidez de sua mãe, “pareceu decisiva para a orientação homossexual então adotada pela moça. Esse filho real formou como que uma articulação entre um filho simbólico e um filho imaginário.” (ANDRE, 1995, p. 97). Inaugurando, desta forma, o segundo tempo.

A equivalência pênis imaginário-criança, instaura o sujeito como mãe imaginária com referencia a este mais-além que é o pai, intervindo como função simbólica, isto é, como aquele que pode dar o falo. A potência do pai é, então, inconsciente. Estamos depois do declínio do complexo de Édipo, e o pai, como aquele que pode dar a criança, é inconsciente. (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 135).

Diante deste cenário, ocorre uma inversão: a relação da jovem com seu pai se converte de simbólica para imaginária. É justamente neste momento que a jovem começa a se interessar por mulheres “neomaternizantes”<sup>60</sup>. Dessa forma, se instala a paixão devoradora pela dama e com isto, o terceiro tempo: “há projeção da fórmula inconsciente, a de seu primeiro equilíbrio, numa relação perversa entre aspas, uma relação imaginária, a saber, sua relação com a dama.” (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 135).

A dama, que se torna alvo da veneração da jovem, é amada apesar de não possuir o pênis simbólico, portanto, desinteressadamente. Com isso, a jovem mostra uma forma de amor verdadeiro, o amor que acreditou poder receber de seu pai, mas que este lhe recusou.

---

<sup>60</sup> Expressão utilizada por Lacan ao se referenciar a “mulheres em situação mais ou menos maternal”

Todo o cortejo para com essa dama, “elevada à função de objeto supremo, é um acting out.” (LACAN, 1962-1963 [2005], p. 137).

A relação simbólica do sujeito com o pai torna-se imaginária, o ponto onde é posta em cena a relação entre ela como homem imaginário e o (-φ) da dama. Lacan disse que o sujeito adota, exatamente, a posição de pai imaginário. E, ordenando o comentário de Freud, disse que essa relação simbólica estaria posta em cena, como se se convertesse em imaginária, na cena em que a jovem homossexual mostra a seu pai como se ocupa de uma mulher. (MILLER, 1997, p. 505).

Com a frustração pela quebra da promessa edípica, não há dúvidas sobre o fato que existir no inconsciente da jovem “o pensamento de que o pai se envolveu com a mãe porque encontra nisso mais vantagens e, com efeito, essa relação é fundamental em toda entrada da criança no Édipo, a saber, a superioridade esmagadora do rival adulto.” (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 148). Justamente por isso, ao exhibir seus cortejos publicamente, evidencia uma crítica ao pai: a possibilidade de amar sem buscar vantagens no amor, amar pelo que não se tem.

O quarto tempo se inicia com as mesmas características do segundo tempo, pois se precipita no nível da relação imaginária a partir da ação real do pai que se articula com o pai simbólico que estava no inconsciente.

Vocês podem observar que, se a situação se revelou, por razões muito estruturadas, ser uma relação de ciúmes, e se a satisfação imaginária a que a moça se entregava tomou um caráter insustentável, foi na medida em que se introduziu o real, um real que respondia à situação inconsciente no nível do plano do imaginário. Por uma espécie de interposição, o pai é agora realizado no plano da relação imaginária, ele entrou efetivamente em jogo como pai imaginário, e não mais como pai simbólico. A partir daí instaura-se uma outra relação imaginária, que a moça completa como pode. (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 148).

Esta outra relação imaginária que se instaura no quarto tempo se configura devido ao fato de que o pai simbólico que estava latente no nível do Outro começa a se articular de forma imaginária, ou seja, perversa. Isto porque, ocorre uma identificação com o pai e a jovem assume o papel de pai imaginário.

O quinto e último tempo é desencadeado a partir de mais uma intervenção do pai real. O que ocorre é que ao passear com sua amada, a moça se depara com o pai que voltava de seu trabalho. Este, ao ver a filha em tão reprovável corte, lança para a dupla um olhar furioso. Com isso, a jovem confessa para sua dama que o homem é seu pai e que proíbe a amizade entre elas. Diante da revelação, a dama se irrita e ordena à jovem que a deixe imediata e

definitivamente. Desesperada com a decisão da amada, a jovem busca refúgio no suicídio e se lança de uma pequena ponte da ferrovia.

É importante ressaltar que a probabilidade da jovem não encontrar o pai em seu passeio com a dama é ínfima. Em seu flerte com o perigo, a jovem não cansa de desafiar seu pai. Desfila com sua amada nas proximidades de sua casa e ostenta seu cortejo para com ela. Também no relato de seus sonhos feitos à Freud, a moça sustenta com sarcasmo seu desafio: amar os homens, tal como seu pai deseja, contudo, tão somente em seus sonhos. Diferentemente do desejo da histérica, que toma para si o desejo do Outro e o sustenta por procuração, a jovem usa o desafio como resposta ao desejo paterno.

Como Freud observou, a corte que ela fazia à dama tinha um valor de exibição perante o pai, em relação a quem, portanto, ela mantivera seu apelo simbólico. Essa "esperança" só teve fim com o olhar furioso que o pai lhe lançou ao cruzar com ela na rua, de braços com a dama, e quando esta, compreendendo a situação, expressou-lhe que pretendia romper esse relacionamento. Aniquilando, dessa vez, tanto o símbolo quanto o imaginário postos em cena, essa situação precipitou a própria jovem na necessidade de *realizar*, através da atuação suicida, o falo duplamente destituído. (ANDRE, 1995, 101-102)

O momento da tentativa de suicídio possui, além do desespero por ter perdido seu objeto, determinações que podem ser observadas na análise de seus sonhos: a autopunição e a realização de um desejo. Esta análise é possível a partir da interpretação da cadeia metonímica de *niederkommt* que, na ressonância da polissemia, pode resultar em parir ou cair, ou seja, ter um filho do pai ou cair por culpa do pai.

A importância do significante *niederkommt* nesse estudo está em seu aspecto metonímico da passagem ao ato da jovem. Precisamente porque, na perversão há a presença de um ato, uma conduta significativa, que se refere a um significante que se localiza ainda mais distante na cadeia significativa, ligado que está por um significante necessário, pois, “a função da perversão no sujeito é uma função metonímica” (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 148).

*Niederkommt*, segundo Lacan (1956-1957), exprime “o motor de sua perversão”: um amor inabalável e, sobretudo, fortalecido pelo pai. É na brusquidão de um ato extremo que a jovem deixa-se cair/parir, o que resulta em uma ação suicida que propicia sua evasão da cena, em resposta a angústia. Isto porque, diante da reprovação do seu pai, produz-se um embaraço supremo, seguido da emoção que dela se apodera e culmina com o confronto entre o desejo e a lei, a saber, na passagem ao ato.

(...) podemos revelar que as duas condições essenciais do que se chama propriamente de passagem ao ato realizam-se aqui. A primeira é a identificação absoluta do sujeito com o *a* ao qual ele se reduz. É justamente o que sucede com a moça no momento do encontro. A segunda é o confronto do desejo com a lei. Aqui, trata-se do confronto do desejo pelo pai, sobre o qual se constrói toda a conduta dela, com a lei que se faz presente no olhar do pai. É através disso que ela se sente definitivamente identificada com o *a* e, ao mesmo tempo, rejeitada, afastada, fora da cena. E isso, somente o *abandonar-se*, o *deixar-se cair*, pode realizar. (LACAN, 1962-1963 [2005], p.125)

A jovem, ao cair como objeto, torna-se o falo e o oferece ao seu ídolo, a dama. Nesta cena, ela oferece esse falo “ao dar à pessoa específica que é o objeto de seus amores homossexuais o que ela não tem, a saber, esse falo objeto de sua adoração, ela a conduz ao máximo da idealização.” (LACAN, 1958-1959 [2016], p. 498). Isso ocorre nas estruturas perversas e também em alguns casos de homossexualidade.

Em sua via perversa do desejo, a galante jovem homossexual freudiana, demonstra ao pai o que é ser um verdadeiro homem, fato que prescinde da diferença sexual. Desta maneira, desafia as proibições familiares e exhibe a possibilidade de dar o que não tem à sua amada que, do mesmo modo, não tem.

Ela permaneceu, até o fim de sua vida, identificada, congelada no eixo imaginário entre o *a*, ao qual foi reduzida, e o  $\Phi$ , no qual transformava seus objetos amorosos. (...). Especulativamente, podemos esboçar que, se essa jovem tivesse sido acolhida por Freud, ou melhor, recolhida por ele, como ele pode fazer com tantas outras jovens, homossexuais ou não, talvez ela pudesse ter ido além do véu encobridor além das flores e ter fruído e fluído em águas menos turvas. (AZEVEDO, 2013b, p. 311)

Para Miller (1997), os casos clínicos dos perversos são os mais adequados para apresentar o vínculo entre desejo e castração, pois é possível verificar o objeto de desejo se constituir na castração. Para este autor há, simultaneamente, um *made in love* (feito no amor) e um *made in castration* (feito na castração) e para expor esse aspecto, elege o caso da jovem homossexual freudiana, por haver nele “algo de perverso, ao mesmo tempo que é um caso de amor, por isso não é casual ser o melhor caso clínico para ilustrar tal vinculação” (MILLER, 1997, p. 502-503).

Um parêntese deve ser aberto sobre o homossexualismo. A psicanálise, desde Freud, sempre se recusou a enxergar a homossexualidade como perversão. Para Lacan, a relação homossexual é ridiculamente chamada de perversão.

A homossexualidade, como prática sexual, não é, desse modo, um sintoma neurótico, não é uma perversão e nem é indício de loucura. A homossexualidade é transestrutal. Ela é uma escolha de gozo do sujeito que se encontra em neuróticos, perversos e psicóticos. Por outro lado, em todos os grandes casos de Freud, encontramos algum tipo de homossexualidade, sem que esta seja propriamente uma prática sexual: na histeria de Dora, na fobia de Hans, na esquizofrenia-paranoide de Schreber, na paranoia do Homem dos Lobos, na neurose obsessiva do Homem dos Ratos e na vida sexual da jovem homossexual. (QUINET, 2013c, p. 91)

Justamente por isso, escutar um homossexual falar sobre sua sexualidade nada mais é do que escutar alguém falar sobre seus desejos, pois, a perversão possui características singulares que não são definidas apenas pela escolha objetual, mas, entre outras coisas, pela fixação libidinal, pelo aspecto metonímico do ato e pela relação imaginária que adota.

### **3.4.3. O fetichismo, a perversão das perversões**

As vias perversas do desejo nos conduzem a revisitar o fetichismo, pois é nele que se torna evidente a importância do objeto como causa do desejo na perversão.

Ao percorrer esse importante conceito, desta vez à luz das contribuições de Lacan, é possível verificar que tal símbolo se institui a partir da constituição histórica do sujeito, com a fixação de uma lembrança que antecede a angustiante percepção da castração da mulher.

Segundo Freud e Lacan, respectivamente, no texto *Fetichismo* (1927 [1992]) e em *O Seminário – livro 4 – A relação de objeto* (1956-1957 [1995]), fetiche é um símbolo. Freud afirma neste texto que “espera-se que, em substituição ao falo feminino que está ausente, escolham aquele órgão ou objeto que, na qualidade de símbolos, substituam o pênis também em outros casos.”<sup>61</sup> (1927 [1992], p. 149, tradução nossa). Lacan, taxativo, reitera este fato: “o fetiche, nos diz a análise, é um símbolo. Nesse sentido, ele é quase colocado, de saída, em pé de igualdade com qualquer outro sintoma neurótico.” (1956-1957 [1995], p. 157).

Justo por isso, é imprescindível marcar a diferença entre o sintoma neurótico e a perversão fetichista, pois apesar de estar em pé de igualdade com um sintoma neurótico, o objeto fetiche possui características peculiares e, desta maneira, não deve ser confundido, visto que, não é o recalque de uma percepção que se trata, mas da sua renegação.

---

<sup>61</sup> O trecho correspondente na tradução é: Cabría esperar que, en sustitución del falo femenino que se echó de menos, se escogieran aquellos órganos u objetos que también en otros casos subrogan al pene en calidad de símbolos.

O texto lacaniano “*A ciência e a verdade*” (1966a), esclarece que na tentativa de se proteger contra a castração, o sujeito se divide diante da realidade insuportável, o que pode acarretar ou na formação de um sintoma fóbico, ou no erguimento do fetiche.

A divisão do sujeito é um nó. Lembremos onde Freud o desata: na falta do pênis da mãe em que se revela a natureza do falo. O sujeito divide-se ali, diz-nos Freud com respeito à realidade, ao mesmo tempo vendo abrir-se o abismo contra o qual se protegerá com uma fobia, e, por outro lado, cobrindo-o com a superfície em que erigirá o fetiche, isto é, a existência do pênis como mantida, ainda que deslocada. De um lado, extraímos o (nada-de) do (nada-de-pênis), a ser posto entre parênteses, para transferi-lo para o nada-de-saber, que é a não-hesitação da neurose. Do outro, reconhecemos a eficácia do sujeito nesse gnômon que ele erige para lhe apontar a toda hora o ponto de verdade. Revelando, do próprio falo, que ele nada é além desse ponto de falta que ele indica no sujeito (LACAN, 1966a, p. 892).

Dessa maneira, Lacan aponta a estreita relação entre fobia e a perversão: ambas são respostas possíveis à angústia que a falta fálica materna impõe. Ambos, objeto fóbico e objeto fetiche, que têm a função de complementar o abismo que surge frente à angústia de castração, estão centrados “no mesmo fundo de angústia fundamental, sobre a qual um e outro seriam convocados como uma medida de proteção ou de garantia da parte do sujeito” (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 22). Entretanto, também lhes compete grande oposição, dado que o objeto fetiche exerce no sujeito uma atração inevitável e o objeto fóbico uma repulsa avassaladora.

Em relação à fobia, há um deslocamento que protege o sujeito frente à falta fálica materna, “a fobia advém diretamente da aparição do (-φ)” (MILLER, 1995, p. 70). Desta maneira, esta criação imaginária, é produzida e, em sua prevalência, provoca efeitos que impactam, sobremaneira, o comportamento do sujeito.

No texto freudiano sobre Hans (1909), este fato torna-se evidente: os sintomas fóbicos da pequena criança acarretam significativa limitação em sua liberdade, sua fobia de cavalos o impede de sair de casa.

O objeto fóbico pode ser compreendido como uma sentinela avançada, pronta para se defender da angústia de castração. O caso Hans ilustra de maneira notável o apelo proferido pela criança, frente à insuficiência de seu pai.

Isso porque, integrado à tríade imaginária pré-edípica criança-mãe-falo, Hans percebe não ser o único objeto de desejo de sua mãe e reconhece que ela além de desejar o falo, é privada deste objeto. Diante desta dupla decepção imaginária, a criança se depara com o risco de se tornar o substituto fálico materno e, desta maneira, ser aprisionada em uma relação insustentável. Justamente por isso, Hans desloca sua angústia para o objeto fóbico.

Existe inicialmente uma dupla decepção imaginária – localização pela criança do falo que lhe falta, depois, num segundo tempo, percepção de que à mãe, a esta mãe que está no limite do simbólico e do real, falta também o falo. Segue-se o apelo feito pela criança a um termo que sustente esta relação insustentável. É então a eclosão da fobia, com o surgimento deste ser fantasístico que é o cão, que aqui intervém como, falando propriamente, o responsável por toda a situação, aquele que morde, aquele que castra, aquele graças ao qual o conjunto da situação é pensável, vivenciável simbolicamente, ao menos por um período provisório. (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 81)

A saída da situação edipiana normal, segundo Lacan, ocorre com a entrada da função do pai como quarto elemento na relação triangular existente. Neste momento crítico, a falta ou insuficiência desta função propicia a formação do objeto fóbico, que constitui como apelo.

Lacan nos ensina que a fobia é uma das saídas possíveis quando há um rompimento no vínculo existente entre os três objetos imaginários. A outra saída é a fetichista, que ergue o substituto ao falo materno.

No fetichismo, pode-se falar de substituição ao falo, enquanto, no objeto fóbico, não é tanto uma substituição ao falo, mas uma maneira de afastar e de dominar a potência materna opaca. Não é exatamente a mesma relação nos dois casos. São maneiras distintas. No fetichismo pode-se colocar, realmente, a relação à falta do falo materno. Na fobia, a mãe é mais a potência ameaçante da devoração. Na fobia aparece mais a pulsão oral enquanto há uma elaboração genital, entre aspas, no fetichismo. Bem, há mesmo duas formas sim, mas há algo para pensar, a relação do objeto de desejo com a palavra. (MILLER, 1995, p. 112)

O objeto eleito para lidar com a falta do falo da mãe, seja por meio de um fetiche ou de uma fobia, apresenta uma hiância ao nível do tempo e do espaço com o objeto causa do desejo, uma “*décalage*” (Miller, 1995, p. 158). Porque apesar de supostamente coincidentes, são evidentemente distantes entre si: nenhum objeto é verdadeiramente capaz de preencher a falta fundamental, a castração. O objeto causa de desejo, em si, não pode ser obtido.

A relação do fetichista com seu objeto traz em si uma ambiguidade singular: ele afirma e nega a castração da mulher. A isto chamamos de *splitting* do eu, pois, ao mesmo tempo em que o fetiche é a prova cabal de que a mulher não foi castrada, sua presença torna possível castrá-la.

O caráter provisório desta solução manifesta sintomas constantes, de maneira perpétua. Isto porque, o sujeito vive em meio a um frágil equilíbrio, assujeitado à arbitrariedade do fechar ou abrir da cortina, do ocultamento ou da revelação da falta de um objeto singular, o falo materno.

O objeto fetiche vela a ausência, por isto é considerado como símbolo da falta. Na criação dessa suplência, é erguido um monumento, um *Denkmal*, que se caracteriza por sua função de véu. Justamente por isso, o fetiche é o símbolo de algo essencial, mais precioso que a realidade que se apresenta.

Antes de ir mais longe, vocês já podem ver todos os tipos de coisas se esclarecerem a partir daí, inclusive e até o fato de Freud nos dar como primeiro exemplo de uma análise de fetichista essa maravilhosa história de trocadilho. Um senhor que passara sua primeira infância na Inglaterra e que viera se tornar fetichista na Alemanha, buscava sempre um pequeno brilho no nariz, que ele via, aliás, ein Glanz auf die Nase. Isso nada mais queria dizer senão um olhar sobre o nariz, nariz este que era, naturalmente, um símbolo. A expressão alemã só fazia transpor a expressão inglesa a glance at the nose, que lhe vinha de seus primeiros anos. Veem aqui entrar em jogo, e projetar-se num ponto sobre o véu, a cadeia histórica, que pode mesmo conter uma frase inteira e, bem mais ainda, uma frase numa língua esquecida. (LACAN, 1956-1957 [1995], p.161)

Ao referir-se a análise freudiana do pequeno brilho no nariz, Lacan destaca a importância da historicidade do sujeito e da presença do mecanismo linguístico metonímico para que o objeto fetiche se constitua.

A metonímia é uma figura de linguagem que se caracteriza pelo emprego de um significante por outro significante, desde que haja entre eles uma relação de contiguidade. É justamente esta perspectiva encontrada na constituição do objeto fetiche. Escutamos a importância do brilho do nariz ou do sapato como atributo indispensável, mas é de outra coisa que se fala. O objeto fetiche requerido encontra sentido por aquilo que faz ecoar metonimicamente, pois “constata-se que lidamos, na perversão, com uma conduta significante indicando um significante que está mais longe na cadeia significante, na medida em que lhe está ligado por um significante necessário.” (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 148).

A lembrança encobridora, *deckerinnerung*, se baseia, propriamente, na imagem cristalizada para eleger seu símbolo, “é uma parada nessa cadeia e é nisso que é metonímica, pois a história, por sua natureza, continua” (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 160). Este marco histórico está diretamente relacionado ao complexo de castração, momento no qual a diferença sexual da mulher é simultaneamente admitida e desmentida. Assim, a imagem se fixa e é projetada na superfície do véu, o que confirma, de certa forma, a presença do falo materno. Visto que "se o fetiche está ali é porque ela, justamente, não perdeu o falo, mas ao mesmo tempo pode-se fazê-la perdê-lo, isto é, castrá-la" (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 158).

Por situar-se à frente do objeto, o véu traz em si uma característica duplamente surpreendente: é capaz de ocultar uma imagem que desperta o horror e, simultaneamente, projetar sobre si a ausência contida sob seu manto.

A sabedoria milenar dos indianos diz: "Trata-se de maia, o véu da ilusão, que envolve os olhos dos mortais, deixando-lhes ver um mundo do qual não se pode falar que é nem que não é, pois assemelha-se ao sonho, ou ao reflexo do Sol sobre a areia tomado à distância pelo andarilho como água, ou ao pedaço de corda no chão que ele toma como uma serpente". (...) O que todos estes pensam e dizem nada é senão a coisa que agora também estamos considerando: o mundo como representação, submetido ao princípio de razão. (SCHOPENHAUER, 1819 [2001], p. 41)

Neste arranjo singular, para haver desejo sexual, é imprescindível que o objeto fetiche esteja presente, ele é o requisito fundamental para que o desejo ocorra. No entanto, o fetiche não se resume a um simples objeto imaginado, requerido para estimular o desejo, como em uma fantasia, ele, em verdade, cumpre a função de causa do desejo.

Isto porque há uma estreita ligação entre o complexo de castração e a criação do fetiche. Nesta articulação, a mãe fálica é o elemento principal, pois, no instante em que o falo materno é buscado, o sujeito se detém. Nesse momento histórico, imediatamente anterior à cena reveladora, o olhar se fixa à barra da saia da mãe, a uma peça de roupa íntima ou a uma ambígua ilusão. Dessa forma, os objetos inanimados exercem uma função satisfatória por estar à disposição para o manejo de sua vida erótica. O objeto singular pode se localizar sobre o corpo do parceiro sexual. Entretanto, este fato não é uma regra, o objeto é variável, pode ser um brilho no nariz, um sapato.

O que se deseja? Não é o sapatinho, nem o seio, nem seja o que for em que vocês encarnem o fetiche. O fetiche causa o desejo. O desejo, por sua vez, agarra-se onde puder. Não é absolutamente necessário que seja naquela que calça o sapatinho; este pode estar em suas imediações. Sequer é necessário que seja ela a portadora do seio; o seio pode estar na cabeça. Mas todo o mundo sabe que, para o fetichista, é preciso que o fetiche esteja presente. O fetiche é a condição mediante a qual se sustenta seu desejo. (LACAN, 1962-1963 [2005], p. 116)

Com isto, é possível afirmar que o objeto fetiche causa o desejo, embora não seja desejado em si. A necessidade imperiosa de uso deste singular objeto denuncia que a ele cabe, inclusive, sustentar o desejo. "O desejo perverso se suporta do ideal de um objeto inanimado. Mas ele não pode se contentar com a realização desse ideal. Desde que o realiza (...) perde o seu objeto." (LACAN, 1953-1954 [2009], p. 288).

A satisfação do desejo perverso está limitada a se realizar antes do fim do desejo ou pelo desaparecimento do objeto. Ao mesmo tempo em que possibilita seu gozo, a imposição de uma condição específica para gozar, o põe em cárcere. Isto porque, ao desmentir a diferença sexual, uma teatralização em prol desta recusa faz-se necessária.

A cena, determinada pelas regras do fetichista, precisa ser perfeita para que a angústia da castração possa ser evitada, mesmo que precariamente. Posto que, para além de um objeto que ornamenta e ambienta, o fetiche é a parte essencial para que o desejo compareça, e o suporte capaz de transformar o espaço cênico.

#### 4. A VERSÃO LITERÁRIA MACHADIANA DA PERVERSÃO: A CAUSA SECRETA

O encontro da psicanálise com a literatura está presente tanto em Freud como em Lacan. Este diálogo entre tão diferentes campos é privilegiado por propiciar ganhos em ambos os eixos de conhecimento. A literatura ganha um olhar diferenciado, novas interpretações e descobertas que, muitas das vezes, não se esgotam. A psicanálise, por sua vez, ganha um novo campo de investigação que toma a textualidade literária para formular explicações para o fenômeno ali inscrito.

Em *A causa secreta* de Machado de Assis é possível encontrar procedimentos que apontam para a estrutura perversa do sujeito. Justamente por isso, possibilita o vislumbre dos fundamentos da psicanálise de maneira excepcional.

##### 4.1. Vida e obra de Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) nasceu e faleceu na cidade do Rio de Janeiro. Passou a infância no morro do Livramento, na Gamboa, Zona Portuária do Rio. Seu pai era pintor de casas e sua mãe, lavadeira. A despeito da posição social ocupada, ambos sabiam ler e escrever, fato pouco comum nesta época.

O menino mirrado enfrentou grandes e precoces perdas em sua vida: as mortes da irmã, da mãe e posteriormente do pai. Órfão, Machado é criado por Maria Inês, a segunda esposa de seu pai, a quem chama de madrinha.

Apesar das dificuldades financeiras enfrentadas por sua família, a educação de Machado não foi posta de lado. Sua bondosa madrinha percebeu que ele era dono de grande inteligência. Ele “manifestou logo um grande amor ao estudo, a insaciável curiosidade intelectual que o levaria, já se abeirando dos setenta anos, e da morte, a aprender grego.” (MIGUEL-PEREIRA, 1936, p. 33).

No entanto, era considerado doente por sua epilepsia e ficava gago quando nervoso. Além disso, a cor de sua pele tornava pública sua origem humilde. Esses fatores, porém, não diminuíram sua ambição em ascender socialmente, nem alteraram sua incansável sede pelo saber.

No Brasil escravocrata de sua época, porém, a posição social e o fenótipo claro da pele eram fundamentais para pertencer às classes dominantes. Entretanto, tais valores eram confrontados com os novos hábitos de um futuro modernizador pautado nos costumes europeus.

A Corte do Rio de Janeiro, onde vivem os personagens de Machado de Assis, assistiu a transformações radicais do século. Iniciada com a transferência da Corte portuguesa para o Brasil, a modernização da cidade acelerou-se no Segundo Reinado: por suas ruas iluminadas a gás passeavam os bondes elétricos; há muito seus teatros abrigavam as temporadas líricas das companhias européias. Aberta a nova sociabilidade, urbana e cosmopolita, a família iria aos poucos, mudar sua feição. Novos hábitos e valores iriam conviver, às vezes conflituosamente, com os antigos costumes da tradição colonial. (MURICY, 1988, p. 13)

Justamente por isso, o jovem Machado de Assis não desperdiça as oportunidades de se instruir. Pois, ainda que não pudesse frequentar as aulas da escola em que sua madrinha trabalhava como cozinheira, por serem ministradas para as filhas de famílias abastadas, furtivamente, o menino encontrava uma maneira de absorver algum conhecimento: “imóvel, o coração batendo de susto, enquanto esperava o taboleiro das quitandas, Joaquim Maria ouvia as aulas que não lhe eram destinadas.” (MIGUEL-PEREIRA, 1936, p. 36). As donas do colégio encarregaram o tímido menino, enteado da cozinheira e aceito ali por caridade, apenas pela venda de doces que elas produziam.

Felizmente, nem todo conhecimento era obtido clandestinamente. Com a dona da padaria e seu forneiro, ambos franceses, o menino, rapidamente, aprende e domina o idioma francês. Outra importante contribuição foi dada pelo Padre Mestre Silveira Sarmiento, que ensinou de bom grado a Machado de Assis as lições que ele, outrora, tanto se esforçava a ouvir. Os livros, por sua vez, tem um papel fundamental em sua vida, pois ao mesmo tempo em que lhe dão prazer em aprender, o impulsionam a seguir a vocação literária.

O rapaz tímido e magricela, contrariando aos que supunham tratar-se de um jovem comum, ascende de forma surpreendente e incomum. Seu inegável talento chamou a atenção do Imperador do Brasil, D. Pedro II, o que contribuiu para a conquista de prestígio, respeito e de um novo patamar social.

Machado de Assis é considerado, ainda hoje, um autor de importância inestimável para a literatura da língua portuguesa com uma produção literária vastíssima, que alcançou tanto o público erudito, quanto o não letrado.

Atuou como jornalista, contista, cronista, romancista, poeta, teatrólogo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e seu presidente por dez anos. Escreveu para

revistas e jornais, publicou cerca de duzentos contos e dez romances, além de peças teatrais, poemas, sonetos e centenas de crônicas.

#### 4.2. O conto *A causa secreta*

*A causa secreta* é um instigante conto machadiano, publicado pela primeira vez em 1885 pelo periódico *Gazeta de Notícias* e editado, posteriormente, na coletânea de contos *Várias Histórias* em 1896.

Ao longo do tempo, fatores como a originalidade da escrita e a importância do autor para a história literária do Brasil, impulsionam as obras machadianas a ganhar novas versões. *A causa secreta*, que estreia em um periódico, se reinventa e conquista outras mídias além do livro, tais como adaptações cinematográficas e história em quadrinhos.

Com uma linguagem surpreendentemente fácil e excepcional técnica, o autor nos conduz em direção a um desfecho surpreendente. O enredo da trama é composto por características do realismo: a descrição de costumes, os conflitos pessoais e sociais.

A trajetória dos fatos é narrada em terceira pessoa, pois cabe ao narrador revelar a natureza dos profundos e obscuros segredos contidos no conto. A ficção é iniciada com a técnica literária *In Medias Res*, a quebra da ordem cronológica dos acontecimentos.

Dessa forma, Machado de Assis produz um instigante efeito de suspense que convida o leitor a investigar as motivações que estimulam as ações das personagens retratados no conto.

No momento inicial da trama, o narrador apresenta as personagens principais: Garcia, Fortunato e Maria Luísa. Constrangidos e reunidos em uma sala, o trio forma um cenário marcado pelo enigma de uma “coisa tão feia e grave” (ASSIS, 1839-1908 [1997], p. 65) que lhes subtrai qualquer disposição para o diálogo.

Em meio à tão intrigante cena, os questionamentos se impõem e, com eles, vemos formar uma densa bruma em torno da história ficcional que se desfaz apenas nos últimos instantes do conto.

A narrativa, que retrocede até sua origem, descreve como as personagens se conhecem. Os primeiros encontros entre Fortunato e Garcia são marcados pela causalidade e sem troca de palavras. No entanto, o capitalista Fortunato causa forte impressão no estudante de medicina, Garcia.

Um deles ocorre no teatro São Januário. O interesse de Fortunato pelas cenas dolorosas do “dramalhão, cosido a facadas” (ASSIS, 1839-1908 [1997], p. 66), chama a atenção do estudante que, tomado pela curiosidade, segue o desconhecido e testemunha as bengaladas que este desfere contra os cães que dormem na rua.

Este ato de Fortunato não causa uma grande comoção em Garcia. É importante ressaltar que, no momento histórico retratado, os maus tratos contra animais ainda não é criminalizado<sup>62</sup>.

Semanas depois, Fortunato socorre um vizinho do estudante, vítima de esfaqueamento. Garcia torna-se novamente testemunha das ações do desconhecido que, apesar da “expressão dura, seca e fria” (ASSIS, 1839-1908 [1997], p. 67), dedica atenção desmedida ao doente durante todo seu estado crítico. Apenas abandona seu posto quando a vítima está prestes a alcançar a cura.

Fortunato causava em Garcia uma sensação de repulsa e curiosidade, não obstante, o estudante crê presenciar “um ato de rara dedicação, e se era desinteressado como parecia, não havia mais que aceitar o coração humano como um poço de mistérios.” (ASSIS, 1839-1908 [1997], p. 67).

Com a saúde restabelecida, Gouveia se esforça para encontrar seu benfeitor, a fim de agradecer-lhe a caridade. Contudo, a frieza e a indiferença com que é recebido, o mortifica e humilha.

A postura de Fortunato assombra Garcia e atiça ainda mais sua curiosidade, pois lhe é difícil penetrar nos segredos dessa alma, apesar de possuir a habilidade de decifrar os homens.

De maneira sutil, o narrador machadiano descreve ao longo do conto o frequente envolvimento de Fortunato com o sofrimento do outro. No entanto, paralelamente a este aspecto marcante, há a face social que vela a finalidade sombria de seus atos, pois além de ser bem-sucedido financeiramente, é socialmente aceito e bem adaptado. Justamente por isso, o médico Garcia, kantianamente mergulhado na função do bem, crê estar diante do pleno cumprimento da lei moral.

Garcia ainda não percebe que na caridade de Fortunato há um engodo oculto. No entanto, Lacan não nos deixa esquecer que “se é preciso fazer as coisas pelo bem, na prática

---

<sup>62</sup> Apenas no ano de 1934 foi editado o decreto nº 24645 que define e criminaliza os maus tratos contra os animais. O artigo 3º, inciso IV, define a proibição de “golpear, ferir ou mutilar, voluntariamente, qualquer órgão ou tecido de economia, exceto a castração, só para animais domésticos, ou operações outras praticadas em benefício exclusivo do animal e as exigidas para defesa do homem, ou no interesse da ciência.”

deve-se deveras sempre se perguntar pelo bem de quem.” (LACAN, 1959-1960 [2008], p. 373).

Garcia e Fortunato se encontram algumas vezes, aleatoriamente, o que suscita familiaridade suficiente para que o capitalista, agora casado, convide o recém-formado médico para jantar em sua casa. Desta maneira, Garcia conhece Maria Luísa, mulher “esbelta, airosa, olhos meigos e submissos” (ASSIS, 1839-1908 [1997], p. 69), e percebe que entre o casal há “alguma dissonância de caracteres, pouca ou nenhuma afinidade moral” (ASSIS, 1839-1908 [1997], p. 69). A personagem Maria Luísa é um retrato da mulher do século XIX<sup>63</sup>, por isso, se mantém submissa ao marido apesar das evidentes diferenças.

Em uma de suas visitas aos recém-casados, Garcia conta para Maria Luísa sobre a dedicação de Fortunato na cura de Gouveia, entretanto, são os estranhos pormenores da visita do ferido que despertam no capitalista um sorriso franco. Garcia, por sua vez, ressalta as habilidades de enfermeiro do amigo, ato que tem como resultado a fundação de uma casa de saúde.

Na casa de saúde, Garcia testemunha a dedicação de seu amigo e sócio, que não se intimida diante das enfermidades que encontra. Fortunato chamava a atenção por observar e lidar com os cáusticos. “Toda a gente pasmava e aplaudia.” (ASSIS, 1839-1908 [1997], p. 70), contudo, os pacientes se incomodavam com os ganidos provenientes de suas experiências sinistras.

O laço de amizade se estreita entre os dois homens e a frequência de Garcia na casa de Fortunato aumenta. Justamente por isso, o médico observa Maria Luísa com mais atenção e percebe o quanto ela destoa do marido. Garcia observa a solidão que multiplica os encantos de Maria Luísa, com seus olhos meigos e submissos. Também nota a resignação e o temor ao marido. Aos poucos, o amor por ela se instala. Maria Luísa “compreendeu ambas as cousas, a afeição e o silêncio, mas não se deu por achada” (ASSIS, 1839-1908 [1997], p. 71).

No *Seminário 4: A relação de objeto* (1956-1957), Lacan se refere ao amor que se situa fora do âmbito da paixão e que não visa à satisfação. Ama-se o que está para além do objeto amado. E o que poderia estar para além dele senão a falta? O princípio de troca desse amor é o nada por nada. Sem dúvida, trata-se de uma troca em que o sujeito se sacrifica para além daquilo que tem. Estamos diante de uma estrutura em que o amor se articula com a função de sublimação. Um dos amores com essa estrutura é o amor como acontecimento, no qual se realiza a transformação

---

<sup>63</sup> O lugar ocupado pela mulher brasileira branca, no período histórico retratado pelo conto, era a de: “um ser despersonalizado, com atividade circunscrita ao lar e à igreja, salvo pouquíssimas exceções (...). Sua situação era de subserviência, até jurídica, passando das mãos do pai às do marido” (LORDELLO, 2002, p. 43). A vida social bem sucedida só poderia ser garantida através de bom casamento.

do amado em amante. Esse amor é também comparado com a metáfora, na medida em que essa figura de linguagem se caracteriza pela produção de uma nova significação, através do processo de substituição. (FERREIRA, 2004, p. 40-41)

Garcia percebe o sentimento crescer em seu peito, contudo, a mulher secretamente amada é um objeto inacessível e seu amor, impossível. Isso porque não quer perturbar a amizade com o sócio. Enquanto Garcia tranca em si esse sentimento, o estudo de anatomia e fisiologia de Fortunato trouxe mais indícios da situação de Maria Luísa: laboratório experimental é transferido da casa de saúde para a residência do casal, assim como os ganidos dos animais envenenados e rasgados por ele.

A esposa se compadece dos animais torturados e pede a Garcia que interceda para que as experiências tenham fim. No entanto, dois dias depois, o capitalista tortura brutalmente um rato que, segundo ele, é responsável pela destruição de um documento importante.

Maria Luísa e o amigo são testemunhas deste ato. A primeira foge, aflita. O segundo estacou, horrorizado. Garcia pede ao amigo que matasse o rato logo, mas Fortunato apenas responde “já vai” (ibid., p. 72).

Com isso, o carrasco mantém seu propósito sinistro: fazer sofrer e perpetuar ao máximo as desventuras aplicadas à vítima. O enigmático desejo sádico busca revelar, no limite do que não pode ser tolerado, ou seja, busca a divisão do sujeito.

A angústia do outro, sua existência essencial como sujeito em relação a essa angústia, eis o que o desejo sádico tenciona fazer vibrar (...). Na realização de seu ato, de seu rito – pois trata-se propriamente do tipo de ação humana em que encontramos todas as estruturas do rito –, o que o agente do desejo sádico não sabe é o que procura, e o que ele procura é fazer-se aparecer, ele mesmo, como puro objeto, fetiche macabro – diante de quem, se, na totalidade dos casos, essa revelação só pode permanecer obtusa para ele próprio? É nisso que se resume, em última instância, a manifestação do desejo sádico, na medida em que aquele que é seu agente caminha para uma realização. (LACAN, 1962-1963 [2005], p. 117-118)

No rosto de Fortunato não há expressão de ódio, ao contrário, ele aproveita o gozo experimentado em cada passo de seu ato. “Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética” (ASSIS, 1839-1908 [1997], p. 72-73). Justamente neste momento, Garcia desvenda o mistério que paira sobre Fortunato e o conto tem seu início: “achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar” (ASSIS, 1839-1908 [1997], 73).

O sadismo torna-se uma perversão, quando a surra não é mais buscada ou dada como sinal de amor, mas quando e, enquanto tal, assimilada pelo sujeito à única possibilidade existente de fazer gozar um falo; e a visão desse gozo torna-se o único caminho oferecido ao perverso para seu próprio gozo. (LACAN, 1961-1962 [2003])

A face do sadismo, não mais oculta no engodo dos atos aplaudidos socialmente, expõe as verdadeiras intenções do desvelado Fortunato. Tal como a lua orbita a Terra, ele circunda o sofrimento do outro, a fim de que possa gozar.

Neste mesmo período, Maria Luísa apresenta uma tosse que preocupa Garcia. Ela é diagnosticada com tísica, notícia que abala Fortunato que, embora imprima nela temor e subserviência, “amava deveras a mulher, a seu modo, estava acostumado com ela, custava-lhe perdê-la” (ASSIS, 1839-1908 [1997], p. 74).

Segundo JORGE (2006), há uma báscula entre amor e gozo nas estruturas clínicas, inclusive na perversão. O autor esclarece que é possível, na fórmula da fantasia ( $\$ \Leftrightarrow a$ ) situar o amor no primeiro polo e o gozo no segundo. Diante desta articulação, é possível afirmar que a fantasia no perverso se produz pela via do gozo.

Na perversão, houve a mesma entrada da fantasia, mas, por motivos históricos absolutamente singulares, a entrada do sujeito perverso no mundo do simbólico se deu através da fixação no outro polo da fantasia, no polo pulsional, no polo de gozo. O perverso tem uma *fantasia de completude de gozo*. Ele almeja resgatar a completude perdida pelo viés do gozo. (JORGE, 2006, p. 33)

O acesso à dimensão do amor é precário, justamente porque o vínculo amoroso implica, em certa medida, a castração do gozo.

O vínculo amoroso implica a alteridade, implica a diferença, implica certa castração do gozo. A definição que gosto da perversão é: ela é a abolição da diferença, a abolição do desejo do Outro. Ou seja, a perversão é a abolição daquilo que entra com toda força na intersubjetividade amorosa. (JORGE, 2006, p. 33)

Curiosamente, é possível à Fortunato manter o laço social do matrimônio. Para ele, a esposa é uma presença constante, embora resignada e moralmente solitária. “Na perversão, escutamos o sujeito queixar-se da solidão a qual é jogado por certas posições perversas que adota. Ele chega a questionar isso. Ele chega a se sentir só.” (JORGE, 2006, p. 34).

A dedicação de Fortunato a ela é diretamente proporcional à evolução da doença e o consequente aumento de seu sofrimento. Este fato desencadeia novamente a face feroz da

perversão de Fortunato. Na fase terminal de Maria Luísa, momento em que seus tormentos eram extremos, o capitalista subjuga qualquer sentimento de afeição e frui todo momento de dor e agonia da moribunda. “Egoísmo aspérrimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lho pagou com uma só lágrima, pública ou íntima.” (ASSIS, 1839-1908 [1997], p. 74).

O intento de Fortunato não está no anseio pela cura das mazelas ou pelo alívio da dor alheia, mas em se deliciar com as aflições do outro. Isso porque, “ao não aceitar os intervalos do gozo e os limites de sua cadência, passa a impor um frenesi ininterrupto às experiências do gozar, por onde se oporia à castração.” (HELSINGER, 1996, p. 25). Desta forma, prolonga o gozo, na tentativa de eternizá-lo. Somente a morte de Maria Luísa o desperta de seu frenesi.

Lacan esclarece que a manifestação da satisfação que não pode ser contida é, em verdade, uma defesa. Essa subversão da lei é, ainda assim, o suporte de uma lei. Isso porque, seu exercício detém o sujeito no caminho do gozo, pois “a vontade de gozo no perverso, como em qualquer outro, é uma vontade que fracassa, que depara com seu próprio limite, seu próprio freio, no exercício mesmo do desejo.” (LACAN, 1962-1963 [2005], p. 166). Em diversos momentos da narrativa, Fortunato se depara com o limite, seja com o desencadear da peça de teatro, a melhora de Gouveia, a morte do rato ou a de Maria Luísa.

Segundo Lacan (1959-1960 [2008]), no enredo sádico típico, o sofrimento não leva a vítima a esse ponto que a dispensa e que a aniquila. Pelo contrário, o objeto dos tormentos deve conservar a possibilidade de ser um suporte indestrutível.

Em verdade, o sádico oferece seu corpo à cena perversa, mas não pode atuar de outra maneira que a de um ser carnal, servo do prazer. Justamente por isso, seu gozo está preso no Outro e, portanto, é precário.

Daquela vontade rival estimulante, portanto, o prazer já não é aqui senão um cúmplice precário. No momento mesmo do gozo, estaria simplesmente fora do jogo, se a fantasia não interviesse para sustentá-lo pela própria discórdia em que ele sucumbe. Para dizê-lo de outra maneira, a fantasia toma o prazer apropriado ao desejo. E repitamos que desejo não é sujeito, por não ser indicável em parte alguma num significante da demanda, seja ela qual for, por não ser articulável nele, ainda que nele se articule. (LACAN, 1962 [1998], p. 785)

No velório, Fortunato, assombrado, flagra Garcia beijando a testa do cadáver da sua esposa, mas o capitalista tem mais um momento de fruição ao testemunhar a explosão de dor de seu amigo que lhe foi “deliciosamente longa” (ASSIS, 1839-1908 [1997], p. 75).

Novamente, Fortunato não se furta da possibilidade de gozar e, com isso, reafirma a diferença entre as estruturas clínicas: “enquanto o obsessivo posterga, adia, empurra o tempo para depois, e o histérico, ante seu infantilismo, antecipa, o perverso está sempre na ‘hora certa’, gozando, com certeza, o tempo todo e se garantindo contra o tempo via o gozo.” (HELSINGER, 1996, p. 30).

Assim, o narrador machadiano revela o enigma da trama: o gozo que Fortunato experimenta com o sofrimento do outro. Ele goza, em situações não sexuais: na peça de teatro, dando bengaladas em cães, torturando animais, cuidando de desconhecidos gravemente feridos ou da esposa moribunda, testemunhando o sofrimento da alma do amigo.

Aquilo que assinala a normalidade, a neurose ou a perversão, está somente no nível da relação entre o eu e sua identificação, que permite ou não o gozo que vocês podem constatar. Se se quisesse reservar o diagnóstico de perversão só as perversões sexuais, não apenas não se chegaria a nada, pois um diagnóstico puramente sintomático nunca quis dizer nada, mas ainda seríamos obrigados a reconhecer que há muito poucos neuróticos, então, que escapariam a isso. (LACAN, 1961-1962 [2003], p. 287)

Essa identificação ocorre tanto no sadismo quanto no masoquismo e só pode produzir-se em uma cena montada. Contudo, mesmo na cena, o sádico não se reconhece como objeto do próprio desejo, ele não se vê, nota apenas o resto. Ele desconhece a “serviço de que gozo exerce sua atividade. Não é, em todo caso, a serviço do seu” (LACAN, 1962-1963 [2005], p. 167). O masoquista, por sua vez, pretende alcançar a identificação como objeto, a ocupar a função de dejetivo. Nesse sentido, Lacan afirma que apenas ao masoquista cabe reconhecer-se tal como objeto de desejo.

As cenas montadas por Fortunato lhe propiciam o momento favorável para que possa sorver toda a desventura do outro. Ao perceber que os atos chocantes possuem outro sentido, Garcia desvenda a causa secreta.

A angústia do outro é condição imperiosa para o gozo de Fortunato. Contudo, Lacan esclarece a importância da referência ao Outro na meta sádica: “o que fica patente é que o sádico busca a angústia do Outro. O que isso mascara é que se trata do gozo do Outro.” (LACAN, 1962-1963 [2005], p. 195).

Na perversão, o sujeito pretende apreender o gozo do Outro a partir do objeto *a*. Mas fracassa nesse empreendimento, por mais bem conduzido que seja, precisamente porque o gozo do Outro é impossível. Afinal, o gozo do perverso se reduz, no essencial, seja a provocar a angústia do parceiro, seja a suscitar a angústia do Outro simbólico que não existe dando-lhe consistência imaginária, pois não são as sevícias

corporais que ele procura, mas a subjetivação do gozo, para poder dominá-lo. (VALAS, 2001, p.49)

No conto, alguns sentimentos atribuídos à Fortunato se contrapõem às características imputadas ao perverso. Assim como o pensamento popular, algumas teorias psicológicas conferem ao perverso a imunidade à culpa e ao remorso, assim como o afastamento emocional e, conseqüentemente, o impedimento de experimentar o amor.

Contudo, Machado de Assis vai além da corriqueira confusão entre sintoma e estrutura e descreve a personagem Fortunato como alguém que, apesar de seu gozo incomum, possui traços que se manifestam de forma generalizada socialmente. Ele “amava deveras a mulher, a seu modo”, recebe a notícia da grave doença desta “como um golpe”, não se abstém em oferecer os mais variados recursos para que a saúde de Maria Luísa seja restabelecida. Com a morte da esposa, Fortunato “ficou aturdido” e embora não sentisse ciúmes, se ressentia ao presenciar o beijo amoroso de Garcia na testa do cadáver gélido de sua esposa.

A perspicácia machadiana vai de encontro à crença de que o perverso é incapaz de se responsabilizar pelo bem estar do outro, de amar ou nutrir o sentimento da culpa. Lacan, por sua vez, afirma não ser possível definir a estrutura de um perverso com base nessa característica, pois “também não é no nível da culpa, da qual o perverso estaria isento, que vocês encontrarão a solução, não existe, pelo menos que eu saiba, um ser humano tão suficientemente feliz para ignorar o que é a culpa.” (LACAN, 1961-1962 [2003], p. 287).

É imprescindível convocar, mais uma vez, os preceitos freudianos e ressaltar a disposição perverso-polimorfa como um aspecto universal e humano. Justamente por isso, os atos podem ser pincelados por toda sorte de perversões e produzir resultados socialmente rejeitados. Em essência, o que difere o sujeito perverso dos demais não são, simplesmente, os seus atos, mas os aspectos singulares: a estereotípiã, a montagem da cena, o modo como sua identificação se configura, a pretensão em apreender o gozo do Outro pela via do objeto *a*, a posição que o outro ocupa em relação à fórmula da fantasia. Além disso, a presença do sádico se configura como mero instrumento, pois “o fixar-se seu gozo nela não o livra da humildade de um ato em que ele não pode entrar senão como ser carnal e, até a medula, servo do prazer” (LACAN, 1962 [1998], p. 784).

Dessa maneira, é possível verificar a confluência entre a obra ficcional e os conceitos psicanalíticos, pois o capitalista bem sucedido e admirado pelas ações bonitas, tem oculto o real intento de seus atos. À vista disso, o conto retrata muito mais que a crueldade humana, mas a busca por um gozo que Fortunato só pode desfrutar na presença do sofrimento do outro.

Essa obra singular propicia a reflexão sobre a imperfeição inerente ao ser humano em contraponto com o que a sociedade requer, pois desnuda o que o verniz social é capaz de ocultar. A complexidade de suas personagens enfatiza a dissonância entre as pretensas causas nobres e os interesses incógnitos, pondo em xeque a licitude das premissas norteadoras do comportamento social.

## CONCLUSÃO

Os estímulos motivadores desta pesquisa se baseiam no questionamento pessoal e, principalmente, no desejo de responder as indagações da sociedade sobre tão singular tema para, dessa maneira, ampliar o conhecimento e estimular a reflexão teórica sobre a perversão.

O alicerce teórico desta dissertação de mestrado se baseia nos conceitos fundamentais da psicanálise e na convergência existente entre os estudos de Freud e de seu mais consagrado leitor, Lacan. Munidos dessa bússola, buscamos respostas para tão intrigante tema, de maneira a revelar a causa secreta da perversão enquanto estrutura. Para tanto, diferenciamos a estrutura clínica perversa dos comportamentos incompatíveis com os norteadores sociais.

A perversão é um tema complexo, teorizado por vários campos de saberes. Cada um traz sua versão de perversão por privilegiar aspectos intrínsecos à sua posição teórico-clínica. Diante desta torre de Babel, esse estudo se dedicou, primeiramente, em definir o sentido da palavra, antes de buscar os outros significados que a permeiam.

O estudo do sentido da palavra constata que as designações recebidas ao longo do tempo são plurais. Esse fato pode ser observado nas significações apresentadas pelos dicionários etimológicos: condutas sexuais peculiares que perturbam a ordem ou o estado natural das coisas e que se alinham com as atuais parafilias, corrupção, transformação do bem em mal, distúrbios do apetite ou visão, depravação, ser contrário à justiça. Na idade média, o uso da palavra tem como função a designação de hereges, os que abandonam a prática religiosa, os detratores.

Diante de diferentes interpretações, é importante destacar o desvio como um aspecto que se repete. Contudo, atos desviantes estão diretamente relacionados com o contexto social e histórico de um grupo. Isso porque, esse significante, em seus diversos sentidos, aponta para importantes aspectos que atravessam o corpo social e impactam suas relações.

Esse fato evidencia as marcas deixadas ao longo do tempo pelas múltiplas perspectivas e suas respectivas influências nos discursos atuais sobre a perversão. Pois, nesse ínterim, a significação dada ao significante perversão se reitera e atualiza frente à normatização social e se distingue radicalmente do campo de saber psicanalítico, fato que torna ainda mais complexo seu estudo. Isso desperta o interesse de diferentes grupos que pretendem regular e definir o lícito ou ilícito em uma sociedade para estabelecer a ordem e a padronização social.

A atenção à peculiaridade do tema, impeliu a pesquisa a um excuro da posição psicanalítica, o que ampliou a inquiribilidade e impulsionou a pesquisa histórica do significante perversão com o embasamento de outros saberes.

Com a arqueologia, é possível ter acesso a vestígios de períodos históricos ancestrais que comprovam a presença de comportamentos, sexuais e morais, considerados perversos pelo senso comum. Nessa época, as cenas de corpos antropomorfos das pinturas rupestres retratam relacionamentos sexuais não esperados pela sociedade atual, em termos biológicos. A presença de imagens de grupos masculinizados excitados em atos sexuais coletivos ou privados indicam outras formas de utilização de seus corpos, para além da normatização vigente, definida pelos aspectos anatômicos. Essa forma de linguagem pictórica também descreve atos de agressividade em sangrentas lutas sociais, com detalhamento das mortes.

A sociologia, por sua vez, é capaz de delinear como as diferentes culturas, com suas normas particulares, impactam o conceito de legalidade aceito pelos grupos sociais. Um ato aceito por um grupo pode ser veementemente repudiado por outro.

Justamente por isso, mesmo antes do estabelecimento da ciência, a busca por respostas que expliquem os comportamentos considerados desviantes está presente. Contudo, pautadas em mitos e dogmas. Por um longo período, interpretações sobrenaturais e místicas foram as únicas possibilidades de esclarecimento das enigmáticas vicissitudes que surgiram.

Aos poucos, tais explicações dão lugar aos métodos baseados na observação e na racionalidade. Para tanto, utilizam o discurso científico para se apoiarem e assegurarem a conformidade dos aspectos comportamentais, através de mecanismos que podem estabelecer a ordem social por seus padrões e princípios morais. Entretanto, alguns grupos religiosos que também visam o controle desses aspectos, se apoiam em seus dogmas de maneira fundamental.

Com isso, a categorização de distúrbios psiquiátricos abrange os que não se ajustam à prática legitimada em âmbito social ou sexual. Fato que sentenciou grupos à morte ou à reclusão em asilos ou prisões, em um claro descarte dos sujeitos desviantes para a manutenção de uma sociedade rigidamente normatizada.

Segundo Lacan (1950), as normas submetem o particular ao universal, o que pode gerar conflitos. O crime e o criminoso devem ser compreendidos em suas referências sociológicas e, de acordo com São Paulo, “é a lei que faz o pecado”.

Normas e imputabilidade são definidas pela interface Direito-Medicina, campos distintos que partilham um objetivo comum: entender as circunstâncias singulares em que um comportamento se dá para que o julgamento possa ocorrer de forma individualizada e não

apenas genérica e burocraticamente para, assim, atribuir responsabilidade ou periculosidade aos sujeitos em julgamento. A medicina, com a psiquiatria forense, traz os argumentos científicos para que o magistrado possa inferir seu julgamento.

O propósito de decifrar a singularidade desta estrutura também é alvo de diferentes modelos psicoterápicos, que privilegiam características distintas nos fenômenos que se apresentam. Nessa ausência de unissonância, cada abordagem traz sua versão para a perversão. Todas se diferenciam da psicanálise. Para algumas a perversão é sinônimo de perversidade, para outras, classificações não são consideradas.

É importante enfatizar, mais uma vez, que não há pretensão em estabelecer uma verdade absoluta, mas distinguir a perspectiva psicanalítica das demais e, dessa maneira, nos posicionar de forma clara sobre tais discussões que levantam aspectos de transgressões sexuais e morais.

A vertente da psiquiatria apresenta a sistematização diagnóstica com abordagem sindrômica de transtornos e condições patológicas da personalidade. A categorização das entidades mórbidas, conforme critérios estabelecidos, formam uma iatrologia, uma ciência do tratamento das doenças. No âmbito sexual, os desvios são designados como parafilias. No âmbito moral ou social a perversão é designada como transtorno de personalidade perversa ou anti-social (psicopatia, sociopatia).

A atualização que os manuais nosológicos sofrem ao longo do tempo mostram sua vertente mutável e corroboram a tese lacaniana de que o saber científico é um balizador dos parâmetros aceitos socialmente. Com essas modificações, é possível confundir uma síndrome clínica (psicopatia/parafilia) com uma estrutura psíquica (perversão). A perspectiva psiquiátrica se contrapõe à psicanalítica, pois a psiquiatria privilegia a sintomatologia manifesta e a psicanálise reconhece aspectos estruturais para além da fenomenologia.

Outra vertente muito difundida é a terapia cognitivo comportamental que se baseia nos manuais nosológicos para compor seu diagnóstico e seu planejamento de atuação clínica. Esse tipo de terapia se difere da psicanálise pelo uso de instrumentos de testagens que “mensurem” em escores a normalidade ou a patologia, além de não levar em conta aspectos intrínsecos à teoria freudiana, tal como o inconsciente.

No existencialismo, há convicção da existência do livre arbítrio: o sujeito pode escolher ser quem quiser e eleger a maneira como vai atingir seus objetivos. Contudo, a liberdade precisa se adequar ao mundo. Essa teoria se contrapõe à teoria psicanalítica por considerar as questões psicológicas apenas como acontecimentos concretos resultantes das relações do sujeito que o impelem a vivenciar uma contradição do ser.

A Gestalt-terapia, a psicoterapia do aqui-agora, considera o organismo como um sistema equilibrado que funciona corretamente. Caso contrário, os desequilíbrios, que normalmente são inúmeros, devem ser corrigidos com auxílio do conceito de figura e fundo: a situação mais urgente torna-se a figura que deve ser trabalhada antes das demais. Além disso, outro ponto que se opõe à psicanálise é o abandono da teoria dos instintos e a destituição da importância das lembranças.

A última vertente abordada é a teoria humanista centrada na pessoa, que adota a postura de total aceitação e apoio ao cliente. Os psicodiagnósticos são evitados para não incorrer no risco de colocar o cliente em posição de julgamento e provocar a perda da confiança entre ele e o profissional. Seu objetivo é propiciar o desenvolvimento de um funcionamento psicológico saudável, com a retomada do processo evolutivo.

A diferença dessa abordagem para a teoria psicanalítica está, entre outros aspectos, em sua prescindibilidade em definir a estrutura clínica e realizar um diagnóstico diferencial para a melhor condução do tratamento. Para a teoria freudiana, além dessa definição ser fundamental, o estudo das estruturas clínicas também é indispensável na realização de pesquisas do campo teórico. Diferenciar o tipo de funcionamento psíquico, com seus processos e modos transferenciais, possibilita conhecer a posição do sujeito na linguagem e o mecanismo de sua escolha subjetiva.

Outro fator relevante é que, até a década de 1980, os atos considerados perversos eram aqueles executados sem culpa. Este fato concentra no sujeito perverso as possibilidades deletérias e criminais. Ainda hoje, o reflexo desse rótulo é percebido, pois associação entre perversidade e perversão é atual e amplamente utilizada, no entanto, não podemos atribuir a esses termos uma equivalência sem contestar sua validade diante dos preceitos da psicanálise.

Dessa forma, a teoria psicanalítica se diferencia da psiquiatria e das vertentes teóricas que abordam a perversão por conceber a existência do inconsciente e de uma organização invariável e complexa: as estruturas psíquicas. Dessa maneira, considera haver leis que regem funcionamentos comuns, além de operações distintas frente à angústia da castração que caracterizam a escolha subjetiva do sujeito.

Contudo, são as pesquisas no campo da linguística possibilitam clarificar a noção de estrutura em psicanálise. Isto ocorre em virtude da apropriação dos conceitos deste outro campo de saber. Para avançar em seus estudos, uma subversão é proposta: desnivelar a articulação saussuriana significante-significado mediante o privilégio da função significante, pois percebe que a significação não ocorre em um ponto específico de sua cadeia, pelo fato de

haver um deslizamento do significado sob o significante (S/s) em razão da atividade do inconsciente. Os efeitos da criação do sentido são formações do inconsciente.

À vista disso, o estudo da linguística se torna essencial, pois a linguagem é a condição fundadora do inconsciente. A noção de estrutura é reconhecida como a manifestação do significante e o sujeito é considerado em sua função por ser efeito dela. Os dois operam juntos, pois ao representar o sujeito, o significante carrega seus traços e sem ele, sua representatividade não pode existir.

Das regras comuns entre inconsciente e linguística, duas operações merecem destaque: a metáfora e a metonímia. Sobredeterminadas, correspondem, respectivamente, à condensação (*Verdichtung*) e ao deslocamento (*Verschiebung*). Além de que, se baseiam na metáfora do Nome-do-Pai, significante transmitido a partir do Desejo materno e representante da existência do lugar da cadeia significante como lei. Assim, ao metaforizar o Desejo materno, barra sua lei arbitrária e viabiliza a operação que assegura a intervenção de outra lei: a metáfora paterna. Essa lei se baseia nos complexos de Castração e de Édipo que possuem um caráter estruturante por portarem funções organizadoras do desenvolvimento psíquico, pois evitam a redução da criança a um mero objeto de desejo do Outro materno.

Esses elementos operadores são especialmente responsáveis pela definição da estrutura clínica do sujeito em suas diversas possibilidades de posicionamento frente à angústia da castração. A singularidade com que cada sujeito se configura em relação aos significantes que o estruturam, resulta em uma das três estruturas clínicas: neurose, psicose ou perversão.

Todavia, há a disposição humana ao polimorfismo perverso, fato não caracterizado como uma sintomatologia exclusiva de degenerados e doentes, mas como um traço universal, presente em cada um de nós desde a mais tenra infância. Outro aspecto não exclusivo dos sujeitos perversos são as fantasias perversas, pois também podem estar presentes em sujeitos neuróticos. Há esse tipo de fantasia em ambas estruturas, contudo, se diferenciam em inconsciente na neurose e consciente na perversão.

Contudo, há a possibilidade dessas fantasias também virem à luz da consciência e de serem postas em atos por sujeitos neuróticos. Esse fato dificulta a diferenciação estrutural no âmbito fenomenológico, pois todo neurótico possui fortes inclinações perversas, recalcadas e inconscientes no curso de seu desenvolvimento. É importante, reiterar que a presença da fantasia perversa não é indicativo de que o sujeito que a fantasie seja, ou venha a ser, um perverso.

Contudo, nas fantasias de espancamento descritas por Freud é possível distinguir um molde, um traço primário da perversão que foi originado no complexo edípico e retido com fins auto-eróticos. Esse traço torna-se evidente com o crescimento de um único componente sexual, que se desenvolve por motivos constitucionais, prematura e isoladamente. Com isso, a perversão pode persistir até a fase adulta se houver a fixação da pulsão sexual sem ação da repressão, de uma reação formativa ou da sublimação. No entanto, a perversão como estrutura (fetichista, *voyeurista*, exibicionista, masoquista e sádica) não deve ser concebida como a ação da pulsão não controlada, pois o caráter pulsional diz respeito, apenas, à perversão universal.

A delimitação da estrutura da perversão nos textos freudianos ocorre, efetivamente, em 1927, com um texto freudiano dedicado exclusivamente ao fetichismo. Nele, a clivagem que ocorre na perversão é definida pelo horror à castração e sua conseqüente recusa e se diferencia da neurose e da psicose por sua relação singular entre o eu e a realidade. *Verleugnung* é o conceito designado para representar este mecanismo fundamental, responsável por carregar o atributo ambíguo da renegação da realidade no que tange à diferença sexual.

É diante do horror frente a castração que a diferença exposta confirma a dupla condenação: a perda do objeto do desejo (a mãe) e do instrumento de prazer (o pênis). O perigo da castração torna-se efetivo.

As múltiplas possibilidades de constituição psíquica sinalizam a singularidade expressa em um complexo universal, pois ninguém passa incólume por ele, a forma com que é vivenciado deixa efeitos. Os estudos de Lacan e de Freud são convergentes: ambos defendem estar no complexo de Édipo a origem da perversão.

Dessa maneira, é possível reconhecer a importância desse complexo como um momento que define mais que gênese das neuroses. Podemos constatar também que as fixações perversas análogas à fantasia de espancamento correspondem às cicatrizes das atividades inerentes ao complexo parental. Por isso a importância de seu estudo.

É importante lembrar que as fantasias perversas foram descobertas nos neuróticos, não nos perversos. A fantasia nos permite lidar de uma forma diferente com o gozo. E a partir da fórmula da fantasia ( $\$ \langle \rangle a$ ), é possível localizar dois polos distintos:  $\$$ , caracterizando o inconsciente e  $a$  como o polo pulsional. Na neurose e na perversão, a entrada no mundo simbólico se diferencia de acordo com que polo se fixa. Na neurose, a fantasia de completude é amorosa. A perversão, de um modo particular, se fixa no polo pulsional, a fantasia de completude é de gozo.

Apesar da ênfase no polo oposto ao do neurótico, o perverso continua referido ao Outro, com a peculiaridade de se oferecer ao gozo deste. A fantasia do perverso possui um aspecto essencialmente performativo, cuja encenação deve possuir uma sequência própria, tal qual uma peça teatral ou o trailer de um filme cinematográfico.

A fantasia perversa, com sua possibilidade de extrapolação da dimensão do bem-estar, nos apresenta as vias perversas do desejo com seus aspectos paradoxais, tais como o caso clínico freudiano da jovem homossexual e o fetichismo.

Em relação à jovem homossexual, os estudos freudianos asseguram que a moça nunca havia apresentado sintomas histéricos, justamente por isso, é espantosa a eclosão de sua conduta e inusitada a instauração da perversão tardia.

A posição singular que essa jovem ocupava frente à uma denegrida dama era considerada anormal pela sociedade da época. O alvo sexual em questão, contudo, não é uma característica capaz de definir a estrutura clínica do sujeito ou confirmar a existência de algum tipo de patologia. A psicanálise sempre defendeu a inexistência de vínculo entre a homossexualidade e a estrutura perversa, pois outras características precisam se inscrever. No caso da jovem em questão, é possível verificar a formação da fixação libidinal, na medida em que o desejo se engaja nos trilhos da relação imaginária, além do aspecto metonímico de sua passagem ao ato.

O fetichismo, por sua vez, conhecido como a perversão das perversões, torna evidente a importância do objeto como causa do desejo nessa estrutura clínica. O objeto fetiche é um símbolo constituído a partir da história do sujeito que encontra sentido nos ecos metonímicos, e tem como objetivo criar uma proteção contra a castração. Esse símbolo, porém, também carrega em si uma conotação ambígua, pois ao negar a castração, torna esta ameaça uma possibilidade sempre presente. Esse fato produz uma constante manifestação de sintomas pelo frágil equilíbrio entre o assujeitamento do perverso diante do ocultamento ou da revelação da falta do falo materno. Por velar a ausência, o objeto fetiche é considerado como o símbolo da falta.

Com isso, o sujeito se divide diante da realidade que lhe é insuportável. A partir da fixação de uma lembrança temporalmente anterior à angustiante percepção da diferença sexual, um objeto ou órgão é “escolhido” como substituto simbólico do pênis que falta, o que pode desencadear o erguimento do fetiche. Essa lembrança, chamada de lembrança encobridora, se fundamenta na imagem cristalizada. É, necessariamente, uma parada no encadeamento da história do sujeito e, justamente por isso, é metonímica, pois sua história prossegue.

A suplência criada se caracteriza pela função do véu, lugar onde a imagem fixada é projetada e, desta maneira, confirma a presença do falo materno. Esse véu, que se situa à frente do objeto, é capaz de ocultar uma imagem que desperta o horror e, simultaneamente, projetar sobre si a ausência contida sob seu manto. Justamente por esse motivo, o fetiche é mais precioso do que a realidade que não deixa de se apresentar: é símbolo de algo essencial. Contudo, o objeto causa de desejo, em si, não pode ser obtido: nenhum objeto é verdadeiramente capaz de preencher a falta fundamental. Esse objeto, singular e variável, provoca no sujeito perverso uma atração irresistível. Sua presença é imperiosa para haver desejo sexual, pois cumpre a função de causa do desejo.

A satisfação do desejo perverso tem suas peculiaridades, está fadada a se realizar antes do fim do desejo ou pelo desaparecimento do objeto. Ao mesmo tempo em que possibilita seu gozo, a imposição de uma condição específica para gozar, o põe em cárcere. Porque ao desmentir a diferença sexual, uma teatralização em prol dessa recusa faz-se necessária. Como em um roteiro inflexível, as regras determinadas pelo fetichista precisam ser seguidas para que a angústia da castração possa ser evitada, mesmo que precariamente. Assim, não deve ser confundido com fantasias utilizadas para estimulação do desejo, porque há fixação e estereotipia do gozo.

Estes aspectos podem ser observados, em antecipação ao saber científico, na leitura do conto machadiano *A causa secreta* (1885). Isto porque os textos psicanalíticos destinados a abordar a perversão, surgiram algumas décadas após esta publicação de Machado de Assis.

Ao colocar lado a lado a cena literária com o saber psicanalítico é possível verificar pontos de convergências e diferenças fundamentais que marcam cada campo de saber em sua singularidade. O produto literário apresenta as cenas prontas, moldadas para criar a representação de uma realidade. O saber psicanalítico se respalda na investigação clínica para estabelecer seu campo teórico e, ao contrário da literatura, o autor da história a relata de corpo presente. Justamente por isso, o paralelo é claudicante. Por outro lado, a textualidade da cena literária é capaz de nos emprestar seu discurso para que, com essa referência, possamos evidenciar o objeto de estudo dessa pesquisa e discorrer seus traços primordiais: a estereotipia, a fixação, as encenações e o gozo perverso.

*A causa secreta*, dessa maneira, passa a ser o palco no qual Fortunato, Garcia e Maria Luísa encenam o drama ficcional. Em seu conto, Machado de Assis apresenta ao leitor personagens aparentemente comuns: um próspero capitalista, sua doce e frágil esposa e um graduando em medicina prestes a se formar. O enredo, por sua vez, descreve atos de

Fortunato que assombram sua esposa e o amigo Garcia, impactando de maneira negativa a vida da primeira e atiçando a curiosidade do segundo.

O fato de Fortunato ser bem-sucedido, admirado, socialmente aceito e adaptado, oculta o real propósito de seu frequente envolvimento com o sofrimento do outro. As testemunhas dos cuidados que ele dispensa ao desconhecido esfaqueado ou aos cáusticos na casa de saúde, não podem supor sua causa secreta.

Ainda que Garcia sinta um misto de repulsa e curiosidade pelo amigo, demora a compreender o engodo oculto em seus feitos. Somente quando presencia a prolongada e cruel tortura de um rato pode desvendar o mistério que paira em torno de Fortunato. Horrorizado, suplica o fim daquele ato, enquanto Maria Luísa foge. O carrasco, por sua vez, faz sofrer e perpetua ao máximo as desventuras aplicadas ao roedor. Garcia percebe que Fortunato frui do prazer que apenas a dor do outro pode dar-lhe. O avanço do ato brutal ultrapassa o limite do intolerável, pois o enigmático desejo sádico busca revelar a divisão do sujeito.

Concomitante a isto, Maria Luísa apresenta uma tosse preocupante que lhe subtrai a saúde. O diagnóstico da temível tísica abala Fortunato sobremaneira, pois amava sua esposa e não queria perdê-la.

Neste momento do conto, Machado de Assis descreve a báscula existente entre o amor e o gozo para o perverso. Sua fantasia é de completude de gozo e apesar de seu precário acesso à dimensão do amor, ele existe. Contudo, o perverso pode enfrentar a solidão por alguns de seus atos, pois o vínculo amoroso implica, em certa medida, a diferença e a consequente castração.

Com as complicações do estado de saúde de Maria Luísa, Garcia presencia a fruição de Fortunato frente ao sofrimento da esposa em fase terminal. Fortunato não interrompe seu gozo, ao contrário, inicia um frenesi diante dessa experiência que, para ele, é irresistível. Dessa forma, prolonga o gozo na tentativa de eternizá-lo. A manifestação da satisfação que não pode ser contida é, em verdade, uma defesa, uma subversão da lei e, ainda assim, o suporte desta. Isso porque, o exercício dessa lei detém o sujeito no caminho do gozo. É por isso que, mesmo se opondo à castração, Fortunato se depara com o limite, seja com o desencadear da peça de teatro, a melhora de Gouveia, a morte do rato ou a de Maria Luísa.

A última fruição de Fortunato, descrita por Machado de Assis, ocorre quando este flagra um beijo de Garcia na testa de Maria Luísa. Embora assombrado com a cena, a explosão de dor do amigo médico lhe é deliciosamente longa.

À vista disso, a obra machadiana torna-se palco da estereotipia do gozo de Fortunato e, de maneira formidável, apresenta as várias possibilidades da atuação perversa. Os objetos são os mais variados, mas a cena é roteirizada.

Um fato a ser destacado é que, nesse produto literário, não há referências às possíveis peculiaridades relativas a relação sexual. Esse fato, possibilita discorrer sobre a atuação perversa em outros campos, pois a simples menção do significante perversão provoca, em muitos sujeitos, a imediata associação à conotação sexual desviante.

A falta de reflexão sobre os aspectos inerentes a essa estrutura promove a deturpação do conceito. Isso só pode ser combatido com a produção do conhecimento por meio de pesquisas científicas e sua posterior disseminação. Pois ao longo desta pesquisa, foi possível verificar que a perversidade nem sempre está atrelada à perversão, podemos encontrá-la em ataques histéricos ou de fúria, ou em um surto psicótico. O que é possível apontar como exclusividade na perversão é o seu mecanismo de defesa peculiar: sua posição frente à angústia da castração e o mecanismo da renegação como resposta, a fixação e a estereotipia do gozo, a encenação de uma cena perfeita para garantir a fruição do gozo, sua subserviência ao gozo do Outro, a busca pela completude do gozo, seu contínuo fracasso por se deparar com o limite, sua relação com o Outro...

A complexidade do tema dessa pesquisa impõe um corte teórico que possibilita muitas outras indagações. É sabido que o neurótico é conduzido à análise por sua dor. Contudo, o gozo perverso também acarreta afetos que resultam em sofrimento. Pois o perverso se depara com o horror à castração, com a solidão e com a culpa. Questiono-me se os perversos que, por ventura, buscam análise são identificados em sua singular estrutura ou confundidos. Estaremos preparados para encarar a peculiaridade de seu gozo e sustentar sua análise, apesar dos impasses? Como manejar a transferência neste caso?

A psiquiatria e a psicanálise, embora tão distintas, poderiam encontrar pontos de convergência entre suas teorias, no que tange a perversão, para identificar o sujeito perverso para além dos critérios provisórios? Com aspectos sociais tão flutuantes, como saber o que é desvio e o que é aceito? Medicar um sujeito com base apenas na fenomenologia de seus atos é um tratamento ou um paliativo?

Também há as indagações a respeito da perversão na mulher, como um improvável acontecimento. Fato que põe em pauta, uma vez mais, se a anatomia é o destino.

Outro ponto a ser investigado é o amor na perversão. A obra machadiana descreve o matrimônio entre um perverso e uma mulher frágil e sensível do século XIX, cuja subserviência se estendia até a esfera jurídica. A Maria Luísa do conto, certamente, representa

muitas mulheres de sua época. Hoje, as posições sociais são outras, apesar de ainda haver muitas maria-luísas. A questão é: como o precário amor na perversão se inscreve atualmente? As relações fortuitas atuais que demandam pouco investimento amoroso facilitam a parca relação amorosa do perverso com o outro?

Outra indagação veio á tona diante de uma prática que me remete aos contos sadianos: as festas *bare* ou *barebacking*. Estas festas são promovidas em função de sujeitos que buscam a prática sexual grupal sem proteção e com a ciência de haver no grupo ao menos uma pessoa que vive com HIV. Assim como em Sade, o gozo vem atrelado ao ato sexual que condena o outro, por ser capaz de levá-lo à morte. O que versa é apenas a obediência à lei do gozo. Contudo, que sujeitos participam ou promovem encontros como esse?

Acredito ser imprescindível a produção de conhecimento sobre a teoria e a prática desta clínica singular e de seu suposto manejo diferencial. Para, desta maneira, contribuir com o *savoir-faire* de tão apaixonante exercício: a psicanálise.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sônia. *A perversão, o desejo e a pulsão*. Revista Mal-estar e Subjetividade, Vol. V, num. 2, p. 341-360, 2005.

ALVARENGA, Marco Antônio Silva; FLORES-MENDOZA, Carmen Elvira; GONTIJO, Daniel Foschetti. *Evolução do DSM quanto ao critério categorial de diagnóstico para o distúrbio da personalidade antissocial*. J. bras. psiquiatr., Rio de Janeiro, v. 58, n. 4, p. 258-266, 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0047-20852009000400007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852009000400007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 jun 2018.

ANDRE, Serge. *A impostura perversa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar E., 1995.

AZEVEDO, Ana Vicentini. (2013b). *De amores e flores: o caso da jovem homossexual de Freud*. In: JORGE, Marco Antônio Coutinho; QUINET, Antonio. *As homossexualidades na psicanálise*. São Paulo: Segmento Farma, 2013. P. 299-314.

BOUDON, Raymond. *Tratado de Sociologia*. São Paulo: Zahar, 1995.

BOURGUIGNON, André. *O conceito de renegação em Freud e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

CASTORIADIS-AULAGNIER, Pietra. *La perversión como estructura*. In: CASTORIADIS-AULAGNIER, Pietra; CLAVREUL, Jean; VALABREGA, Jean Paul et al. *La perversion*. Buenos Aires: Editorial Trieb, 1978. P. 25-50.

COELHO, Beltrão; JORGE, Cecília. *A fênix e o dragão: realidade e mito do casamento chinês*. Macau: Instituto Cultural de Macau, Editora Pública, 1988.

CURY, Bruno de Moraes; SALOMON, Vivaldi Victor Moreira. *Um olhar humanista da perversão*. Rev. NUFEN, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 154-162, 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912011000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 06 jun. 2018.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

EIDELSZTEIN, Alfredo. *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan*. Buenos Aires: Manantial, 1992.

FERRAZ, Flavio Carvalho. *Perversão*. Coleção clínica psicanalítica. 5ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FERREIRA, Nadiá Paulo. *Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística*. Revista Ágora. Espírito Santo, v. V n. 1, p. 113-132, Jan/jun 2002.

\_\_\_\_\_. *A teoria do amor na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FERREIRA, Nadiá Paulo. *Malditos, obscenos e trágicos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FINGERMANN, Dominique; DIAS, Mauro Mendes. *Por causa do pior*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FONTENELE, Laéria. “Estrutura e estruturas clínicas: fundamentos freudianos no ensino de Jacques Lacan”. In: FERREIRA, Nadiá Paulo; Leite, Julia Cristina Tosto (Org.). *Clínica e estrutura*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 1999.

FREUD, Sigmund. (1890) *Tratamiento psíquico (tratamiento del alma)*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. I.

\_\_\_\_\_. (1893-1895). *Estudios sobre la histeria (Breuer y Freud)*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. II.

\_\_\_\_\_. (1900). *La interpretación de los sueños*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. IV.

\_\_\_\_\_. (1900 [1901]). *La interpretación de los sueños*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. V.

\_\_\_\_\_. (1901). *Psicopatología de la vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. VI.

\_\_\_\_\_. (1905[1901]). *Fragmento de análisis de un caso de histeria*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. VII.

FREUD, Sigmund. (1905). *Tres ensayos de teoría sexual*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. VII.

\_\_\_\_\_. (1906 [1905]). *Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. VII.

\_\_\_\_\_. (1907). *El esclarecimiento sexual del niño (Carta abierta al doctor M. Fürst)*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. IX.

\_\_\_\_\_. (1908 [1907]). *El creador literario y el fantaseo*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. IX.

\_\_\_\_\_. (1908). *La moral sexual “cultural” y la nerviosidad moderna*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. IX.

\_\_\_\_\_. (1908). *Sobre las teorías sexuales infantiles*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. IX.

\_\_\_\_\_. (1909). *Análisis de la fobia de un niño de cinco años*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. X.

\_\_\_\_\_. (1910). *Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XI.

FREUD, Sigmund. (1914). *Introducción del narcisismo*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1915). *Pulsiones y destinos de pulsión*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1917 [1915]). *Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1919). *Pegan a un niño. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XVII.

\_\_\_\_\_. (1919). *Lo ominoso*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XVII.

\_\_\_\_\_. (1920). *Más allá del principio de placer*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XVIII.

\_\_\_\_\_. (1920a). *Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XVIII.

\_\_\_\_\_. (1923). *La organización genital infantil (Una interpolación en la teoría de la sexualidad)*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XIX.

\_\_\_\_\_. (1924a). *El problema económico del masoquismo*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XIX.

\_\_\_\_\_. (1924b). *El sepultamiento del complejo de Edipo*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XIX.

\_\_\_\_\_. (1924c). *La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XIX.

\_\_\_\_\_. (1925). *Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XIX.

\_\_\_\_\_. (1927). *Fetichismo*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XXI.

\_\_\_\_\_. (1930-1931). *El dictamen de la Facultad en el proceso Halsmann*. In: *Escritos breves*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XXI.

\_\_\_\_\_. (1932-1936). “31° conferencia. La descomposición de la personalidad Psíquica”. In: *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. Vol. XXII.

\_\_\_\_\_. (1940 [1922]). “La cabeza de Medusa”. In: *Escritos breves*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XVIII.

\_\_\_\_\_. (1940[1938]). *La escisión del yo en el proceso defensivo*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992, vol. XXIII.

HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

HEGENBERG, Leonidas. *Doença: um estudo filosófico* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998.

HELSINGER, Luis Alberto. *O tempo do gozo e a gozação: a temporalidade na perversão*. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

IRMEN, Friedrich; BEAU, Albin Eduard. *Langenscheidts Taschenwörterbuch der Portugiesischen und Deutschen Sprache*. 13ª ed. Berlin: Langenscheidt, 1995.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. v.1.

\_\_\_\_\_. *A travessia da fantasia na neurose e na perversão*. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 29, p. 29-37, set. 2006. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372006000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 12 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. v. 2.

JORGE, Marco Antônio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. *Freud, o criador da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JORGE, Marco Antônio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. *Lacan: o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. “A clínica da fantasia”. In: FERREIRA, Nadiá Paulo; Leite, Julia Cristina Tosto. *Clínica e estrutura*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

JUSTAMAND, Michel. *Corpos em evidência: cenas corpóreas antropomorfas rupestres em São Raimundo Nonato (PI)*. *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, [S.l.], n. 7, jul. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/10384/7731>>. Acesso em: 09 maio 2018.

KLEIN, Cornelis; DUTROW, Bárbara. *Manual de ciências minerais*. 23ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2012.

KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis*. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 387-392, June 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142009000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142009000200012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jan. 2018.

LACAN, Jacques. (1938) “Os complexos familiares na formação do indivíduo”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 29-90.

\_\_\_\_\_. (1948) “A agressividade em psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 104-126.

LACAN, Jacques. (1949) “O estágio do espelho como formador da função do eu”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

\_\_\_\_\_. (1958). “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 591-652.

\_\_\_\_\_. (1950[a]) “Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 127-131.

\_\_\_\_\_. (1950[b]) “Premissas a todo desenvolvimento possível da criminologia”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 127-151.

\_\_\_\_\_. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 238-324.

\_\_\_\_\_. (1953-1954). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. (1954-1955). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. (1956-1957). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. (1957-1958). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. (1958-1959). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

\_\_\_\_\_. (1960). “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 653-691.

\_\_\_\_\_. (1962) “Kant com Sade”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 776-803.

\_\_\_\_\_. (1962-1963) *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. (1964) *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. (1966a) “A ciência e a verdade”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 869-892.

\_\_\_\_\_. (1966b). De nossos antecedentes. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 69-76.

\_\_\_\_\_. (1966c) “O lugar da psicanálise na medicina”. In: *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (32). São Paulo: Edições Eólia, 2001.

LACAN, Jacques. (1966d) “Respostas a estudantes de filosofia”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 210-218.

\_\_\_\_\_. (1966e) “Pequeno discurso no ORTF”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 226-231.

LANTERI-LAURA, Georges. *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

LORDELLO, Josette Magalhães. *Entre o Reino de Deus e dos Homens: a secularização do casamento no Brasil do século XIX*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

MANSO, Rita. “Porque estrutura e psicanálise?”. In: ELIA, Luciano; MANSO, Rita. *Estrutura e psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia de Freud: PGPSA/IP/UERJ, 2012.

MARTINHO, Maria Helena Coutinho. *Perversão: um fazer gozar*. 2011. 339 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro primeiro: o processo de produção do Capital. v. I. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira; 1980.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A Correspondência completa de Sigmund Freud para Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MIELI, Paola. (2013a) “Uma nota sobre a diferenciação estrutural de Freud entre neurose e perversão”. In: JORGE, Marco Antônio Coutinho; QUINET, Antonio (Org.). *As homossexualidades na psicanálise*. São Paulo: Segmento Farma, 2013. P. 217-228.

MIGUEL-PEREIRA, Lucia. *Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

MILLER, Jacques-Alain. *A lógica na direção da cura*. Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano, 1995.

MILLER, Jacques-Alain. *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MURICY, Kátia. *A razão cética – Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: 1955.

NUNES, Laura Maria Cerqueira Marinha. *Crime-psicopatia, sociopatia e personalidade anti-social*. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2009. P. 152-161.

PERLS, Friederich Salomon. *Gestalt-Terapia Explicada*. Col. Novas Buscas em Psicoterapia. São Paulo: Summus, 1977.

PRIBERAM. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Priberam, 2011. Edição em português do Brasil para Kindle.

QUINET, Antonio. (2013c). “Homossexualidades em Freud”. In: JORGE, Marco Antônio Coutinho; QUINET, Antonio. *As homossexualidades na psicanálise*. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 89-105.

ROCHA, Fernando Antônio Nogueira Galvão. *Direito Penal. Parte Geral*. 2ª Ed. Ver atual. E ampl. – Belo Horizonte: Del Rey. 2007.

ROGERS, Carl. *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes Editores. 1977.

ROUDINESCO, Elizabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo; Livraria Duas Cidades, 1977.

SHIMABUKURO, Heloisa Satsiko Devulsky; CALDAS, Heloísa. *Fantasia e Violência: quando o sujeito atua seu pathos*. VI Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, 2014, Belo Horizonte. Anais - Trabalhos Completos / Mesas Redondas, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. (1819). *O mundo como vontade e como representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SPOHR, Bianca; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Bases epistemológicas da antipsiquiatria: a influência do Existencialismo de Sartre*. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 15, n. 2, p. 115-125, dez. 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672009000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 06 jun. 2018.

SILVA, Luciano de Souza; CISNEIROS, Daniela. *Cenas coletivas de violência humana nas pinturas rupestres pré-históricas da área arqueológica Serra da Capivara – PI*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n. 23, p. 19-33, dec. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/106994/105566>>. Acesso em: 08 mai 2018.

STEPKE, Fernando Lolos. *Fundamentos de uma antropologia bioética: o apropriado, o bom e o justo*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2007.

TEIXEIRA, José Antônio Carvalho. *Introdução à psicoterapia existencial*. Análise Psicológica, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 289-309, jul. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312006000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 jun. 2018.

TELFORD, Charles Witt; SAWREY, James. *O indivíduo excepcional*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

TENÓRIO, Carlene Maria Dias. *As psicopatologias como distúrbios das funções do self: uma construção teórica na abordagem gestáltica*. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 18, n. 2, p. 224-232, dez. 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672012000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 abr. 2018.

VALAS, Patrick. *Freud e a perversão*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

VANCE, Carole. *A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico*. Physis, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-32, 1995. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73311995000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311995000100001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 24 abr. 2018.

VELHO, Gilberto. *O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social*. In: Desvio e divergência: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. p. 11-28.

\_\_\_\_\_. *Relações entre a antropologia e a psiquiatria*. In: Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1987. p. 93-102.

WAHRIG-BURFEIND, Renate. *Wahrig, dicionário semibilíngue para brasileiros – Alemão*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

ZIMERMAN, David Epelbaum. *Etimologia de Termos Psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed, 2012.